



Márcio Simeone Henriques
Laura Nayara Pimenta
(ORG.)

COMUNICAÇÃO,
JUVENTUDES E
CIDADANIA NO VALE
DO JEQUITINHONHA

Márcio Simeone Henriques
Laura Nayara Pimenta
(O R G .)

ENCONTROS:

**COMUNICAÇÃO,
JUVENTUDES E
CIDADANIA NO VALE
DO JEQUITINHONHA**

Associação Imagem Comunitária

Belo Horizonte

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)
PROGRAMA POLO DE INTEGRAÇÃO DA UFMG NO VALE DO JEQUITINHONHA
Coordenadora // *Maria das Dores Pimentel Nogueira*

PROJETO ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA
Coordenador // *Márcio Simeone Henriques*

Produção editorial // *Associação Imagem Comunitária*
Revisão e normalização // *Priscila Justina*
Projeto gráfico, *letterings* e diagramação // *Priscila Justina*
Ilustrações // *Mila Barone*

E56 Encontros : comunicação, juventudes e cidadania no Vale de Jequitinhonha / Márcio Simeone Henriques, Laura Pimenta organizadores. – Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária, 2019.
180 p.: il.

Coletânea de depoimentos e ensaios do Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha.
ISBN 978-85-69479-15-4

1. Comunicação. 2. Desenvolvimento social. I. Henriques, Márcio Simeone, org. II. Pimenta, Laura, org. III. Título. IV. Série.

CDU: 316.7
CDD: 302

UM VELHINHO
UM SONHO BOM

TRANSCRIÇÃO: **Glauber Gomes de Souza**

*Poderia existir um futuro sem um passado?
Por que então o abismo entre gerações, meu povo?
É estranho ser Comunicador e não comunicar com o passado
Temos que aprender com o nosso passado
Colheremos o que plantamos, se não desistirmos é um fato.*

*Sou criança, sou menino, sou da puberdade
Sou adolescente, pungente, sou jovem e descrente em meios aos desafios
Sou adulto carente de afagos da história, sou idoso perplexo, sou a Memória*

*Em uma sociedade em que o idoso não ocupa lugar de destaque
Em uma família em que o valor de uma conversa, deixa pra lá, esqueci até o sotaque
Não sei cantigas, brincadeiras, causos nem contos
Quem me ensinaria se ao invés de valorizar as pessoas valorizamos as coisas
Os nossos patriarcas não são coisas*

Acorde, meu Vale

Diga, povo do Jequitinhonha, o que vós escutais?

Levar a vida no celular, na conexão, jamais foi a única solução

Parece óbvio para alguns, mas não para muitos sem noção

Estamos perdendo nossa identidade

Quem conhece as suas raízes parentais?

Não vi, não escutei, não convivi

Não conheço, não preocupo, o que foi que perdi?

Perder eu não perdi, mas estou perdendo

Oportunidade de reencontrar comigo mesmo

Resgatar minhas, nossas Memórias

Ah, Vovô, que saudade daquele papo

Só agora percebi o significado do "Ikigai"

É acordar todas as manhãs e ter uma razão

Colocar os bons velinhos em outra situação

Hoje sou um Velinho, sou também um Sonho Bom

UM VALE INTEIRO DE COMUNICADORES...

O Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha (ECVJ) é um movimento. Nele se reúne gente diversa que se denomina “comunicadores” e “comunicadoras”, qualquer pessoa que se identifique com a proposta de produzir comunicação como informação, mediação, encontro e, principalmente, como proposta cultural e política. Em tempos de midiatização, não poderia ser diferente o interesse pelas mídias e pelo que elas podem influenciar, no dia a dia e na história de uma região inteira. O Encontro capta especialmente o interesse das juventudes em se reunir e em realizar processos de criação e produção colaborativos. Assim, uma vez iniciada a congregação dessa gente, pelos idos de 2012, uma roda que não para começou a girar. Até 2018 foram sete encontros, apenas uma parte visível de

uma intensa conexão e mobilização que foi-se formando e afirmando, conquistando um espaço importante na paisagem do Jequitinhonha. É um trabalho contínuo no qual a Universidade foi uma estimuladora e parceira, a partir das políticas de extensão que reúnem pessoas e instituições em um grande mutirão.

Com esta publicação queremos registrar um pouco da história do Encontro de Comunicadores e evidenciar sua importância para a região, para os processos de construção da cidadania, para o empoderamento dos públicos (especialmente dos jovens), para a Universidade, para as entidades parceiras e, sobretudo, para a vida de cada pessoa envolvida neste processo. Dizemos que é apenas um pouco da história, porque uma experiência desse tamanho e riqueza jamais poderia caber nestas páginas. Aqui trazemos depoimentos de quem atendeu ao nosso convite para contar a experiência em seu ponto de vista e, com isso, atestar o poder de transformação que esse processo exerceu em suas próprias vidas e na região do Vale do Jequitinhonha. Mas há também todo um rico acervo de produções, que falam por si, há resultados palpáveis em novas conexões e iniciativas, as quais não conseguiremos mapear todas e, mais importante, marcas importantes na memória de muita gente que nisso se envolveu.

Importante consignar a decisiva contribuição da Profa. Graziela Mello Vianna, do Departamento de Comunicação Social (DCS) da UFMG, co-coordenadora do projeto, co-organizadora das três primeiras edições do evento e

coordenadora do 4º ECVJ, sem a qual esta empreitada não teria o mesmo alcance e sucesso, e da Profa. Ângela Maria Zamin, docente visitante do DCS/UFMG com residência na Extensão Universitária, que assumiu sua coordenação executiva na segunda edição. Também cabe a menção mais que especial à Coordenadora do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, Marizinha Nogueira, que não mediu esforços para viabilizar os encontros e sempre renovou o entusiasmo das nossas equipes. Também registramos e agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, à qual se vincula o Programa Polo Jequitinhonha (em especial pelo suporte logístico e pelo financiamento do Programa de Apoio Integrado a Eventos – PAIE). Destacamos o fundamental aporte de recursos feito através do Programa de Extensão Universitária (ProExt), do Ministério da Educação, que possibilitou a grande arrancada da iniciativa e a sua consolidação, e a fecunda e sólida parceria das ONGs Associação Imagem Comunitária e Oficina de Imagens, que, além de ajudarem a viabilizar o evento, foram grandes artífices na mobilização dos participantes e na colaboração sempre inteligente, instigante e generosa para com os comunicadores e comunicadoras do Vale.

A lista de pessoas e instituições envolvidas no processo às quais precisaríamos agradecer é tão imensa que não teríamos suficiente espaço, mas ao fazermos uma menção especial a todas(os) as(os) estudantes, atuais e passados, que participaram do ECVJ, na condição de bolsistas ou voluntárias(os), jovens que se dedicaram a um alegre compromisso com o Vale, estendemos a cada

uma das pessoas que apostaram no movimento, as que verdadeiramente lhe deram feição.

Organizamos essa publicação em três partes. Na primeira, que denominamos T R A J E T Ó R I A , fazemos uma recuperação da memória do ECVJ e de sua proposta como uma experiência de Extensão Universitária, que, afinal, marca as nossas próprias vivências acadêmicas na Universidade Federal de Minas Gerais. Na segunda, P R E S E N Ç A , registram-se os perfis de cada um dos sete encontros realizados. A terceira e última parte reúne testemunhos e depoimentos, e por isso a chamamos de M A R C A S . São exemplares das impressões de pessoas diversas que, com sua presença, fizeram essa trajetória incomum e que demonstram a potência criadora dos encontros que definitivamente nos marcam e transformam ao longo da vida.

*Márcio Simeone Henriques
Laura Nayara Pimenta
(Organizadores)*



SUMÁRIO

TRAJETÓRIA

- 12** Uma história de mobilização social e de protagonismo do Vale – **Márcio Simeone Henriques**
- 21** Encontro de Comunicadores: uma experiência de extensão e comunicação – **Laura Nayara Pimenta**

PRESENÇA

- 35** ECVJ 1
- 38** ECVJ 2
- 41** ECVJ 3
- 44** ECVJ 4
- 47** ECVJ 5
- 51** ECVJ 6
- 55** ECVJ 7
- 58** Galeria de cartazes e Carta de Medina

MARCAS

- 72** Ana Karina de Carvalho Oliveira
- 80** Andrette Ferraz
- 83** Ângela Freire
- 95** Glaubert Gomes de Souza
- 101** Jô Pinto
- 106** Lucas Silva Martins
- 112** Luís Santiago
- 128** Rafael Alves de Oliveira
- 133** Bruna Bezerra Lubambo Maia
- 133** Bruno Vieira
- 138** Sâmia Bechelane Cordeiro de Melo
- 145** Ágatha de Souza Azevedo
- 156** Cristiano Landa Prado
- 159** Júlia Eliazar Brito
- 168** Vivian de Almeida Andrade

EPÍLOGO

- 171** Conexão Oropa França e Vale: um percurso de volta às paisagens sonoras do Vale do Jequitinhonha – **Graziela Mello Vianna**

TRAJE -TÓRIA

COMUNICA
AQUI,

COMUNICA
ACOLÁ,

COMUNICA
ASSIM,

COMUNICA NO
JEQUI.

UMA HISTÓRIA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL E DE PROTAGONISMO DO VALE

Márcio Simeone Henriques

A proposta de realização de um encontro dos comunicadores do Vale do Jequitinhonha veio de uma década de interação e de intenso trabalho em variados projetos do Programa Polo Jequitinhonha. A inserção da Comunicação no Programa Polo deu-se em duas frentes distintas: seja em projetos de extensão próprios da área, seja no suporte comunicacional às atividades dos demais projetos. Isso possibilitou uma atuação em variados modos e contextos e uma proximidade com veículos e com produtores de comunicação na região. O projeto interdisciplinar “Lixo e Cidadania” (2002-2004), por exemplo, atuando no Médio Vale do Jequitinhonha, originou

um trabalho extensivo e sistemático de levantamento da mídia local – inicialmente em dezesseis municípios, o que posteriormente se ampliou para trinta.

Os primeiros projetos, dentro da noção de Suporte de Comunicação, inseriram as parcerias para produção colaborativa como um eixo metodológico importante, acentuando um caráter pedagógico do fazer comunicacional que marcaria todas as iniciativas posteriores. Com isso, multiplicaram-se as oficinas de produção sonora, impressa e audiovisual. De início, destacaram-se as atividades voltadas para produção radiofônica, acompanhando o grande incremento na implantação de rádios comunitárias na região. As demandas do Polo Jequitinhonha passaram a ser acompanhadas por atividades formativas e, assim, foram realizadas oficinas em dezenas de cidades, que auxiliaram na capacitação para a produção sonora e na possibilidade ampla de veiculação de materiais de interesse público gerados no âmbito dos projetos.

O crescimento das demandas por criação audiovisual viria a dar novo impulso a essa movimentação, principalmente pelo interesse do público mais jovem, já atento às possibilidades de comunicação abertas com a proliferação das rádios locais e, posteriormente, do acesso à internet. São essas juventudes, em sua animada diversidade, que vieram trazer um impulso enorme às iniciativas de comunicação local nos últimos anos. Os formatos foram também diversos: atendendo às demandas de projetos sociais, de escolas, do movimento cultural do Vale ou simplesmente de

grupos constituídos autonomamente. Importante destacar que a ligação com os projetos sociais gerou importantes efeitos na ampliação da visão de cidadania e de direitos. A articulação com o movimento cultural, por seu turno, criou uma perspectiva de produção colaborativa sem precedentes.

A produção sonora ganhou força com a criação do projeto Vozes do Vale. Inicialmente voltava-se exclusivamente para a produção radiofônica colaborativa com diversos grupos do Vale, para veiculação na programação da Rádio UFMG Educativa. Depois ampliou-se com o intuito de articular a criação sonora em formato de *podcasts* com a veiculação em internet e em emissoras de rádio, trabalhando basicamente com os jovens. Em toda a história do Polo Jequitinhonha foi o projeto de maior capilaridade, alcançando 52 municípios da região.

Toda essa movimentação fez com que os projetos de extensão específicos do Polo se voltassem para o apoio aos grupos juvenis, comunitários e culturais, financiados por programas do Ministério da Educação voltados para a extensão universitária (o ProExt). Para além dos processos formativos e colaborativos, tiveram como objetivo estabelecer conexões entre estes diversos grupos. Exemplo disso foi o projeto Rede de Juventudes no Médio Vale do Jequitinhonha (2009-2010). Ao mesmo tempo, diversos projetos de comunicação vinham sendo realizados por outras instituições, públicas ou não governamentais. A Associação Imagem Comunitária (AIC) auxiliou na criação de núcleos de audiovisual do Médio Vale e, desde então, mantém uma sólida parceria com o Polo,

que se estendeu a propostas de assessoria de comunicação colaborativa. Esse tipo de trabalho foi realizado com êxito em edições do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (o Festivale), em 2009, 2010 e 2011 e também nos projetos Agência de Comunicação Solidária no Vale do Jequitinhonha (entre 2010 e 2012), com assessorias colaborativas para os eventos comemorativos dos 200 anos da cidade de Jequitinhonha e dos 50 anos de Itaobim.

Foi no contexto da intensificação desses projetos colaborativos, todos realizados com jovens da região, e da intensa movimentação promovida por outros projetos mobilizadores, que foi proposto o primeiro Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha. Assinale-se também a filiação à época de muitos jovens e coletivos da região na Rede de Comunicadores do Semiárido, estimulada pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Tudo isso contribui para gerar a base sobre a qual se assentaria a proposta de congregar comunicadores. Na criação do projeto de assessoria de comunicação colaborativa para as comemorações de Itaobim 50 Anos, a Prefeitura daquela cidade prontamente acolheu a ideia de iniciar o ano comemorativo (2012) com a promoção do ECVJ, em conjunto com a UFMG. Para isso, duas entidades foram decisivas na co-promoção do evento: a já mencionada AIC e a Oficina de Imagens (ONG com sede em Belo Horizonte que também já possuía larga atuação em projetos de comunicação no Vale). O sucesso do Encontro não seria possível também sem a adesão de primeira hora de grupos culturais e diversas entidades locais com os quais o Polo Jequitinhonha já vinha mantendo intensa colaboração, tanto em projetos de comunicação quanto em atividades de outras áreas.

MOBILIZAÇÃO E COLABORAÇÃO

A ideia do Encontro foi a de agregar pessoas e grupos diversificados em torno das questões da comunicação do Vale e também reunir produções em formatos bem diferentes, desde os mais tradicionais até os emergentes, como as de mídias digitais. É certo que os públicos mais jovens desde logo se empolgaram com as novas possibilidades de expressão e de conexão e, desde logo, tornaram-se os maiores interessados no evento e em sua oferta formativa. Além disso, o ECVJ tornou-se um importante eixo para catalisar as práticas colaborativas – sendo, ele mesmo, resultado de um grande processo de cooperação. A soma de esforços, como um grande mutirão, permitiu que a iniciativa resultasse numa mobilização ainda maior.

O que se viu, a partir do 1º ECVJ, foi um grande estímulo a vários grupos, menos ou mais organizados, à produção e um interesse cada vez maior em refletir sobre a realidade da comunicação nos dias atuais, principalmente no que se refere às mudanças políticas e culturais. Era inevitável que alguns grupos e projetos, mais articulados, desejassem a continuidade do evento, de forma itinerante, ponto de convergência de um movimento nascente. O apoio da Universidade seria, então, decisivo para ajudar a consolidar essas articulações. Assim, nessa rede de parceiros, viabilizaram-se os encontros posteriores: Capelinha, Jequitinhonha, Pedra Azul, Medina e Cachoeira de Pajeú.

As discussões preliminares, realizadas em campo pela equipe do Polo, foram importantes para definir a estrutura de programação do evento inaugural, prevendo oficinas formativas, mesas-redondas e debates. Da mesma forma, as edições posteriores foram resultado de muitas conversas e articulações, da escuta permanente dos grupos e entidades parceiras a cada oportunidade de trabalho em campo das equipes da UFMG. Também de conversas entre as entidades co-promotoras (UFMG, Oficina de Imagens e AIC). Assim, o ECVJ veio sendo algo em permanente construção. O envolvimento cada vez maior dos grupos via redes sociais digitais facilitou o debate prévio e a mobilização, permitindo alargar o alcance das contribuições para definição das temáticas, apurar novas demandas e ampliar a convocação.

CONSOLIDAÇÃO E PROTAGONISMO

Ao crescimento do evento e sua consolidação, correspondeu o amadurecimento de vários grupos e o reforço do nascente movimento de comunicadores. Também cresceu o interesse de novos municípios se integrarem à rede e de promoverem o evento. Com este crescimento veio também a preocupação do Polo e dos parceiros em dotar o movimento e o Encontro de maior autonomia, por meio do protagonismo dos atores do próprio Vale. Dessa forma, desde 2015 a mobilização passou a ser orientada para fortalecer os laços entre os atores locais e implantar a ideia de uma gestão autônoma e colaborativa para o evento e na condução do movimento. Um dos passos importantes nesse sentido foi a elaboração de um marco

político, com a discussão e elaboração de um manifesto, aprovado na quinta edição do Encontro, em 2016, a chamada “Carta de Medina”. Aquele foi o primeiro documento a reunir algumas das preocupações dos participantes e a esboçar algumas propostas em torno das quais se daria a continuidade do movimento.

Enfrentando o desafio de uma construção ainda mais compartilhada e autônoma, a 6ª edição, em 2017, resultou na constituição de uma Comissão Gestora do ECVJ, encarregada de planejar e realizar os encontros seguintes. Foi um grande desafio, tanto de dar maior personalidade ao evento e ampliar sua atuação e seu sentido coletivo quanto de articular as possíveis colaborações, a captação de recursos e a geração de novas parcerias. Com isso, reconfiguram-se os papéis de todos os parceiros, que continuam assumindo o compromisso de colaborar nessa nova etapa. Foi com essa proposta que se realizou, em fevereiro de 2018, a 7.ª edição do Encontro, na cidade de Taiobeiras. O sucesso do encontro, que reuniu mais de 180 participantes de dezessete cidades, foi um marco no estabelecimento de uma nova relação entre os parceiros, incluindo a Universidade e o Programa Polo Jequitinhonha.

LEGADOS E PERSPECTIVAS

Um legado importante dos encontros até agora realizados é a capacidade de reunir pessoas em torno da comunicação, como eixo central para a geração de novas sociabilidades,

de formas de expressão de ação cotidiana inovadoras. O que se viu até então são juventudes sedentas por conhecer as possibilidades que se abrem para tudo isso, que buscam alternativas e dispõem-se a repensar as velhas bandeiras e a abraçar outras questões emergentes. Observa-se que a visão local e regional em termos de tradição cultural persiste, é respeitada por sua história de intervenção social e política, mas vem sendo constantemente reelaborada à luz da criatividade das novas gerações, que lutam por espaço. Há um profundo desejo de ultrapassar as velhas formas políticas, os estigmas e preconceitos, as dependências e a constante imposição de soluções exógenas.

A pauta de discussões é extensa. Estamos falando de uma realidade regional que ainda tem que lidar com inúmeras dificuldades econômicas, sociais e políticas e com problemas específicos como a precariedade das redes de transportes e telecomunicações. Contudo, para além das peculiaridades regionais, a comunicação é uma questão central à democracia e à cidadania em qualquer parte e estabelece o elo com o mundo cotidiano, com a produção e circulação do conhecimento e cria os nexos entre as dimensões particulares e universais. O que os comunicadores do Vale, participantes esporádicos ou contínuos desse movimento, parecem perceber muito bem é que a comunicação não se encerra em fazeres especializados, sendo algo que perpassa todas as esferas da vida. O evento não foi imaginado como um congresso de profissionais ou especialistas. Pode, é claro, abrangê-los, mas se estende a qualquer pessoa que por isso se interesse. O mundo atual, cada vez mais tecnificado e

midiatizado, desafia esse entendimento mais simples e trivial da comunicação. Entretanto, como um grande laboratório, o ECVJ tem proporcionado a chance de se exercitarem as mais diversas formas de efetivar a comunicação, desde as mais ancestrais, mesclando-as às mais contemporâneas. O fator comum, no entanto, é sempre a criação (e as recriações).

Todo esse movimento se abre, então, para o futuro. Ele será o que os comunicadores do Vale desejarem, sejam quais forem as formas de encontro propostas. O que realmente há de importar é o sentido coletivo do fazer comunicativo, as possibilidades renovadas de diálogo e cooperação. E também uma visão sempre atenta ao que possa ameaçar tudo isso.

ENCONTRO DE COMUNICADORES: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO E COMUNICAÇÃO

Laura Nayara Pimenta

Em conformidade com as diretrizes da extensão universitária brasileira, que, segundo Nogueira (2000, p. 11) “é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”, o Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha se constitui como um programa de desenvolvimento regional que objetiva integrar, de forma interdisciplinar, ações de diversas unidades acadêmicas da própria Universidade, de outras instituições de ensino superior e de representantes das diversas esferas do poder público ao conhecimento e à

prática dos movimentos sociais, dos grupos culturais, dos produtores rurais e dos coletivos juvenis da região do Vale.

Este amplo território mesorregional a nordeste do Estado de Minas Gerais contém aproximadamente 980 mil habitantes, distribuídos em 75 municípios (IBGE, 2010), uma região de enorme diversidade humana, que abriga diferentes paisagens e climas e apresenta distintos fatores de desenvolvimento econômico e social.

Fiando-se na premissa de que a Extensão, conforme Nogueira (2000), deve se fundar nas prioridades da região em que atua, sensibilizando-se às necessidades e às atividades da sociedade para ir além do pensamento de que a universidade é detentora de um saber pronto e acabado a oferecer, o Programa Polo tem em suas diretrizes realizar um trabalho *com* a população local e não *para* ela, suscitando um protagonismo das comunidades em que atua. A busca por essa integração efetiva entre a Universidade e a sociedade demandou, por sua vez, ações estruturadas e planejadas de comunicação a médio e longo prazo. Além da produção de informações relevantes aos projetos e aos atores locais do Vale, era necessário pensar em maneiras efetivas de compartilhamento dessas informações, com vistas à criação e ao fortalecimento de vínculos entre o Programa Polo e seus diversos públicos. Tal demanda levou o Polo Jequitinhonha a criar, em 2003, seu Suporte de Comunicação, um projeto de extensão específico que ainda hoje acolhe estudantes de graduação em Comunicação

Social da própria Universidade, orientados por um docente ou discente da pós-graduação do mesmo Departamento.

Diferentemente de uma mera dimensão transmissiva, linear e simplista dos processos comunicativos (FRANÇA, 2003), que se pauta apenas pela publicização de informações sobre o Programa, o Suporte coloca-se como um lugar de mediação entre os diversos atores que compõem a rede de atuação do Programa. Nesse esquema, a comunicação relaciona a objetividade do mundo e a subjetividade dos agentes a “uma atividade organizante, mediada simbolicamente, realizada conjuntamente pelos membros de uma comunidade de linguagem e de ação no quadro da coordenação de suas ações práticas” (QUÉRÉ, 1991, p. 75). Assim, a comunicação é entendida como “uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista partilhado” (QUÉRÉ, 1991, p. 76), sendo concebida como um dos elementos constitutivos dos processos mobilizadores que caracterizam a atuação do Programa Polo, à medida que contribuiu para a criação e o fortalecimento de vínculos entre os públicos envolvidos e o projeto mobilizador (HENRIQUES, 2004).

Ao analisarmos o caso dos Encontros de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha, podemos perceber que estes são extremamente importantes para a criação de novos laços e o fortalecimento dos que já estão estabelecidos entre o Programa Polo e os diversos parceiros da região, como coletivos, veículos de comunicação e grupos do movimento cultural. A partir desses eventos, a rede de

comunicadores da região, atuante em jornais, rádios comunitárias e mídias alternativas, tem a oportunidade de debater os problemas enfrentados na produção midiática no Vale e as possíveis soluções para esses entraves. Além disso, os Encontros propiciaram a criação de novos projetos a partir da articulação das ideias discutidas, como é o caso da antiga TV Jequi, que se transformou em Redondo Centro Multimídia, envolvendo os jovens da cidade de Jequitinhonha no desenvolvimento de diversas produções audiovisuais e gráficas. É importante também salientar a importância da consolidação das ações dos projetos vinculados ao Polo e das parcerias entre o Programa e o DCS com as ONGs Oficina de Imagens e Associação Imagem Comunitária (AIC).

Assegurando ações em conformidade com as diretrizes da Extensão Universitária, que confirma que esta deve ser vista como uma via de mão dupla, o ECVJ possibilita a troca entre os saberes populares e acadêmicos, garantindo à comunidade acessibilidade aos conhecimentos gerados na Universidade e sensibilizando-se às necessidades percebidas pela rede de comunicadores da região. A partir disso, o evento gera debates e novas oportunidades de mudança tanto no cenário comunicacional da região quanto no retorno trazido à Universidade através das relações estabelecidas com os atores sociais do Vale.

Ao congregar também um público de jovens comunicadores, o evento se constitui como um estímulo para a atuação destes, especialmente nas novas mídias, favorecendo sua expressão autônoma e inserindo uma preocupação com as

questões éticas e de responsabilidade cidadã. O envolvimento das equipes dos projetos de extensão, agregando bolsistas e voluntários, proporciona importante oportunidade de aprendizado aos alunos do Curso de Comunicação Social, ampliando-se a visão de sala de aula, de espaço de produção teórico-abstrata, numa dimensão tradicional, para se considerar sala de aula todo espaço, dentro ou fora da universidade, onde se realiza o processo histórico social, onde professores e alunos são sujeitos do ato de aprender e de produzir conhecimentos, no confronto com a realidade.

A seguir, conto um pouquinho das minhas experiências nesses anos de coordenação executiva do ECVJ, que coincidem com minha trajetória na Universidade.

ENCONTRO DE AFETOS, RESISTÊNCIAS E INTERVENÇÕES

Nos idos de 2013, ano em que ingressei no mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociabilidade da UFMG, recebi um convite inesperado do professor Márcio Simeone Henriques, meu então orientador. Márcio me convidou para assumir a co-coordenação do Suporte de Comunicação do Programa Polo Jequitinhonha, no lugar da professora Ângela Zamin, então professora visitante que deixaria a UFMG dali a poucas semanas.

Depois de cinco anos trabalhando no setor de engenharia sanitária, devido à minha formação técnica, decidi deixar a minha estabilidade financeira e me aventurar no trabalho do

Polo Jequitinhonha. Aceitei o convite do Márcio com muita alegria e vontade de trabalhar!

Em agosto de 2013 comecei minhas atividades no Polo trabalhando na equipe de organização do seminário Visões do Vale, que aconteceu em Turmalina. Logo depois do Visões, intensificaram-se as reuniões internas para o planejamento do 3º Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha. Até então, eu não sabia absolutamente nada sobre o evento. Estava conhecendo-o, apreendendo suas características e os diversos passos de seu planejamento. Foi então que fiz minha primeira viagem sozinha para o Vale. Fui enviada para a cidade de Jequitinhonha, para conversar com o pessoal da TV Jequi sobre a estrutura para o 3º Encontro, bem como verificar todos os espaços em que aconteceriam as atividades previstas.

Foram doze horas dentro do ônibus da Gontijo, sem ao menos saber onde era Jequitinhonha. Meu desespero era passar da cidade, já que a linha do ônibus era Belo Horizonte–Salto da Divisa. Mas deu tudo certo. Quando o ônibus parou em Itaobim, que até então eu também não conhecia, fiquei sabendo que Jequitinhonha era a próxima parada. Lá desembarquei e me encontrei com Rafael Matos, membro da comissão organizadora local, que estava empolgadíssimo com a realização do Encontro em sua cidade.

Os preparativos continuaram a todo vapor, até às vésperas do Encontro. Tudo estava indo bem. Tomás German e Júlia Brito, que eram bolsistas do Polo na época, fizeram

bloquinhos de anotações artesanais; os equipamentos já estavam todos separados; *banners* e certificados impressos; materiais para as oficinas prontos. Mas as coisas na UFMG são um tanto quanto complexas. No dia anterior à nossa viagem, recebemos uma ligação do Setor de Transporte da Universidade, afirmando que os motoristas do micro-ônibus em que viajaríamos não iriam fazer a viagem, pois as famigeradas diárias ainda não tinham sido depositadas.

Que desespero! Eu fiquei apavorada. Achei o cúmulo do absurdo. Já estava tudo planejado, faltavam dois dias para o início do evento, como aquilo podia acontecer?

Era o “X-1” acontecendo. Márcio já estava acostumado, soube como agir. No final das contas, embarcamos rumo a Jequitinhonha.

Mas a viagem não podia ser totalmente tranquila. Faz parte do Encontro termos muitas aventuras no percurso. Todos estavam percebendo que o micro-ônibus não andava muito bem. Parecia que a qualquer momento ele iria pifar. Dito e feito. Paramos em Governador Valadares para consertar o sistema de ar comprimido, dentre outras coisas, do nosso querido veículo. Foram horas parados no posto de gasolina. O termômetro local marcava 50 °C. Eu olhava para o asfalto e ele parecia estar derretido. Mas, deu tudo certo novamente. O micro-ônibus foi consertado e seguimos viagem.

Ao chegar em Jequitinhonha, ver a empolgação do pessoal da TV Jequi fez todo o cansaço ir embora. Já no outro dia

de manhã, percorri todos os espaços com eles, limpamos e decoramos o salão do Rotary Club para a abertura, compramos os itens para o *coffee break*. Foi também nesse dia a primeira vez que eu vi a chuva não chegar ao chão – de tanto calor que fazia. Tudo estava pronto quando as delegações das cidades começaram a chegar. Para mim, aquilo tudo parecia uma grande festa de família. As pessoas se conheciam, se abraçavam, comemoravam. Nunca tinha visto algo desse tipo!

O 3º ECVJ foi ótimo. Para quem está na produção, o que é o meu caso, sempre há muita correria para ver se as coisas estão indo bem, para providenciar o que está faltando, para verificar horários de almoço e jantar, organização de alojamento, dentre outras coisas. Mas, no final das contas, tudo correu bem. Na plenária final, a cidade de Pedra Azul foi escolhida como próxima sede e grande parte dos participantes avaliou positivamente o evento. Regressamos com a sensação de dever cumprido para Belo Horizonte e já pensando no próximo Encontro.

Para a preparação da quarta edição, o Polo Jequitinhonha realizou várias oficinas formativas e reuniões de planejamento na cidade de Pedra Azul. Na primeira vez em que viajei para lá, fiquei simplesmente maravilhada. Ver aquele horizonte, que misturava a paisagem do semiárido com pedras gigantes de granito, e encontrar, no meio delas, a charmosa cidade, foi encantador. Assim que chegamos, fomos à casa de Luís Santiago, grande escritor, historiador e pesquisador do Vale. Fiquei encantada com a quantidade de livros e com a

sabedoria de Luís. Não bastassem essas surpresas, visitei uma das supostas casas do famoso Bicho da Carneira.

Depois de muita preparação, o 4º ECVJ chegou e foi maravilhoso. Os meninos do CEDEDICA-Vale trabalharam arduamente para organizar as salas das oficinas e os espaços de abertura e discussão. Dentre eles, uma figura interessante merece ser destacada – Tales Bandeira. Na época com 14 anos, Tales tinha uma vontade e engajamento político de admirar. Ainda menino, sonhava em ser prefeito de Pedra Azul e criar políticas para desenvolver sua amada cidade. Tales, e muitos outros amigos do Vale, são sempre uma inspiração de engajamento para mim.

Foi também no 4º Encontro que tivemos um espaço de debate diferenciado, em praça pública, integrando outro projeto que já vinha sendo feito na cidade – o Ocupe a Praça. A discussão sobre o genocídio da juventude negra e o potencial que a comunicação tem para mudar esse cenário deu o tom da noite, que se encerrou com uma mostra cultural animada.

Para fechar essa edição, os participantes debateram, na plenária final, a necessidade de protagonismo e a importância dos coletivos para a articulação da rede de comunicadores do Vale. Na tentativa de fomentar esse amadurecimento da rede, marcamos uma reunião com representantes dos coletivos interessados em dar continuidade ao Encontro e que se propuseram a sediar a edição seguinte. Essa reunião ocorreu em Medina, no dia 21 de março de 2015, e, após

uma acalorada discussão, chegamos ao consenso de que dentre as três cidades candidatas para sediar o 5º Encontro – Medina, Cachoeira de Pajeú e Rubim – Medina era a que apresentava as melhores condições. Todavia, sugerimos que a cidade de Cachoeira de Pajeú fosse a sede do 6º ECVJ, em 2017, para que, até lá, pudéssemos desenvolver mais ações formativas na cidade.

Eis que começamos os trabalhos em Medina. Mais uma vez fui surpreendida pela intensidade e articulação desse povo do Vale. Tanto era o desejo da cidade em receber o Encontro e fazer com que ele acontecesse da melhor forma possível que uma comissão organizadora composta por todas as organizações não governamentais e pelas principais secretarias municipais foi composta.

Representantes da ONG Menina Dança, da Associação Comunitária do Município de Medina, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Medina, do Centro de Convivência Arco-Íris, das secretarias municipais de Assistência Social, Educação e Transporte se articularam para preparar o 5º ECVJ, em parceria com a juventude local. Assim como nas edições anteriores, fizemos oficinas formativas e reuniões de planejamento. Numa dessas oficinas, conhecemos o menino Bruno, figura que marcou nossas viagens a Medina com suas histórias e peculiaridades.

Chegando ao período do evento, todos estávamos apreensivos com as fortes chuvas. Na realidade, o ano de 2015 foi de intensa seca em Minas Gerais, o que levou

Medina ao estado de calamidade pública inúmeras vezes. Porém, como que por bênção dos céus, em janeiro de 2016 a chuva resolveu vir com toda força. Os grandes temporais e enxurradas foram constantes nos três dias do Encontro. Além da bênção que é a chuva para a população, nos deparamos com o milagre da articulação e do companheirismo.

Em decorrência das fortes chuvas, as atividades que estavam previstas para as áreas externas tiveram que ser canceladas. A energia de algumas áreas caiu, impossibilitando as atividades de algumas oficinas, e uma zona da cidade ficou alagada. Esse é um verdadeiro cenário de horror para quem organiza um evento. Contudo, mesmo debaixo de chuva e sem energia elétrica, os participantes não desanimaram. Todas as oficinas aconteceram e elaboraram produtos para a mostra. A equipe de organização trabalhou intensamente para realocar as atividades e tudo deu certo no final. Lembrar desse verdadeiro milagre que aconteceu em Medina sempre me emociona. É uma prova de que, trabalhando juntos e com compromisso, as coisas dão certo.

Após o Encontro de Medina, eu me afastei do Polo Jequitinhonha para me dedicar à minha pesquisa de doutorado. Márcio seguiu com as articulações com o pessoal de Cachoeira de Pajeú e, no meio do segundo semestre de 2016, me convocou para a coordenação executiva do evento. Foi aí que fiz minha primeira viagem para Cachoeira de Pajeú. Mais uma vez aquela paisagem deslumbrante, aquelas pedras majestosas.

Cachoeira de Pajeú fica bem no meio das montanhas. Não tem nem ônibus que chegue até lá. **É** uma dessas cidadezinhas “perdidas” no mapa de Minas Gerais. Mas uma coisa temos que assumir: que charmosa é essa cidade. O povo de Cachoeira vive em outra velocidade, com um cotidiano que rememora outras épocas. E foi nesse cenário que o 6º Encontro de Comunicadores aconteceu.

A Prefeitura Municipal de Cachoeira de Pajeú mobilizou grande parte das suas secretarias para a organização do evento. Cerca de oitenta pessoas da cidade trabalharam para preparar as refeições, decorar os espaços coletivos, cuidar da limpeza dos locais e recepcionar os participantes. Foi um Encontro maravilhoso. Tudo fluiu com uma tranquilidade que eu nunca vi nos Encontros anteriores. A organização local estava impecável. Além disso, as discussões feitas na mostra das oficinas marcaram a cidade. Creio que existia uma Cachoeira de Pajeú antes do Encontro. Outra surgiu depois que mais de 180 participantes oriundos de 27 cidades da região passaram por lá, deixando suas opiniões e impressões.

O 6º ECVJ foi o último em que o Polo Jequitinhonha atuou como organizador. Agora, depois de formada uma comissão gestora, o evento está nas mãos dos comunicadores e comunicadoras do Vale. Eu desejo profundamente que consigam se articular e dar continuidade ao Encontro, pois muitos frutos ele gerou, muitos pensamentos ele modificou.

Nesses quatro anos à frente da produção e organização do Encontro, só tenho a agradecer pelo aprendizado e pelas

pessoas maravilhosas que passaram pelo meu caminho e que hoje são grandes amigas. Que o Encontro de Comunicadores se expanda para esse Vale do Jequitinhonha e possa gerar transformações. Gratidão!

REFERÊNCIAS

FRANÇA, Vera R. Veiga. L. QUÉRÉ: dos modelos da comunicação.

Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 37-51, dez. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/CkD8LV>>. Acesso em: 4 set. 2018.

HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Comunicação e Mobilização Social, 1).

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA.

Censo 2010. 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Extensão universitária:** diretrizes conceituais e políticas. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987-2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

PRE-
SENÇA

SETE ANOS DE
ENCONTRO DE
COMUNICADORES



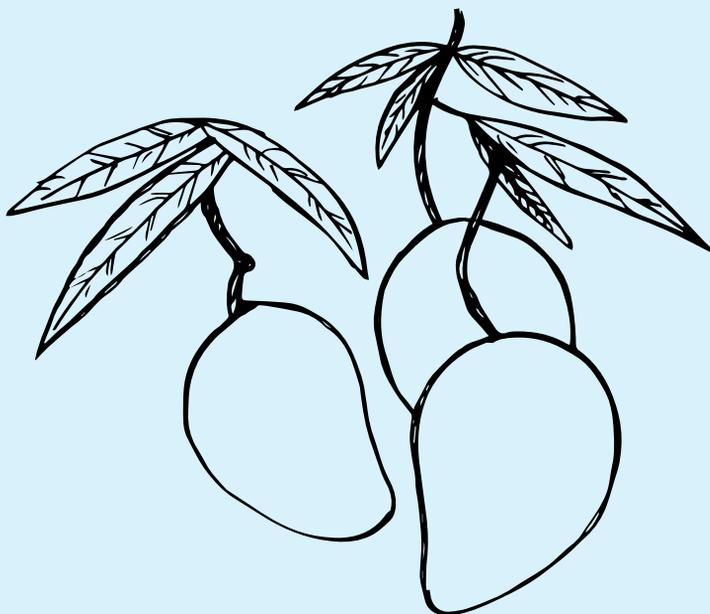
**ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO
JEQUITINHONHA 1**

**DEMOCRATIZAÇÃO
DOS MEIOS DE
COMUNICAÇÃO**

REALIZAÇÃO: 27-28 DE
JANEIRO DE 2012

SEDE: ITAOBIM

PARTICIPANTES: 120



CIDADES PRESENTES

*Almenara, Angelândia,
Araçuaí, Berilo, Capelinha,
Coronel Murta, Diamantina,
Franciscópolis, Fronteira dos
Vales, Itinga, Jequitinhonha,
Jordânia, Mata Verde, Medina,
Novo Cruzeiro, Padre Paraíso,
Pedra Azul, Ponto dos
Volantes, Rio Vermelho, Rubim,
Salinas, Salto da Divisa,
Taiobeiras, Teófilo Otoni*

OFICINAS

AUDIOVISUAL PARA WEB
Sâmia Bechelane Cordeiro de
Melo, Israel Campos
(Palestina) (AIC)
COMUNICAÇÃO PARA
MOBILIZAÇÃO SOCIAL
Conrado Barbosa Moreira
(UFMG)
MÍDIAS SOCIAIS, WEB E
COMUNICAÇÃO
Marcos Donizetti, Reginaldo
Alves (Oficina de Imagens)
MÍDIA TÁTICA
Bruno Vieira dos Santos,
Danúbia Gardênia (Oficina de
Imagens)

RADIOJORNALISMO

Caio Paranhos (UFMG)
REDAÇÃO JORNALÍSTICA
Luís Carlos Mendes Santiago
(historiador)

MESAS DE DEBATE

Acesso público às mídias

História do jornalismo
e das mídias no Vale do
Jequitinhonha

Possibilidades da
comunicação nos tempos
das mídias digitais

Possibilidades de acesso e
democratização dos meios
de comunicação

PALESTRANTES

Álbano Silveira (Banu)
(Capelinha)
Eliás Santos (UFMG)
Gildásio Jardim (Padre
Paraíso)
Graziela Mello Vianna
(UFMG)

Luís Carlos Mendes Santiago
(Pedra Azul)

Marcus Vinícius (Itaobim)

Maria Beatriz Bretas (UFMG)

Willian Nascimento (Pedra
Azul)

INSTITUIÇÕES

Associação Imagem

Comunitária, Casa da

Juventude de Itaobim, Oficina

de Imagens, Prefeitura

Municipal de Itaobim, UFMG

BOLSISTAS DO POLO JEQUITINHONHA

Bruna Bezerra Lubambo

Maia, Conrado Barbosa

Moreira, Eveline Xavier

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

Andrette Ferraz, Autierus

Pereira, Braulier Pereira,

Breno Cardoso, Luciano

Cardoso, Maria Aparecida do

Santos Queiroz (Lia), Valdeir

Silva

COORDENAÇÃO

Graziela Valadares Gomes

de Mello Vianna, Márcio

Simeone Henriques (todos

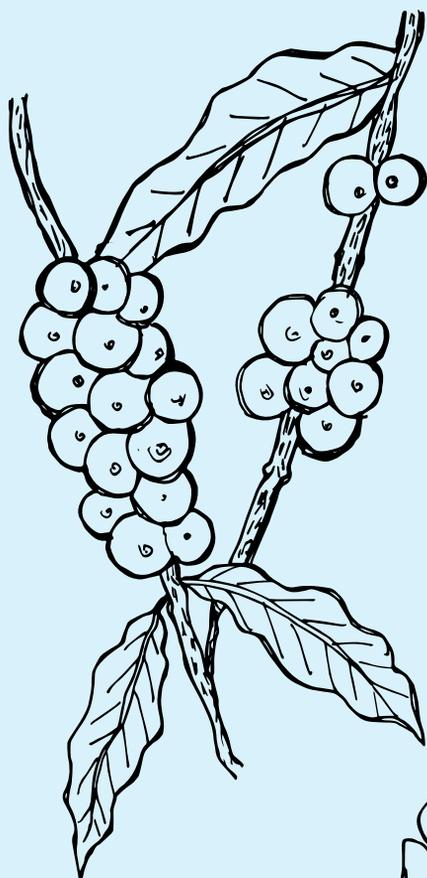
UFMG)



**ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO
JEQUITINHONHA 2**

**ACESSO À
COMUNICAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL E
CULTURAL DO VALE**

REALIZAÇÃO: 1 A 3 DE
MARÇO DE 2013
SEDE: CAPELINHA
PARTICIPANTES: 134



CIDADES PRESENTES

*Almenara, Araçuaí, Catuji,
Diamantina, Franciscópolis,
Jequitinhonha, Joáima,
Itaobim, Itinga, Medina, Minas
Novas, Novo Cruzeiro, Padre
Paraíso, Pedra Azul, Ponto dos
Volantes, Rio Vermelho, Rubim,
Turmalina*

OFICINAS

FORMATAÇÃO DE PROJETOS
CULTURAIS

Fernanda Miranda (UFMG)

FOTOJORNALISMO

Marina de Melo Marinho

Brochado

MÍDIAS SOCIAIS

Leandro Augusto Borges Lima

MÍDIA TÁTICA

Bruno Vieira dos Santos,

Danúbia Gardênia (AIC)

STOP-MOTION

Bruna Bezerra Lubambo

Maia, Sâmia Bechelane

Cordeiro de Melo (AIC)

VÍDEO

Marcos Donizetti (Oficina de
Imagens)

WEBJORNALISMO

HIPERLOCAL

Carlos Frederico d' Andréa
(UFMG)

GRUPOS DE DISCUSSÃO E COORDENADORES

ACESSO AOS MEIOS, DIREITO
À COMUNICAÇÃO

Sâmia Bechelane Cordeiro
de Melo (AIC), Ângela Freire
(Araçuaí)

DILEMAS ÉTICOS

Carlos Frederico d'Andréa
(UFMG), Luís Carlos Mendes
Santiago (Pedra Azul)

ESPAÇO PÚBLICO

Bruna Bezerra Lubambo Maia
(AIC), Álbano Machado (Blog
Banu)

PRIVACIDADE NA WEB

Leandro Augusto Borges

Lima (UFMG), Rafael Evaristo
(Rádio Matraca – Capelinha)

RÁDIO: NOVOS CAMINHOS,
PÚBLICOS E FORMATOS
Graziela Valadares Gomes de
Mello Vianna (UFMG), Valmir
Sebastião Neves (Rádio
Aranãs – Capelinha)

**PALESTRANTES
DO PAINEL DE
ABERTURA “ACESSO
À COMUNICAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL E CULTURAL DO
VALE”**

Armando Pereira Ribeiro
(Padre Paraíso)
Bruno Vieira dos Santos
(Oficina de Imagens)
Hélio Souza (Capelinha)
Janaína Patrocínio (JPZ
Comunicação)
Luciano Silveira (Araçuaí)

**BOLSISTAS DO POLO
JEQUITINHONHA**

José Henrique Pires de
Azevedo, Raissa Fernandes

Faria, Samuel Rezende
Quintero, Tomás Soares
Pereira German

**COMISSÃO
ORGANIZADORA LOCAL**

Álvaro Machado, Hélio
Souza, Leonar Barbosa
Ferreira, Reginaldo Rodrigues

COORDENAÇÃO

Ângela Maria Zamin, Graziela
Valadares Gomes de Mello
Vianna, Márcio Simeone
Henriques (todos UFMG)

INSTITUIÇÕES

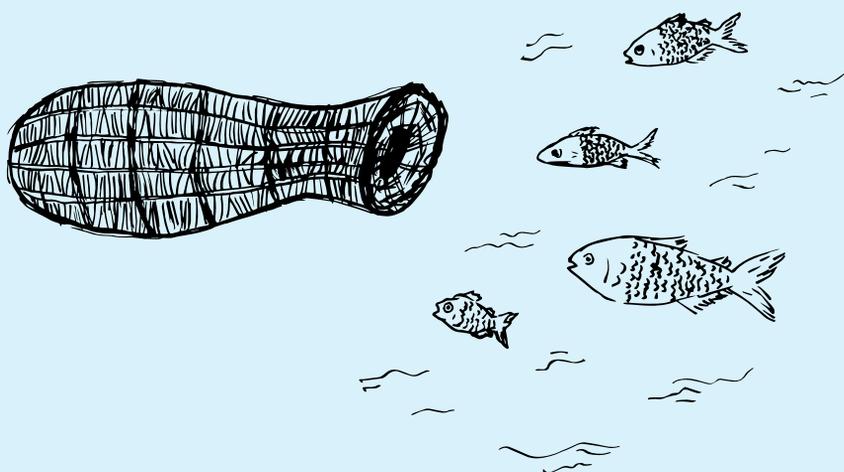
Associação Imagem
Comunitária, Oficina de
Imagens, UFMG, Prefeitura
Municipal de Capelinha,
Câmara de Vereadores de
Capelinha, Galpão Cultural,
Criasom Instituto Cultural,
Rádio Aranãs FM, Escola
Estadual Geralda Otoni



ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA 3

COMO TRAZER O COMUNITÁRIO PARA A COMUNICAÇÃO? O QUE HÁ DE COMUNITÁRIO NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA?

REALIZAÇÃO: 23 A 25 DE
JANEIRO DE 2014
SEDE: JEQUITINHONHA
PARTICIPANTES: 120



CIDADES PRESENTES

*Araçuaí, Bandeira, Berilo, Catuji,
Mucuri (BA), Itaobim, Itinga,
Medina, Padre Paraíso, Pedra
Azul, Ponto dos Volantes, Rubim,
Taiobeiras*

OFICINAS

FOTOGRAFIA

Letícia Lopes da Silveira
(AIC), Tomás Soares Pereira
German (UFMG)

INTERVENÇÕES EM CENA: O NOME DISSO É RUA

Rodrigo Francisco Corrêa de
Oliveira (Oficina de Imagens),
Israel Campos (Palestina)

MÍDIAS SOCIAIS, WEB

ATIVISMO E COMUNICAÇÃO
Bruno Vieira dos Santos,
Tayrone Pascoal Alves de
Andrade (Oficina de Imagens)

PRODUÇÃO CULTURAL

Larissa Scarpelli Viana

PROPAGANDA EDUCATIVA

DE RÁDIO

Delânzia Aparecida Junho,
Levy Guimarães Alves
(UFMG)

RÁDIO COMUNITÁRIA

Cleiber Pacífico (Rádio
UFMG)

STOP-MOTION

Bruna Bezerra Lubambo
Maia, Sâmia Bechelane
Cordeiro de Melo Cordeiro de
Melo (AIC)

MESAS DE DEBATE

Como trazer o comunitário
para a comunicação? O
que há de comunitário na
comunicação comunitária?

Relatos de experiência em
Comunicação no Vale do
Jequitinhonha

PALESTRANTES

Felipe Matos (Jequitinhonha)
Jô Pinto (Itinga)
José Otelino (Itinga)

Rafael Matos (Jequitinhonha)
Sâmia Bechelane Cordeiro de
Melo (AIC)
Willian Nascimento (Pedra
Azul)

BOLSISTAS DO POLO JEQUITINHONHA

Cristiane de Souza Duarte,
Delânzia Aparecida Junho,
Julia Eliazar Brito, Leonardo
José de Lima Melgaço, Levy
Guimarães Alves, Samuel
Rezende Quintero, Tomás
Soares Pereira German

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

Breno Antunes, Felipe Matos,
Karine Dias, Rafael Matos,
Ruvenes Ferraz, Sara Aguilar,
Yane Pereira

COORDENAÇÃO

Graziela Valadares Gomes de
Mello Vianna, Laura Nayara
Pimenta, Márcio Simeone
Henriques (todos UFMG)

INSTITUIÇÕES

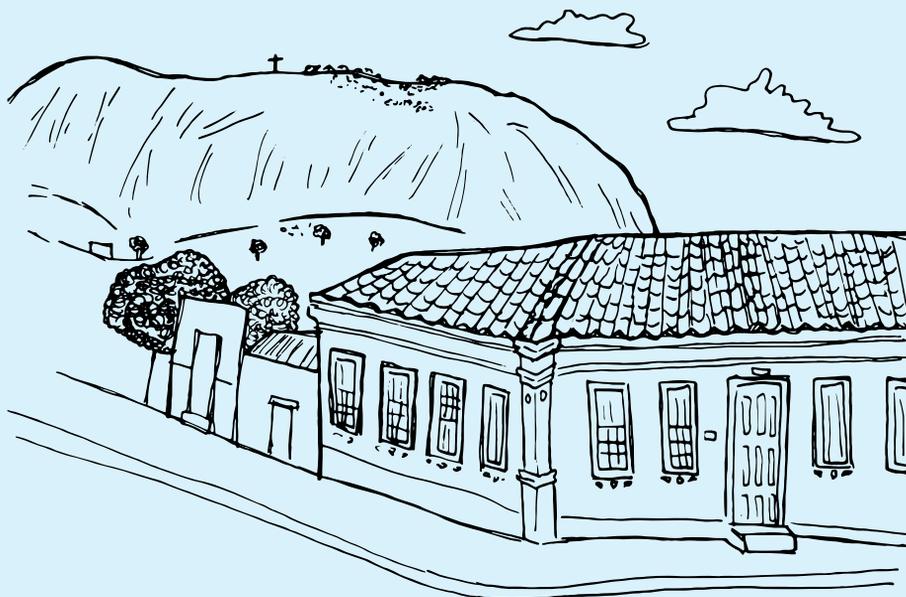
Secretaria Municipal de
Cultura de Jequitinhonha, TV
Jequi, Associação Imagem
Comunitária, Oficina de
Imagens, UFMG



**ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO
JEQUITINHONHA 4**

**ESTAMOS
CONECTAD@S?**

REALIZAÇÃO: 23 A 25 DE
JANEIRO DE 2015
SEDE: PEDRA AZUL
PARTICIPANTES: 115



CIDADES PRESENTES

Almenara, Berilo, Cachoeira do Pajeú, Carai, Itaobim, Mucuri (BA), Jequitinhonha, Medina, Padre Paraíso, Pedra Azul, Rubim, Taiobeiras, Virgem da Lapa

OFICINAS

COBERTURA MIDIÁTICA

Carolina Abreu, Bárbara Pansardi (Oficina de Imagens)

EDIÇÃO DE IMAGEM COM O SOFTWARE ADOBE LIGHTROOM

Roberta Firmino, Pedro Ivo (UFMG)

FOTOGRAFIA NÃO

PROFISSIONAL

Letícia Lopes, Vanessa Costa (AIC)

GRAFITE

Pedro Virgílio Ferreira Bruno (Pedro Ninja) (UFMG)

MÍDIA TÁTICA /

INTERVENÇÃO DE RUA

Tayrone Pascoal Alves de Andrade, Fernanda Godinho, João Paulo Mendes (Oficina de Imagens)

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS INDEPENDENTES

Bruna Bezerra Lubambo Maia, Sâmia Bechelane Cordeiro de Melo (AIC)

WEB JORNALISMO

Karinny de Magalhães (Mídia Ninja)

WEB RÁDIO

Lidyane Barbosa, Vivian Santos, Petra Fantini (UFMG)

MESAS DE DEBATE

Comunicação alternativa: formas de se comunicar que fogem ao convencional

Discussão da rede: estamos mesmo conectados?

Ocupe a Praça

PALESTRANTES

Ana Karina de Carvalho
Oliveira (UFMG)

Bruno Vieira dos Santos
(Oficina de Imagens)

Júlia Marinho (Oficina de
Imagens)

Kairinny de Magalhães (Mídia
Ninja)

Nathália Santos (Pedra Azul)

Pedro Virgílio Ferreira Bruno
(UFMG)

Tales Bandeira (Pedra Azul)

Thiago Perco (Pedra Azul)

BOLSISTAS DO POLO

JEQUITINHONHA

Ágatha Souza Azevedo,
Lidyane Júnia Barbosa,
Pedro Ivo Leal, Petra Fantini,
Roberta Firmino da Silva,
Tatiana Adriano de Sousa,
Vivian de Almeida Andrade

COMISSÃO

ORGANIZADORA LOCAL

Gabriel Vieira, Marco Antônio
Ruas, Mateus Damasceno,
Nadja Rodrigues, Nathália
Santos, Tales Bandeira,

Thiago Perco, William
Nascimento

COORDENAÇÃO

Graziela Valadares Gomes de
Mello Vianna, Laura Nayara
Pimenta, Márcio Simeone
Henriques (todos UFMG)

INSTITUIÇÕES

Associação Imagem
Comunitária, CEDEDICA-
Vale, Mídia Ninja, Oficina
de Imagens, Secretaria
Municipal de Cultura de
Pedra Azul, UFMG



**ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO
JEQUITINHONHA 5**

**CRIAR +
COMPARTILHAR =
COMUNICAR**

REALIZAÇÃO: 22 A 24 DE
JANEIRO DE 2016
SEDE: MEDINA
PARTICIPANTES: 150



CIDADES PRESENTES

*Águas Formosas, Almenara,
Araçuaí, Bandeira, Berilo,
Cachoeira do Pajeú,
Comercinho, Itaobim, Itinga,
Jequitinhonha, Novo Cruzeiro,
Padre Paraíso, Pedra Azul,
Ponto dos Volantes, Rubim,
Salto da Divisa, Taiobeiras*

OFICINAS

AUDIODRAMA

Carolina Gonçalves, Ulisses
Oliveira (ambos UFMG)

COBERTURA MIDIÁTICA

Bárbara Pansardi, Marina
Brochado (ambas Oficina
de Imagens), Felipe Matos
(Redondo)

DIAGNÓSTICO DE RELAÇÕES COMUNICATIVAS

Raissa Fernandes, Sâmia
Bechelane Cordeiro de Melo
(ambas AIC)

EDIÇÃO E PRODUÇÃO

AUDIOVISUAL

Elaíny Carmona (Itaobim),
Fábio Barbosa (UFMG)

FOTOGRAFIA

Eveline Xavier (AIC), Gabriel
Vieira (CEDEDICA)

GRAFITE

Pedro Virgílio Ferreira Bruno
(Pedro Ninja) (UFMG)

MÍDIA TÁTICA

Fernanda Godinho, Rhizia
Ramos, Tayrone Pascoal
Alves de Andrade (todos
Oficina de Imagens)

OUTROS FORMATOS

POSSÍVEIS DE

TELEJORNALISMO

Aline Frazão, Leandro Lopes
(ambos Rede Minas)

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS

INDEPENDENTES

Bruna Bezerra Lubambo
Maia, Camila Barone (ambas
AIC)

STORYTELLING

Maria Aparecida Moura
(UFMG)

MESAS DE DEBATE

Bárbara Pansardi (Oficina de Imagens), Caio Paranhos (UFMG), Rafaela Lima (AIC), Sâmia Bechelane Cordeiro de Melo (AIC)

PALESTRANTES

Bárbara Pansardi (Oficina de Imagens), Caio Paranhos (UFMG), Rafaela Lima (AIC), Sâmia Bechelane Cordeiro de Melo (AIC).

COORDENAÇÃO

Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna, Laura Nayara Pimenta, Márcio Simeone Henriques (todos UFMG)

BOLSISTAS DO POLO JEQUITINHONHA

Carolina Resende Gonçalves, Fábio Barbosa de Oliveira, Ulisses de Oliveira

COMISSÃO

ORGANIZADORA LOCAL

Figueiredo Ferreira, Ricardo Teixeira, Rita de Cássia M. P. Ramos, Rodrigo Evangelista Aderbal Sodrê Pacheco Júnior, Agenildo Evangelista Moura, Alex Souza Rodrigues, Camila R. Gonçalves, Carla Mariane C. Batista, Carlos André Vieira, Cecília Viana Aguiar, Cenilton Fernandes de Sousa, Cristina G. de Aguiar, Daniela Xavier, Edjane P. Costa, Eduarda Pereira S. Silva, Frank Ribeiro Silva, Gabriel Batista, Herlândio Mendes Chaves Júnior, Ingrid Luana Rodrigues Santos, Ingrid Natany Silva Santos, Jailson Pereira Costa, Jardel Mendes Ferreira, Jerusa Mendes Ferreira, Jokasta Quaresma Sena Ruas, Jucimário M. Pereira, Juliene Lopes S. Aguiar, Karina Batista dos Santos, Katiane P. R. Silva, Katrine Evangelista de Moura, Kauã David F. Dias, Laila Alves

da Silva, Leonardo Santos
Costa, Letícia Santos Coelho,
Mara Rúbia Meireles Sena,
Maria Aparecida dos Santos
Queiroz, Mateus Ferreira
Souza, Paula Caroline Souza
Neres, Payrla Crisleyn Souza
Neres, Rafael Pereira de
Sousa, Raique Feliciano
Neves Smit, Reinaldo Gil
Gomes, Renata Ferraz
Figueiredo Ferreira, Ricardo
Teixeira, Rita de Cássia M. P.
Ramos, Rodrigo Evangelista
Moura, Tayrane Neres, Vítor
Gabriel Rodrigues Santos,
Wector Vandaique Rodrigues
Meira, Wellington Gomes
Martins, Wesley Ledres de
Oliveira, Wesley Rodrigues,
Wilson Júnior Costa Silva,
Yuri Ferreira

das Juventudes, Oficina
de Imagens, ONG Menina
Dança, Prefeitura Municipal
de Medina, Rede Minas,
UFMG

INSTITUIÇÕES

Associação Comunitária
do Município de Medina,
Associação de Pais e
Amigos dos Excepcionais de
Medina, Associação Imagem
Comunitária, Centro de
Convivência Arco-Íris, Fórum



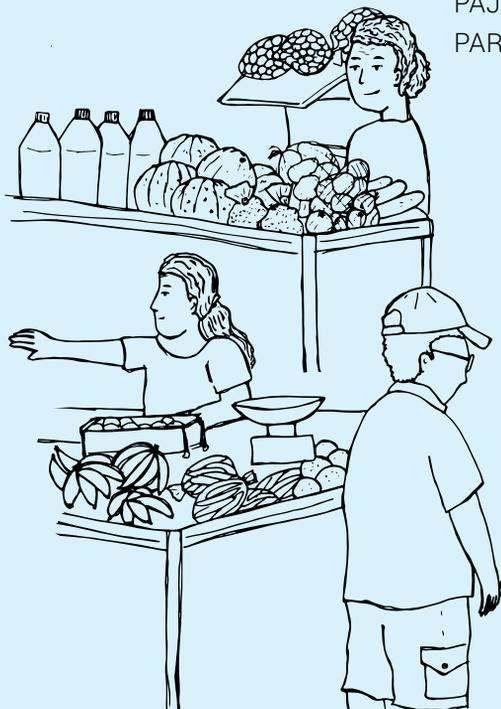
**ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO
JEQUITINHONHA 6**

**COMUNICAÇÃO,
MEMÓRIA E
TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL**

REALIZAÇÃO: 27 A 29 DE
JANEIRO DE 2017

SEDE: CACHOEIRA DE
PAJEÚ

PARTICIPANTES: 180



CIDADES PRESENTES

Águas Formosas, Almenara, Araçuaí, Bandeira, Belo Horizonte, Cachoeira de Pajeú, Campinas, Capelinha, Curral de Dentro, Governador Valadares, Itaobim, Itinga, Jequitinhonha, Medina, Montes Claros, Mucuri (BA), Nova Viçosa (BA), Pedra Azul, Ponto dos Volantes, Rubim, Salto da Divisa, Taiobeiras, Teófilo Otoni

OFICINAS

CINECLUBISMO E EDUCAÇÃO
Débora Faria, Rhizia Ramos,
Yalle Santos (todos OI)

COBERTURA MIDIÁTICA
Felipe Martins (Redondo),
Elaíny Carmona (Itaobim)

EDIÇÃO E PRODUÇÃO
AUDIOVISUAL
Fábio Barbosa (UFMG),
Gabriel Vieira (Pedra Azul)

FOTOGRAFIA
Adriana Galuppo, Eveline
Xavier (ambas AIC)

GRAFITE
Iury Ramalho (ASCAI)

LOCUÇÃO E TÉCNICA VOCAL
Duda Ramos (Rádio
Inconfidência)

MÍDIA TÁTICA
Tayrone Pascoal Alves de
Andrade, Ludnéia Lino,
Luciene Matoso (todos
Oficina de Imagens)

MOBILIZAÇÃO SOCIAL COM
CRIAÇÃO DE LAMBE-LAMBES
Raissa Fernandes, Bruna
Bezerra Lubambo Maia
(ambas AIC)

REDES SOCIAIS: DESIGN E
CONTEÚDO
Camila Barone, Jéssica
Kawaguiski, Alga Marina
(todas AIC), Willy Martins
(Casa da Juventude de
Itaobim)

MESAS DE DEBATE

Memórias da comunicação
do Vale do Jequitinhonha

Comunicação, memória e transformação social

PALESTRANTES

Ângela Freire, Jô Pinto, Felipe Matos, Tadeu Martins Soares

BOLSISTAS DO POLO JEQUITINHONHA

Beatriz Monteiro, Fábio Barbosa de Oliveira, Nathália Vargens

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

Adinei Santos, Adna Maria Quadros, Adriana Patrícia S. S. Mendes, Ana Júlia Correia Augusto Souto, Ana Júlia Correia Augusto Souto, Ana Karla Souza Rocha, André Luiz Meireles, Anne Oliveira, Annya Larissa Santos, Bruna Alves, Carlos Magno Meireles, Cátia Sirlene Barbosa Brito, Christina do Nascimento, Cíntia Gabriela de Carvalho, Claudenilton Barbosa, Claudionor dos Santos, Clemilda Alves de Sousa, Cleonésio Barbosa,

Cleusa Silvana e Silva Nunes, Cristiane Sales, Daniel Ewerton Mendes, Daniela Mendes Costa, Deise Santos Porto, Eliene Pereira da Silva, Elza Santos Colares Neves, Fátima de Souza, Flávia Gomes, Glaubert Gomes de Souza, Gleyson Pereira silva, Greg Leão Gradim, Humberto Tolentino Pereira, Jacqueline Souza Costa, Jania Pereira da Silva, Jhulia Magalhães Rocha, João Marcos Pereira, Juliana Fernandes de Almeida, Jussara Rodrigues de Alexandria, Kalila Meireles, Karina Pereira Costa, Kauany Pinto da Silva, Klesio Schetini, Leidiane Porto, Leilha Leão da Silva, Leonardo da Cruz Gomes, Letícia Ruth Costa De Souza, Luciana Maria de Jesus, Luciana Pereira Sales, Lucimar Pereira Dos Santos, Márcia Gradim, Marlene Gomes de Sousa, Marcos Vinícius Lopes, Maria Aparecida Tolentino, Maria Augusta Souza e Silva, Marta Teixeira de Sousa,

Matias Barbosa de Freitas,
Murilo Júnior, Natalia Sales
Fernandes, Nyanne Mendes
Lima, Nyanne Mendes
Lima, Neile Mendes Lima,
Noêmia Arruda, Paula Ribeiro
Braga Silva, Paulo Henriques
Soares, Paulo Roberto
Pereira, Ramon de Oliveira,
Renata Pereira, Rita de Cássia
Moreira, Rosane de Melo
Dias Tolentino, Rui Meireles,
Samira Soares Moreira,
Sandro Augusto Oliveira,
Sylvania Pereira da Rocha,
Simone Pereira Costa, Soraia
Pereira da Silva, Taluanny
Alves Gomes, Tatiane Gomes,
Telma Cardoso, Uérazio
Meireles, Valdovina Vilela,
Vanessa Pereira Costa, Victor
Souto Amaral, Vinícius Souto
Amaral, Wallace Dias

COORDENAÇÃO

Laura Nayara Pimenta,
Márcio Simeone Henriques
(ambos UFMG)

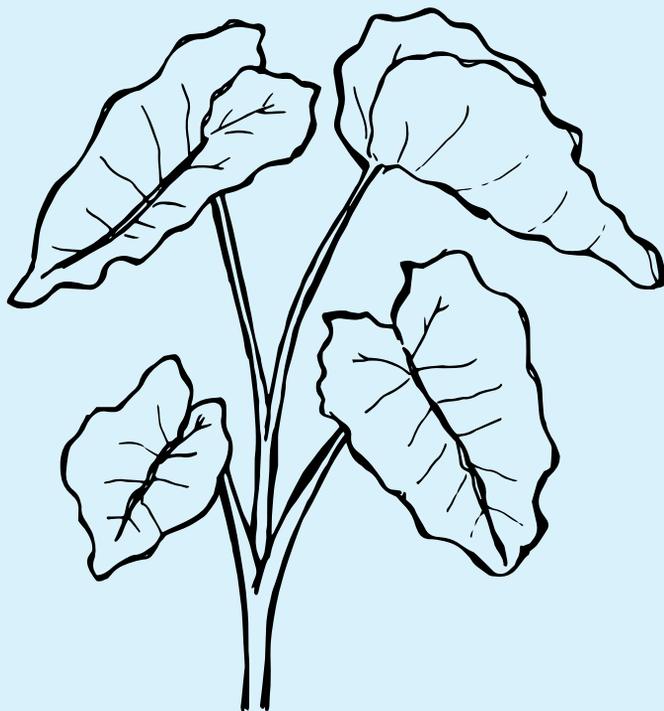
INSTITUIÇÕES

Associação Imagem
Comunitária, Fórum
Boca do Trombone das
Juventudes do Vale do
Jequitinhonha, Oficina
de Imagens, Prefeitura
Municipal de Cachoeira de
Pajeú, Rádio Inconfidência,
Rede Intersetorial de Pajeú,
Secretaria Municipal de
Saúde de Cachoeira de Pajeú,
UFMG

 **ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO
JEQUITINHONHA 7**

**COMUNICAÇÃO E
RESISTÊNCIA**

REALIZAÇÃO: 2 A 4 DE
FEVEREIRO DE 2018
SEDE: TAIÓBEIRAS
PARTICIPANTES: 180



CIDADES PRESENTES

Almenara, Araçuaí, Bandeira, Belo Horizonte, Cachoeira de Pajeú, Comercinho, Coronel Murta, Governador Valadares, Itaobim, Jequitinhonha, Medina, Montes Claros, Pedra Azul, Rubim, Salinas, São João do Paraíso, Taiobeiras

OFICINAS

CRIAÇÃO DE PEÇAS GRÁFICAS

Bruna Bezerra Lubambo Maia, Eveline Xavier (ambas AIC)

DISTRIBUIÇÃO AUDIOVISUAL

INDEPENDENTE

Laiene Inácio (AIC)

FANZINE

Grazielle Silva (Itaobim)

FOTOGRAFIA

Lucas Martins (Araçuaí), Ítalo Medina (Padre Paraíso)

GRAFITE

Iury Ramalho, Tiago Belos (ambos ASCAI)

INTERVENÇÃO DE RUA

Wesley de Moraes (Rubim)

JORNALISMO INVESTIGATIVO

Thiago Mali (ABRAJI), Bernardo Brant (Oficina de Imagens)

PRODUÇÃO E CONTEÚDO PARA RÁDIO

Gáudio Luiz Bassoli (UFMG)

PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS PARA YOUTUBE

Gabriel Vieira (Pedra Azul)

TEATRO E CINEMA

INDEPENDENTE

Felipe Cortez (Taiobeiras)

RODAS DE CONVERSA

A produção de imagens como forma de resistência (Laiene Souza – AIC)

A quem serve a grande mídia brasileira? (Bráulio Siffert – IFNMG)

Comunicação como negócio (Felipe Matos – Jequitinhonha)

Comunicação e cultura popular (Willian Nascimento – Pedra Azul)

Comunicação e diversidade (Felipe Cortez & Murilo Santos – Taiobeiras)

Comunicação para mobilização social (Emanuela São Pedro – AIC)

Humor como resistência (Gáudio Bassoli – UFMG)

Juventude que resiste (Grazielle Silva – Itaobim)

Resistência feminina e comunicação (Lizian Martins – Araçuaí)

BOLSISTAS DO POLO JEQUITINHONHA

Fabício de Andrade Alves, Júnia Raphaella Cardoso de Souza

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

Alenita Ferreira, Dayane Cardoso Rodrigues, Felipe Cortez Aragão Grimaldy, Gustavo de Souza Amorim,

Marcos Vinicius Silva Chaves, Marileide Alves Pinheiro, Michele Rocha Rodrigues, Murilo Santos, Pabline Ferreira, Paulo César Oliva Vasconcelos, Rafael Alves, Rayara Dos Santos Cardoso

INSTITUIÇÕES

Arruda Alimentos, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, Associação Imagem Comunitária, Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Oficina de Imagens, Prefeitura Municipal de Taiobeiras, Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, Rádio Transamérica, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Taiobeiras

COORDENAÇÃO

Daniel Ewerton Mendes (Cachoeira de Pajeú), Felipe Matos (Jequitinhonha), Willian Nascimento (Pedra Azul)

APOIO

Laura Nayara Pimenta, Márcio Simeone Henriques (ambos UFMG)



*Galeria de
cartazes*

&

Carta de Medina

ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA

27 E 28 DE
JANEIRO/2012
ITAOBIM | MG

O evento vai reunir comunicadores do Vale para discutir o acesso público as mídias e as novidades na área da comunicação.

Inscrições e programação com oficinas e palestras:
WWW.UFMG.BR/POLOJEQUITINHONHA

as inscrições são gratuitas e podem ser realizadas de 20/12/2011 a 25/01/2012.



parceiros



realização



PROEXT/MEC

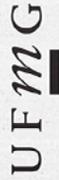
ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE
DO JEQUITINHONHA



II ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA

DE 1º A 3 DE MARÇO DE 2013 - CAPELINHA - MG

REALIZADORES:



APOIADORES:



PREPARA, QUE É
HORA DE BOTAR SEU
BLOCO NA RUA.

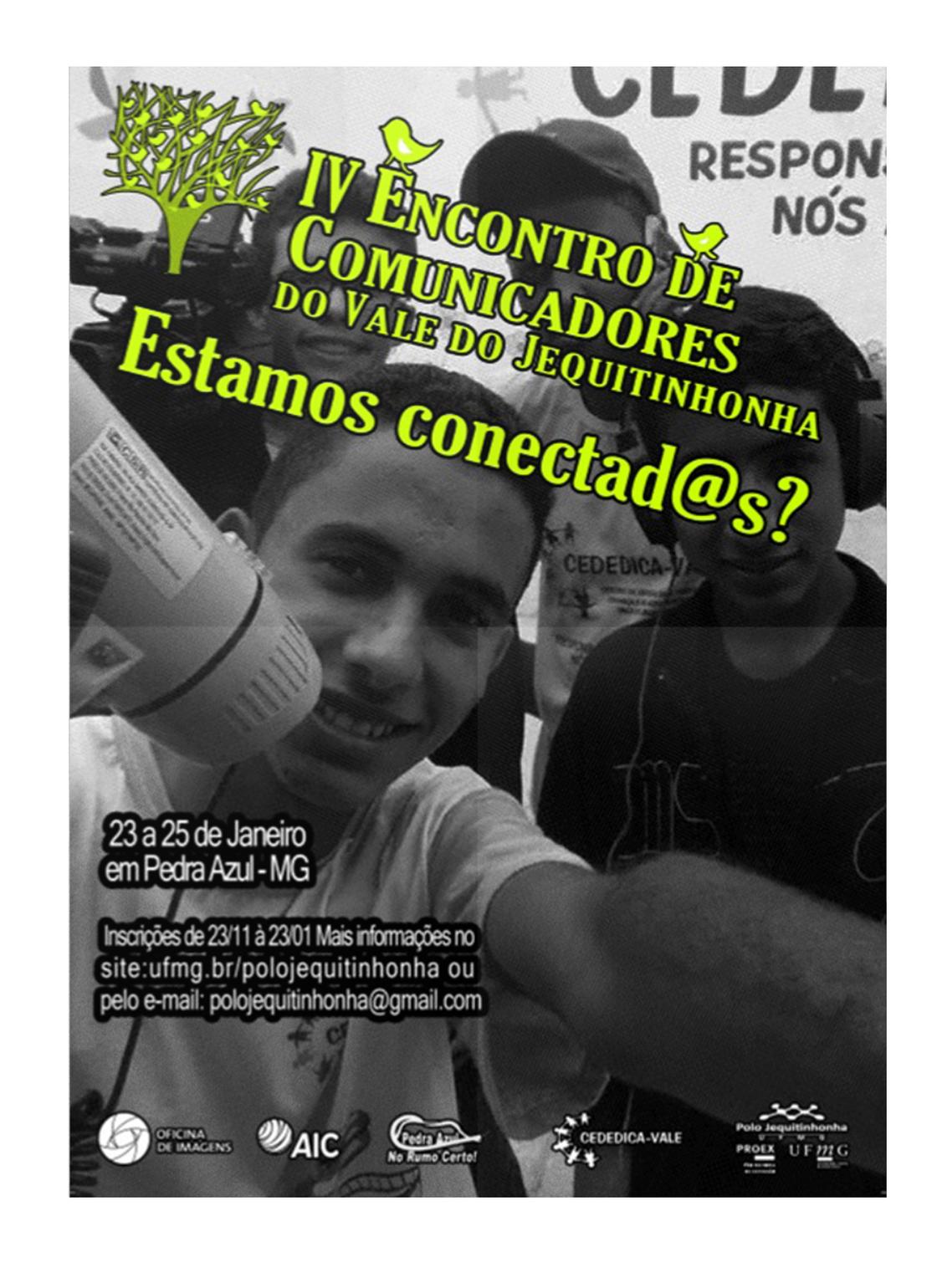
JEQUITINHONHA - MG
23, 24 E 25 DE
JANEIRO DE 2014



III ENCONTRO DE COMUNICADORES

MAIS INFORMAÇÕES: (31) 3409 - 4067
WWW2.UFMG.BR/POLOJEQUITINHONHA
POLO JEQUITINHONHA UFMG
POLOJEQUITINHONHAUFMG@GMAIL.COM





**IV ENCONTRO DE
COMUNICADORES
DO VALE DO JEQUITINHONHA**
Estamos conectad@s?

**23 a 25 de Janeiro
em Pedra Azul - MG**

**Inscrições de 23/11 à 23/01 Mais informações no
site: ufmg.br/polojequitinhonha ou
pelo e-mail: polojequitinhonha@gmail.com**



OFICINA
DE IMAGENS



Pedra Azul
No Rumo Certo!



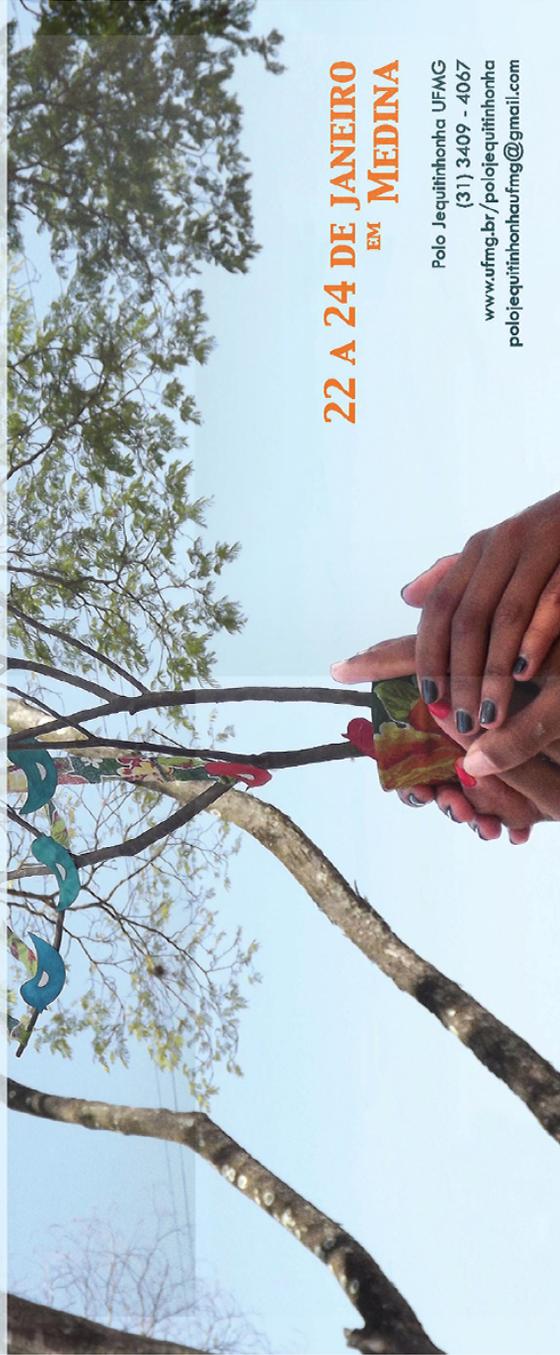
CEDEDICA-VALE



Polo Jequitinhonha
PROEX UFMG

VÊNCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA

**CRIAR
COMPARTILHAR
COMUNICAR**



**22 A 24 DE JANEIRO
EM MEDINA**

Polo Jequitinhonha UFMG
(31) 3409 - 4067
www.ufmg.br/polojequitinhonha
polojequitinhonhaufmg@gmail.com

Realizado por:





6º ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA

COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

DIAS 27, 28 E 29 DE JANEIRO 2017
CACHOEIRA DE PAJEÚ - MG

POLO JEQUITINHONHA UFMG
WWW.UFMG.BR/POLOJEQUITINHONHA
(31) 3409-4067
POLOJEQUITINHONHAUFMG@GMAIL.COM





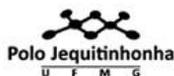
*Vamos juntos contruir
o ECVJ que queremos!*

7º ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA

*Comunicação e resistência,
o ECVJ de cara nova!*

*2 a 4 de fevereiro de 2018
Taiobeiras/MG*

Realização:



CRIAR
COMPARTILHAR
COMUNICAR

CRIAR
COMPARTILHAR
COMUNICAR

CRIAR
COMPARTILHAR
COMUNICAR

CRIAR
COMPARTILHAR
COMUNICAR

MEDINA/MG, 24 DE
JANEIRO DE 2016.

CARTA DO V ENCONTRO DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA

Nós, comunicadores do Vale do Jequitinhonha, reunidos na cidade de Medina, Minas Gerais, entre os dias 22 e 24 de janeiro de 2016, após discutirmos o potencial de criação autônoma e de circulação de produtos comunicacionais na região do Vale do Jequitinhonha, vimos manifestar por meio desta carta a nossa preocupação com as formas de expandir e democratizar o espaço público como lugar para a livre expressão e debate de ideias e contribuir para a construção de políticas públicas de comunicação na região e no país.

Acreditamos na comunicação como expressão transformadora, que se dá por diversos meios utilizados para informar e compartilhar. Acreditamos na comunicação também como forma de conhecimento, de criação, de mobilização social

e de colaboração. Buscamos mostrar diferentes pontos de vista e dar vozes às diferenças, acolhendo a diversidade humana. Queremos estimular a descoberta da riqueza das diversas formas de vida e de convivência, da variedade de paisagens dos lugares onde vivemos. Desejamos que toda a região do Vale do Jequitinhonha seja valorizada e reconhecida, mudando as formas de ver e as formas de mostrar cada lugar – sua história, sua cultura, suas belezas, seus problemas, suas soluções.

Propomos uma comunicação aberta e plural que valorize a criação, as manifestações da arte e da cultura da nossa região, que supere as imagens de pobreza e miséria, ao mesmo tempo em que denuncie as injustiças e desigualdades. Que preserve a cultura local e regional, mas também apresente formas de expressão inovadoras. Que seja capaz de gerar novas solidariedades e apontar caminhos para o desenvolvimento humano, para a melhoria das condições de vida e para o exercício da cidadania. Que valorize especialmente a iniciativa dos jovens, mostrando suas realidades e reconhecendo-os como atores sociais no presente, como uma força ativa de renovação.

Devemos intermediar as diversas vozes do Vale para a própria região e para os ouvidos do mundo. Para amplificar essas vozes, faz-se antes necessário ouvi-las, por isso a importância de se dar atenção a todos:

crianças, jovens, adultos, idosos. Precisamos procurar conhecer e respeitar todas as pessoas em seu modo particular de se comunicar, no contexto em que vivem; ficarmos atentos em mostrar nossas realidades sem nos esquecermos de relacionar esse mundo com outras realidades e vivências; trazer nossa cultura pelo olhar do nosso povo.

Como referências locais para a comunicação, queremos difundir os conhecimentos, as técnicas e as nossas formas de criar e de compartilhar. Temos como desafio mostrar a importância da comunicação, constituir ações articuladas em redes, criar centros de produção, compreender as novas formas de produzir e difundir nas diversas mídias disponíveis, criar maior envolvimento das populações locais, debater os impactos de nossas ações sob uma perspectiva ética, estimular o senso crítico, compreendendo as responsabilidades e os limites de nossas iniciativas de comunicação, buscar canais alternativos e formas inovadoras de financiamento e de colaboração.

Para que tudo isso aconteça, faz-se necessário que os comunicadores da nossa região estejam articulados, conectados, fortalecidos. Os comunicadores e coletivos devem procurar as autoridades políticas e educacionais, para propor projetos de Educomunicação, mudanças na própria legislação municipal e outras formas de fortalecimento das práticas de comunicação. Devemos também lutar

por uma internet livre, com telecentros e áreas públicas com sinal de internet aberto. Cada município deve viabilizar o sinal da TV Minas e outras TV's educativas, aberto a toda a população. Propomos aos poderes públicos que reconheçam a importância da comunicação para as políticas públicas e para a existência do debate e da expressão democrática da cidadania. Pedimos que apoiem e incentivem as iniciativas, configurando uma política pública de comunicação, pensando nas necessidades de cada comunidade e de cada coletivo.

O povo do Vale do Jequitinhonha é de comunicadores: é talhado na moldura da sobrevivência, onde teve sempre que se impor para ser ouvido. As diversas manifestações de sua arte equivalem à riqueza dos muitos modos de ver, de falar e de partilhar. É no respeito a essa diversidade que afirmamos o direito à comunicação e conclamamos a todos a CRIAR, COMPARTILHAR, COMUNICAR.

DOZE TESTEMUNHOS
DE SETE ANOS DE
ENCONTROS

MAR -
CAS



**ANA
KARINA
DE
CARVALHO
OLIVEIRA**

Publicitária, mestre em Comunicação e Sociabilidade e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Foi palestrante no 4º ECVJ.



Em 24 de janeiro de 2015, eu embarcava em um ônibus para Pedra Azul para participar do 4º Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha. Era minha primeira vez no Encontro, em Pedra Azul e no Vale. Um compromisso acadêmico não permitiu que eu viajasse junto com as demais pessoas que participariam do evento, então fui depois, sozinha, em uma viagem que se fez bem mais longa que o comum (foram dezesseis horas) devido a diversos imprevistos pela estrada. Assim, cheguei à cidade esgotada pelo cansaço e fui recebida por um calor que não sei se já havia sentido antes. Contudo, outro calor, de outra natureza, me renovou o ânimo: os sorrisos, a disposição, a disponibilidade e o afeto das pessoas envolvidas no trabalho de organizar e fazer acontecer aquele Encontro.

Fui para participar da mesa-redonda “Comunicação Alternativa: formas de se comunicar que fogem ao convencional”, que ocorreu no último dia do evento. Naquele momento, eu finalizava a escrita da minha dissertação de Mestrado (*Agora é a vez do pixo: cenas de dissenso e subjetivação política nas relações entre pixação e arte*), em que analisava a relação da *pixação* com a arte a partir de determinados eventos, buscando observar as possibilidades que eles apresentavam para a abertura de processos de subjetivação política dos *pixadores*. Além disso, já me dedicava à pesquisa sobre intervenções gráficas urbanas como meios alternativos de comunicação e participação política desde a Graduação, e esses eram os motivos de eu ter sido convidada para o evento.

Na rotina acadêmica, participamos de diversos eventos, de vários tamanhos e formatos, mas que acabam por se assemelhar em seus modos de funcionamento e no modo como participamos deles. Aprendemos, assim, certo *modus operandi* da participação em eventos, seja como palestrante, apresentador de trabalho, ou mesmo como ouvinte. Dessa forma, eu esperava seguir o protocolo. Mas o Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha me fez rever esse padrão. Eu certamente não estava em um evento comum – principalmente, não um evento acadêmico – e cada momento desde a minha chegada me mostrava isso.

Em primeiro lugar, a recepção e a hospitalidade. Não que não sejamos bem recebidos nos eventos acadêmicos em geral. Mas ali se tratava de outra coisa. Fui buscada na rodoviária, levada para tomar café, levada ao hotel (isso tendo chegado um dia depois de todos e atrasada mesmo em relação à minha chegada individual devido aos problemas na estrada). Os almoços, preparados por jovens envolvidos no evento e servidos na escola infantil que lhes servia de alojamento, eram momentos de socialização e descontração que todos – organizadores, professores, jovens do Vale – desfrutavam juntos.

O que leva ao segundo ponto: a cooperação e o entrosamento entre todos os que participavam daquele Encontro quase não deixava saber, a um observador desavisado, quem o organizava, quem oferecia oficinas, quem dava palestras e quem estava ali “apenas” como participante. Talvez minha memória, após dois anos, esteja me traindo e me trazendo

lembranças mais românticas que os fatos, mas foi assim que percebi e que me recordo do que acontecia ali.

Quando eu já estava convencida de que o Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha não era um evento comum, me chamou a atenção algo que me fez repensar a minha própria participação: a cidade. Eu estava ali para falar sobre minha pesquisa acerca de intervenções gráficas urbanas (e que se debruça especificamente sobre o *pixo*, a mais criminalizada entre essas expressões) em uma cidade de paredes e muros – muitos deles históricos – essencialmente limpos. E ainda: eu deveria falar sobre esse tema para jovens moradores do Vale, que buscam por formas de superar limitações econômicas e sociais que, infelizmente, caracterizam a região; em um evento que tem por objetivo abrir um espaço de debate e promoção de ações que visam empoderar e fortalecer o trabalho daqueles sujeitos como comunicadores. Enquanto eram oferecidas oficinas de fotografia, webjornalismo, web rádio, produção cultural, grafite, entre outras, eu deveria falar àquelas pessoas que o *pixo* e outros formatos de intervenção também são formas legítimas de comunicação e participação na vida da cidade. Entrei em conflito.

Não, eu não duvidei em momento algum da potência do meu objeto de pesquisa e da abordagem a partir da qual eu o analiso. No entanto, aquele contexto colocou tudo sob uma nova perspectiva para mim. Embora eu já tenha visitado diversas cidades pequenas e tenha alguma familiaridade com a vida no interior, devido às inúmeras férias e feriados

passados no povoado de “Mijulim” (Monjolinhos, na verdade, que é distrito de Martinho Campos), na casa que foi dos meus avós maternos, eu nasci e vivi minha vida inteira em Belo Horizonte, o que marca intensamente meu modo de olhar o mundo. Além disso, em minhas pesquisas, sempre abordei as intervenções urbanas como frutos de contextos urbanos, do cotidiano nas metrópoles. Nunca, até aquele momento, havia me ocorrido se falar sobre isso em outros contextos faria ou não sentido, ou que reações e efeitos poderiam ser gerados daí.

Depois de dividir minha angústia com alguns colegas do evento, que me deram algumas ideias e algum conforto, reformulei minha apresentação para o que considerei mais adequado e, principalmente, que poderia ser mais interessante para aquele contexto e público. A seguir, abro um parêntese para compartilhar um pouco do que apresentei no Encontro.

ABRINDO O PARÊNTESE

Abordando a temática central da mesa, caracterizei as intervenções gráficas urbanas como meios alternativos de comunicação e participação, destacando como os meios “oficiais” de comunicação (grande mídia, imprensa) são restritos. Além do acesso ao espaço, há a questão do acesso e domínio das estruturas, ferramentas, habilidades e linguagens demandadas por alguns meios, ainda que não oficiais (rádios, TVs e jornais comunitários, por exemplo, abordados pelas oficinas oferecidas ao longo do evento).

Nesse contexto, então, como alternativas baratas e que não requerem tais especificidades, surgem as intervenções gráficas urbanas, que ocorrem, mais frequentemente, em contextos urbanos, nas metrópoles, em resposta ao seu ritmo acelerado, à privatização dos espaços públicos, às desigualdades e a uma visão higienista da cidade. Essas intervenções buscam legitimar a cidade como espaço da construção e expressão de identidades individuais e coletivas, da manifestação de causas, desejos e afetos, e do desenvolvimento de ações que visam transformar a aparência e a vida dos espaços urbanos. A cidade se transforma em meio de comunicação, participação e interação, formando espaços de trocas simbólicas que se legitimam a partir do uso compartilhado, quebrando hierarquias e imposições.

Assim, ainda que de forma efêmera, essas intervenções podem transformar não só a paisagem urbana, mas a forma como olhamos para os espaços que utilizamos diariamente, especialmente quando nos encontramos inseridos na lógica e ritmo acelerados das grandes cidades. Por isso, é possível dizer que as interações gráficas urbanas guardam potências para a participação política (de acordo com o conceito de política de Jacques Rancière), pois podem tornar visível aquilo e aqueles que antes não eram.

Existe, contudo, uma barreira legal: a legislação federal enquadra a maioria dessas intervenções como crime ambiental por dano ao patrimônio (com exceção do grafite, quando feito com autorização). Para muitos, porém, romper com essa determinação faz parte do desafio de transformar

a cidade em um veículo de comunicação e interação. Enquanto a lei diz que essas intervenções configuram atos de vandalismo que destroem o patrimônio público e a propriedade privada, seus produtores as consideram como ações de construção coletiva de formas de participação na vida da cidade.

A potência dessas intervenções supera a da criação de espaços para a veiculação de mensagens. Elas operam, também, na formação de novos vínculos com os espaços, de uma nova ideia de cidade e de cidadania. Assim, para além das mensagens que carregam, essas intervenções significam um desejo de transformação dos espaços, dos sujeitos, das relações; a criação de novas formas de estar junto; a busca pela participação na vida pública; uma sensibilização do outro para questões que não estão nos espaços oficiais de visibilidade.

FECHANDO O PARÊNTESE

Com o final da apresentação, pude constatar que meu receio não era em vão. Sem perguntas, sem manifestações, sem dúvidas. Falei e fui ouvida, mas, conforme suspeitei, aquilo que eu trazia não dizia respeito àquilo que os comunicadores do Vale do Jequitinhonha compartilham como uma forma de se expressarem, de se fazerem ouvidos e às suas comunidades como parte de uma região que, de tantos modos, é apartada do restante do Estado. Eles buscam por outras formas de fazer parte. E isso é tão certo e compreensível como são, no

meu entendimento, as formas encontradas pelos inúmeros sujeitos que deixam suas marcas pelos muros. São contextos diferentes.

E, conforme afirmei ao longo deste relato, o Encontro de Comunicadores não foi um evento como os outros com os quais estou acostumada em minha rotina acadêmica. Assim, a bagagem com a qual voltei de Pedra Azul (e dessa vez junto com todos, em uma viagem muito mais aprazível) foi muito maior que contribuições para minha pesquisa, um certificado de participação e um evento no currículo *Lattes*. Voltei com aprendizados: sobre a doação de promover e organizar um evento para e com seu público; sobre deslocar o olhar para ver outras possibilidades de abordagem de um objeto de pesquisa, “testá-lo” em outros ambientes, perceber seus limites; e, principalmente, sobre a humildade de nunca pensar que meu papel é ensinar qualquer coisa a alguém sobre aquilo que estudo, mas, sim, o de falar sobre uma realidade, um contexto e a partir de um ponto de vista específicos, e o de sempre aprender a colocar minha pesquisa e meu papel de pesquisadora em perspectiva, em relação com o outro, com atenção às diferenças e abertura ao diálogo.



ANDRETTE FERRAZ

*Coordenador da
Associação da Criança e
do Adolescente de Itaobim
(ASCAI). Participou da
comissão organizadora
local do 1º ECVJ.*



Em 2012, o Polo de Integração da UFMG ao Vale do Jequitinhonha e a Prefeitura Municipal de Itaobim realizaram em parceria um conjunto de ações (eventos e formação para jovens) dentro do contexto dos 50 anos de Itaobim. Foram eventos de relevância para a vida de jovens da cidade e para a vida do povo, pois reuniram pessoas advindas de todas as cidades do Vale para discutir, construir, resistir e celebrar a diversidade.

Em especial, gostaria de falar sobre o 1º Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha, que aconteceu na Festividade de Itaobim 50 anos, e foi um momento especial que reuniu pela primeira vez um público variado que trabalhava de alguma forma com a comunicação – blogueiros, radialistas, jornalistas, estudantes, *youtubers* e especialistas da área.

Afirmo que esse evento foi um marco na história da comunicação do Vale do Jequitinhonha – e Itaobim mais uma vez contribuiu para transformação de pensamentos e cultura da região, assim como o fez na década de 1980, com a criação do Festivale (Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha), que em 2018 completa 35 anos de realização e muita resistência.

O 1º ECVJ trouxe à luz muitas experiências relevantes em comunicação popular e possibilitou a formação de vários jovens, perpetuando assim o gosto pela comunicação. Esse evento hoje já realizou sete edições e movimentou uma grande rede parceiros na sua realização.

Quero registrar que o projeto Itaobim 50 anos foi construído por muitas mãos. Em especial, quero agradecer a Maria das Dolores Pimentel Nogueira (Marizinha), ao professor Márcio Simeone (representantes do Polo/UFMG) e ao ex-prefeito de Itaobim João Pereira, que acreditou que este projeto faria diferença na vida do povo, principalmente de jovens que tiveram formação em audiovisual, web, impresso e áudio.

Enquanto um dos sonhadores do Projeto Itaobim 50 anos, acredito que valeu a pena, valeu a escrita e suor na construção dessa obra, dessa semente plantada no coração de cada um que colaborou e a regou até que virasse uma grande árvore e desse frutos (obviamente, uma gostosa manga!). Sorria, estamos em festa! Itaobim 50 anos!



ÂNGELA FREIRE

*Membro do movimento
cultural do Vale do*

*Jequitinhonha, natural
da cidade de Araçuaí.*

*Participou do 1º, 2º, 3º, 5º e
6º ECVJs.*

1

2

3

5

6

O traçado do Encontro de Comunicadores do Vale tem seu início em 2011, quando o assunto surge informalmente entre as rodas de conversas no 26º Festivale, em Jequitinhonha, com participação do professor Márcio Simeone, de Marizinha Nogueira (ambos do Polo Jequitinhonha) e integrantes do movimento cultural, preocupados com os rumos dos meios de comunicação, o acesso a estes e a maneira de se comunicar na região. Neste ínterim surge a ideia de levantar os diversos comunicadores e/ou representantes de veículos de comunicação atuantes na região. Através do Programa Polo Jequitinhonha foi possível mobilizar comunicadores de diversas áreas, inclusive parcerias com a Prefeitura de Itaobim, Associação Imagem Comunitária e a ONG Oficina de Imagens, consagrando assim a iniciativa que se tornaria pioneira na região.

Surgiu efetivamente em 2012 o primeiro encontro, modesto em sua formatação, mas que conseguiu reunir blogueiros, pessoal das rádios, jornalistas, inclusive pessoas ligadas às áreas acadêmicas e populares que trabalhavam e atuavam pela comunicação no Vale do Jequitinhonha.

Outro pensamento desde a concepção era o de oferecer atividades variadas que atingissem o setor da comunicação, por isso a importância das oficinas de mídia tática, de audiovisual na *web*, de mobilização social e outras, que, juntando, trouxeram à tona as dificuldades e possibilidades considerando o tema em evidência:

“Rumos da Comunicação no Vale do Jequitinhonha”. Ao término do evento, a própria assembleia decidiu por realizar a segunda edição.

O segundo encontro aconteceu na região do Alto Jequitinhonha, na cidade de Capelinha, com o tema “Acesso à comunicação e transformação social no Vale do Jequitinhonha”. Esse encontro trouxe um debate sobre o direito à comunicação e depoimentos sobre mídias alternativas e de baixo custo, sendo feita ao final a escolha para realizar o terceiro encontro, na cidade de Jequitinhonha.

Em 2014 chegou a vez do Baixo Jequitinhonha, na cidade de Jequitinhonha, de receber o ECVJ, com o tema “Como trazer o comunitário para a comunicação? O que há de comunitário na comunicação comunitária?” Entre oficinas e atividades culturais, foi contemplada uma oficina de “Produção cultural”, ministrada por Larissa Scarpelli, que proporcionou uma discussão quanto à elaboração de um projeto, desde a concepção até o duro esforço em busca da captação de recursos.

A quarta edição aconteceu em 2015, na cidade de Pedra Azul. Não pude participar por motivos pessoais, no entanto buscava informações, notícias e queria sempre estar inteirada do evento, numa forma de suprir minha ausência física.

A quinta edição aconteceu em Medina, em 2016, com o tema “Criar, compartilhar, comunicar”. Trouxe com maior força as experiências de mobilização da comunicação, principalmente em se tratando de redes, e a iniciativa de construção de uma “Carta dos Comunicadores do Vale”, que alinharia questões quanto à produção da comunicação do Vale do Jequitinhonha. Entre as oficinas disponibilizadas, decidi fazer a de “Publicações literárias independentes”, ofertada pela AIC, entidade que esteve presente ativamente em todas as edições anteriores e que serviu muito para meu aprendizado e de incentivo para outros grupos. Tanto assim que, meses depois, aplicaríamos a mesma oficina na Associação Comunitária de Jenipapo de Minas (AJENAI) com jovens da E. E. Nossa Senhora de Fátima. Também pude utilizá-la no projeto de circulação do Grupo Teatral Vozes, partindo do texto do espetáculo *O homem da vaca e o poder da fortuna* e transformando-o num livreto. O volume foi distribuído ao final de cada apresentação como incentivo à literatura de cordel, divulgando ainda a obra e trabalho de Ariano Suassuna, escritor paraibano que defendeu a cultura popular e a importância da literatura brasileira, especialmente a de cordel, no nosso país.

Em 2017, chegou o momento da cidade de Cachoeira de Pajeú receber o ECVJ, mantendo a tradição do mês de janeiro. A cidade de pequeno porte, desprovida de equipamentos e de rede hoteleira, foi capaz de oferecer tudo que outra cidade de médio e grande porte ofertaria e mais um pouco, já que o povo acolheu com muita

amabilidade, atenção e carinho a todos participantes. Um fato curioso e diferente dos demais encontros foi que a parceria da Prefeitura, sempre originária das áreas de Educação e Cultura ou de Assistência Social, desta vez se concentrou na Secretaria de Saúde, que disponibilizou toda sua estrutura para o evento. Dessa vez, o tema foi “Comunicação, memória e transformação social”. A oficina que escolhi foi Cineclubismo. Achei muito interessante a maneira de interagir e a motivação que a oficina injetou na gente para promover tal atividade nos mais variados lugares, de custo baixo e com interatividade, algo que pretendo aplicar em breve em Araçuaí.



ELAÍNY CARMONA PEREIRA

*Estudante de Jornalismo,
natural da cidade de
Itaobim. Participou de
todas edições do ECVJ,
exceto da 7ª, e ministrou
oficinas na 5ª e na 6ª.*



Minha relação com o Encontro de Comunicadores começou na primeira edição do evento, em Itaobim, quando eu fazia parte da Assessoria de Comunicação Colaborativa Itaobim 50 anos (ACC). Como eu era do núcleo de audiovisual, o ECVJ veio a ser a nossa primeira reunião de fato, já que antes havíamos passado por algumas capacitações sobre temas mais abrangentes – apesar de meu contato com a cultura do Vale ter começado ainda mais cedo, com o Ballet Popular do Vale do Jequitinhonha, um projeto de danças folclóricas que se iniciou na escola em que eu fiz o ensino fundamental e que nos levou a várias cidades do Médio Jequitinhonha para nos apresentarmos. Ali na oficina de audiovisual eu não aprendi apenas sobre linguagem audiovisual, planos cinematográficos, movimentos de câmera ou sobre dicas de edição de vídeo. Lá me foi despertado um novo jeito de enxergar a cidade em que eu me criei. Além da oficina, eu me recordo dos espaços de discussão, mas minha inexperiência ou pouca idade – apenas 14 anos na época – não me permitiu entender muita coisa. Eu não sabia nada sobre políticas públicas de comunicação e as redes sociais não passavam de uma coisa que eu usava para me divertir.

Quando a ACC terminou, eu me vi meio órfã do mundo no qual fui imersa ao longo de 2012. Sentia falta das pessoas que o projeto me apresentou, dos passeios para produzir conteúdo e de sentir que eu estava fazendo algo com o meu tempo. Durante o ano, o foco do núcleo de audiovisual foi uma TV na Praça Afonso Martins, com produções próprias sobre Itaobim e o Vale do Jequitinhonha. A cada nova gravação e exibição da nossa “TV Praça”, era perceptível como evoluíamos –

não só em manusear a câmera, em não deixar o microfone aparecer nas gravações ou em editar os vídeos e vinhetas: cada novo assunto abordado trazia um jeito novo de ver tudo e acrescentava um pouco mais na nossa formação enquanto cidadãos. O segundo encontro veio e com ele apareceu a oportunidade de revisitar tudo. Tomada por um pouco de nostalgia e fome de novidade, fui a Capelinha e me apaixonei um pouco mais pelo mundo louco da comunicação e pela felicidade com que aquela gente trabalhava.

O Encontro de Comunicadores se tornou a conexão que eu tinha com a cultura da região e também uma forma de empoderamento da juventude. Quem por aqui nasce, cresce ouvindo que de nada vale o Jequitinhonha. Nossa cultura não é ensinada nas escolas e poucos possuem a oportunidade de conhecer mais sobre as nossas raízes ou conseguir enxergá-las a partir de novas perspectivas. Lembro até que achava exagerada a forma com que as pessoas de outras regiões tratavam a nossa cultura antes de me aproximar dela. Com isso, a comunicação comunitária e transmitida por meios não tradicionais dá o poder de mostrar que a nossa região, mesmo pobre, não se resume a exploração sexual ou tráfico de drogas, alguns dos poucos assuntos que a grande mídia se interessa em enxergar. Fica clara, então, a importância de uma rede de jovens, mobilizando pessoas da mesma idade para que compreendam que não é apenas o que é produzido em outros lugares que tem valor.

Foi ainda mais perceptível a importância de inovar na comunicação após as jornadas de junho, em 2013, quando ficou nítido o poder da internet para a democratização

da informação. Isso reverberou nas oficinas que eram ministradas nos encontros, atendendo às possibilidades e demandas do Vale, uma vez que muitos dos comunicadores já utilizavam *blogs* e *sites* para divulgar suas notícias, poemas ou qualquer outro conteúdo que fosse pertinente. Logo passaram a utilizar também as novas possibilidades oferecidas com o crescimento do acesso à internet e às mídias sociais.

As oficinas passaram também a abordar outros temas, como as intervenções artísticas feitas com o grafite. Com isso, foi possível que houvesse a construção de debates sobre esse tema e outros mais gerais. Não é sempre que se encontra tempo em meio à correria cotidiana para avaliar e refletir a fundo sobre assuntos mais recorrentes e acabamos nos acostumando com um jeito pronto de pensar. Um dos espaços que destaco e que, a meu ver, teve um grande impacto, aconteceu durante a quarta edição do evento, na cidade de Pedra Azul. Uma das mesas de discussão falou sobre a violência contra a juventude negra, o preconceito, a falta de políticas públicas para a garantia de direitos da população negra e periférica e sobre a redução da maioria penal, que foi um tema pautado durante todo o ano de 2015. A maioria das opiniões que eram reproduzidas sobre o assunto, pela juventude do Vale, vinha com uma carga enorme de senso comum. Tenho certeza de que muita gente saiu daquele espaço pensando diferente.

Foi a partir de todo o universo que me foi apresentado e no qual me vi imersa desde 2012 que me veio o interesse em seguir carreira na área da comunicação. Em primeiro lugar,

descobri através do programa de extensão da UFMG, no qual os bolsistas vinham até o Vale para ministrar oficinas ou acompanhar nossos trabalhos, que a universidade também era uma realidade possível para mim. Antes disso, nunca pensei que teria capacidade de ingressar no ensino superior, muito menos em uma universidade federal e de qualidade. Minha decisão não foi tão bem aceita em casa, principalmente por prestigiarem de forma excessiva profissões mais tradicionais. Sair da caixinha e ser firme em escolher me aventurar pelo jornalismo foi e continua sendo extremamente desafiador.

Um dos grandes problemas que enxergo no Jequitinhonha é a falta de emprego e acesso ao ensino superior gratuito na nossa região. Com isso, os mais novos, mesmo integrando a rede de comunicadores que o evento formou, quando terminam o ensino médio se veem obrigados a deixarem o conforto dos seus lares para se aventurarem em outra região na busca de emprego ou formação. Isso faz com que muitos desistam da comunicação ou de retornarem para o Vale depois de formados, já que não enxergam uma perspectiva de melhora. Além disso, quem luta para fazer comunicação por aqui, no Vale, encontra diversos entraves, como a dificuldade em conseguir concessões para as rádios comunitárias, sendo o rádio, talvez, o meio de comunicação com o maior poder de informação local.

Saindo do Jequitinhonha e vivendo um pouco da realidade do Triângulo Mineiro, sempre que presenciava algum espaço que debatia a comunicação eu me lembrava do ECVJ e de como os espaços eram diferentes. De um lado, discussões

extremamente acadêmicas ou voltadas para um mercado turbulento, com figuras já renomadas na área do Jornalismo e em um formato totalmente vertical. Como se de um lado o especialista de tudo soubesse e, do outro, todos estivessem lá apenas para ouvir calados sem nada a acrescentar. Ao contrário disso, o Encontro de comunicadores foi construído com pesquisadores da área, mas nunca deixou de ser horizontal, fazendo com que todos pudessem contribuir com suas práticas e vivências para que pudéssemos construir algo novo. Vale ressaltar também que não há formação acadêmica na área de comunicação na região e que muita gente que vive de comunicação por aqui é autodidata ou se formou em cursos como História, Geografia e Ciências Sociais.

Apesar dos desafios, sempre que penso em desistir eu me lembro de como a informação tem um grande poder de mudar a realidade, de amplificar vozes que não são ouvidas e dar visibilidade para quem nunca se enxergou. Com certeza é uma visão um tanto romântica e que a universidade faz questão de tentar desconstruir o tempo todo, mas todas as experiências que tive ao longo desse tempo não me deixam desacreditar que a comunicação, feita com responsabilidade, pode melhorar vidas.

Quando estava cursando o segundo período do curso de Jornalismo, recebi o convite para ministrar a oficina de edição de vídeo no 5º ECVJ. Sabia que a tendência era que os jovens comunicadores que participam do Encontro assumissem as oficinas, mas eu não esperava o convite. Levando em conta toda a bagagem que acumulei durante todos os encontros e

também na academia, construímos uma oficina que tentava ser o mais completa possível, para o tempo disponível.

A intenção era poder fazer tudo com o celular e com *softwares* de edição livres e gratuitos, para que a prática daquela oficina pudesse ser levada à frente por qualquer um. Falamos sobre planos cinematográficos, conceitos de fotografia, linguagem audiovisual, roteiro e edição do material produzido. Além disso, conseguimos que os participantes conseguissem gravar seus próprios vídeos em um dos exercícios práticos previstos. Apesar da falta de energia na cidade em pleno dia de Encontro, o que nos fez perder grande parte do material produzido, conseguimos unir os participantes em torno de dois produtos, que foram apresentados na mostra de oficinas. Tenho a plena certeza de que eu saí da oficina aprendendo mais com eles do que eles comigo.

A cada edição vi o encontro se consolidando e formando jovens que atuam em suas cidades e fazem um trabalho lindo, porém acho que ainda falta uma noção de rede. De que estamos juntos na luta pela comunicação democrática feita por nós e sobre nós.

Apesar dos entraves vejo um enorme potencial de transformação em nossas mãos. A comunicação, em geral, passa por uma crise no país, principalmente nos meios mais tradicionais, como o jornal impresso. **É necessário se reinventar cada vez mais e, em minha opinião, a comunicação independente e o empreendedorismo são as chaves para levar a nossa cultura a todos e fazer com que o Vale do Jequitinhonha seja cada vez mais empoderado.**



GLAUBERT GOMES DE SOUZA

Secretário Municipal de Saúde da cidade de Pedra Azul, membro do Fórum Boca no Trombone das Juventudes do Vale do Jequitinhonha. Participou da comissão organizadora local do 6º ECVJ.



“A arte de fazer a vida significativa e bela envolve a descoberta de conexões entre o que parece não ter conexões, unindo pessoas e lugares, desejos e memórias...” (T. Zeldim). Entrosado nesse pensamento é fácil partilhar a odisseia de construção desse movimento de Comunicadores onde adentrei. Não sou da área. Sou enfermeiro de formação, militância de história e a comunicação no Vale se tornou mais uma causa numa luta de bandeira surrada, mas ainda mais viva depois de cada disputa. É importante frisar que antes do entendimento de necessidade de movimento, o Vale do Jequitinhonha tem dificuldade de comunicar. Ao mesmo tempo que o povo do Vale também tem uma grande dificuldade de deslocamento dentro do próprio Vale. Como então nos encontrar? Além disso, as características e heranças que o nosso povo recebeu não estão somente relacionadas à riqueza de nossa cultura, mas também aos estigmas, como o de Vale da miséria, enraizados na psique daqueles que sustentam o autopreconceito. O livro *O Vale dos Boqueirões*, do historiador conterrâneo Luís Santiago, retoma a formação histórica do Vale que jamais devemos esquecer. Nossa história é rica e linda, mas será que a conhecemos? Aprendemos a contar desde cedo a história sob o olhar dos coronéis. Até quando? Identidade perdida, esquecida, omitida ou negligenciada? O poeta almenarense Gonzaga Medeiros traz uma reflexão que trouxemos para nossa experiência de encontro de Comunicadores e também de militância em outros movimentos: “...nós valemos pelo que somos, não pelo que temos...”, nesse sentido trago em punhados de palavras uma experiência de Encontros que liga a origem, a história e a identidade ao Encontro de Comunicadores – onde participei

de maneira aprofundada em sua 6.ª edição, na cidade de Cachoeira de Pajeú, com o tema Comunicação, Memória e Transformação Social.

Entre fatos, boatos, causos, diálogos e construções os encontros se moldaram. O primeiro em Itaobim, o segundo em Capelinha e o terceiro em Jequitinhonha, aqui uma pausa para o lampejo da minha entrada. Já envolvido com o movimento das Juventudes de Pedra Azul participei da discussão da caravana que representaria o município em Jequitinhonha, bem como das discussões pós-encontro. Nascia ali uma inquietação acerca do distanciamento de algo aparentemente tão relevante. O quarto em Pedra Azul, mais uma pausa, estava eu em Cachoeira de Pajeú com compromissos de trabalho. Por ironia do destino o acaso me impossibilitou a presença em tempo integral, mas me instigou a estimular os jovens do Fórum das Juventudes para o IV Encontro, onde assumi o compromisso de apoiá-los caso a sede fosse em Cachoeira de Pajeú. Dali nascia outro sentimento: a inquietação dos Jovens de cidades pequenas de participarem pouco de movimentos do Vale. Por que eles ficavam fora da rota dos Comunicadores? Por que as cidades pequenas do Vale estão aparentemente mais afetadas quanto às perdas das memórias culturais? Com essas indagações, invadimos os espaços de discussão para entrar de vez na rota dos Comunicadores. O desafio foi imenso. O próximo Encontro, o de Medina, colocou lado a lado na disputa pela cidade sede uma cidade com um movimento social fortíssimo, enraizado, com lutas cravadas como cicatrizes nas vozes dos representantes e, do outro lado, a cidade de

Cachoeira de Pajeú, com uma sede implacável de cultura e comunicação e um trabalho em rede de destaque na região, bem como um terreno fértil para se plantar a história. Juntamente com outros coletivos do Vale, dentre eles das cidades de Medina, Itaobim, Pedra Azul, Rubim, Cachoeira de Pajeú e o Polo Jequitinhonha, o Fórum Boca no Trombone esteve presente na reunião de proposição da cidade sede da edição seguinte do Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha (5º ECVJ). Esta reunião aconteceu em Medina, no dia 21 de março de 2015 com uma acalorada discussão de aproximadamente quatro horas de debate, recheada de argumentos para o consenso de que, dentre as três cidades candidatas para sediar a 5.ª edição – Medina, Cachoeira de Pajeú e Rubim – Medina reunia naquele momento as melhores condições para receber o evento. Definiu-se que Cachoeira de Pajeú sediaria o seguinte (6º ECVJ) e que haveria apoio do Polo e da FECAJE com formações e projetos no município para preparação. As cidades que enviaram mais participantes para o ECVJ de Medina foram Itaobim e Cachoeira de Pajeú, respectivamente. Na plenária final os jovens do Fórum que estiveram presentes no 4º Encontro em Pedra Azul, onde a fagulha da Comunicação foi acesa, estavam em Medina se colocando como equipe colaborativa para sediar o 6º ECVJ em Cachoeira de Pajeú. Estávamos lá como suporte, a mão que colabora para o plantio.

O Encontro em Medina, em janeiro de 2016, foi marcado por muita superação aos desafios imprevistos apresentados, e dali aprendemos muito. Enquanto isso, em Cachoeira de Pajeú havia um movimento de preparação de comunicadores para

participarem em Medina e lutarem para construção do 6º Encontro de Comunicadores, em janeiro de 2017. Começava ali a necessidade de plantar, mas, antes disso, de aprender a voar. A eterna inveja e frustração que o homem carrega no peito a cada vez que vê um pássaro no céu. Aprendemos a fazer um milhão de coisas, mas voar... voar a vida não deixou. Talvez por saber que nós, humanos, aprendemos a pertencer demais aos lugares e às pessoas. E, neste caso, poder voar nos causaria crises difíceis de suportar, entre a tentação de ir e a necessidade de ficar. E assim começaram aos poucos a surgir os corajosos que deixaram suas comodidades e a superficialidade insensata das redes sociais para assumirem o desafio de aprofundar a construção coletiva de uma temática que traduziria o sentimento local e regional: a discussão da origem, da história, da identidade. Com o tema “Comunicação, memória e transformação social”, Cachoeira de Pajeú foi invadida por diversos sentimentos e se encheu de perseverança para assumir um Encontro de Comunicadores do Vale em um período de pós-eleição municipal de 2016. Não é difícil imaginar os obstáculos de um evento dessa proporção regional ocorrer em uma cidade pequena com disputas políticas fervorosas e recolher todos os pedaços desta disputa para uma consolidação da colheita. Plantamos esperança no coração dos jovens do Fórum Boca no Trombone das Juventudes do Vale do Jequitinhonha, pois o terreno era fértil e o diferencial de envolvimento também. O coletivo contava com representantes de áreas diversas: urbana – sede do município, BR-116 – zona rural e fazendas – e demais áreas da zona rural. Com reuniões, formações itinerantes e uma metodologia de envolvimento voltada ao

protagonismo, os jovens foram tomando conta dos espaços. Todavia percebeu-se que o sentimento que a atual geração carrega consigo com comportamento volúvel, inseguro para assumir responsabilidades, trazia a necessidade de agregar a linha de frente de organização do Encontro à Rede Intersetorial do município.

Como o destino realmente é um ator eternamente irônico, eis que no final de dezembro de 2016 assumi um compromisso profissional em Pedra Azul. Mas nada jamais abalou a confiança de que tudo daria certo. Porque havia sido construído ali, com muito labor e dificuldade um ambiente de sustentabilidade. Cachoeira de Pajeú “entrou no automático” do Encontro de Comunicadores. É importante fazer um resgate na memória de um jovem que me abordou durante o evento, segurou o meu braço, olhou no fundo dos meus olhos e disse: “jovem, o evento está acontecendo!”. Depois de um abraço, parei no tempo, alguns segundos com olhar transcendental, continuei minhas atividades de apoio e passei o Encontro todo com a frase do jovem na cabeça. Apesar de ter sido uma exclamação dramatizada com espanto, percebi que o jovem que a exclamou era o mesmo que estava no 4º Encontro, na disputa para o 5º Encontro, nas formações para o 6º e então na Comissão Organizadora do evento em Cachoeira de Pajeú. Mas foi na plenária final que encontrei a resposta: Quem planta e não desiste, colhe.



JÔ PINTO

Historiador, produtor cultural e diretor executivo do Centro Cultural Escrava Feliciano, natural da cidade de Itinga. Participou de todas as edições do ECVJ, exceto da 7^a.

3

4

2

5

6

1

Lembro-me como se fosse hoje: o meu primeiro contato com o encontro de comunicadores, foi ainda em 2011, em um encontro de cultura popular na cidade de Jequitinhonha, a qual sediaria a 29ª edição do FESTIVALE. Nesse período eu estava como Vice-Diretor Executivo da Federação das Entidades Culturais e Artísticas do Vale do Jequitinhonha (FECAJE). Em uma reunião faziam parte eu, Ângela Freire, José Augusto, o Professor Marcio Simeone e Sâmia Bechelane, onde ressaltamos que a FECAJE já demonstrava essa preocupação em oferecer algo diferente aos jovens que frequentavam o FESTIVALE.

Dessa forma, o professor Simeone nos apresentou o “Encontro de Comunicadores” e a intenção do Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha de organizar esse primeiro encontro com as pessoas que fizessem comunicação na região. E assim tive a honra de participar das discussões que levaram ao primeiro encontro que veio acontecer no Médio Jequitinhonha, na cidade de Itaobim, nos dias 27 e 28 de janeiro de 2012. Tudo novidade! Porém foi perceptível que o encontro era mesmo necessário; os fazedores de comunicação do Vale, reunidos, debatendo políticas de comunicação, de direitos, com blogueiros, jornalistas, radialistas e pessoas que produziam comunicação popular. Foi um momento de suma importância, estarem juntas pessoas que fazem comunicação, cada uma individualmente, para a pensarem coletivamente nessa comunicação que é feita em nossa região. Participei deste primeiro encontro levando minha experiência como radialista de uma rádio comunitária e como blogueiro.

Em 2013 tomamos a direção do Alto Jequitinhonha, mais precisamente rumo à cidade de Capelinha, porém nosso encontro não foi no mês de janeiro, devido ao Festivale ter acontecido

naquele mês. O segundo encontro de comunicadores só veio acontecer nos dias 1, 2 e 3 de março, com uma temática sobre o “Acesso à comunicação e transformação social e cultural do vale”, tema mais do que pertinente para aquele momento onde, de fato, havia um embate de ideologias culturais, principalmente em relação ao FESTIVALE, onde o tema não foi proposital, todavia contribuiu para essa reflexão também, perpassando pela comunicação.

A distância do Baixo e Médio Jequitinhonha em relação ao Alto proporcionou um público diferente do primeiro encontro; isso ajudou a mesclar ainda mais o ECVJ, o que tornou as oficinas e os debates em torno da comunicação ainda mais democráticos. Naquele encontro, algumas reflexões pessoais a respeito dos movimentos culturais no Vale começaram a mudar e me fazer perceber que o isolamento não era o caminho, era preciso estar junto com pessoas de mesmos ideais em prol de uma transformação de fato.

O 3º encontro de comunicadores foi para o Baixo Jequitinhonha, na cidade de Jequitinhonha, que trouxe o tema “Como trazer o comunitário para a comunicação? O que há de comunitário na comunicação comunitária?”. Dentro deste tema tive a honra de ser convidado para palestrar sobre a importância do rádio, das rádios comunitárias e especificamente da nossa rádio comunitária Cultura FM 87.9, de Itinga. Senti-me lisonjeado com o convite e abordei as dificuldades de se criar uma rádio, o árduo processo de legalização da mesma, bem como acerca do difícil trabalho que é mantê-la em funcionamento, mas também do prazer de se fazer rádio sem o cabresto do capitalismo e dos interesses particulares.

Acredito que naquele encontro tivemos uma maior adesão de fazedores de cultura do Vale e de jovens que não necessariamente trabalham com a comunicação, mas que se identificaram com o ECVJ, criando assim uma nova perspectiva que é a inserção de fato da cultura nesse fazer de comunicação que tanto se debate nos encontros. Foi um momento mais uma vez de troca de experiências, muitas delas geradas nas oficinas, que reafirmam a importância de se fazer uma comunicação comunitária e popular.

O 4º Encontro permaneceu no Baixo Jequitinhonha, na cidade de Pedra Azul e aconteceu entre os dias 23 a 25 de janeiro de 2015 com o tema “Estamos conectados?”. Pela primeira vez eu iria fazer uma oficina no encontro, mas por motivos pessoais não foi possível participar, deixando assim uma lacuna para mim. Mas as notícias que ouvi foram as mais positivas e também acompanhei tudo pelas redes sociais e blogues.

Em 2016 o encontro retorna ao Médio Jequitinhonha, na cidade de Medina, entre os dias 22 a 24 de janeiro, com o tema “Criar, compartilhar e comunicar”. Dessa vez participei da oficina de Publicação Independente. Momento maravilhoso de aprendizagem e uma formação diferente a respeito da publicação. Encontro marcado por debates a respeito das dificuldades de se fazer comunicação em nossa região. Um outro momento de suma importância para o povo do Jequitinhonha no encontro, foi a comunicação necessária entre o céu e terra árida de nossa região: “a chuva”. Ela interagiu em toda a programação, participou de oficinas, dos debates, da noite cultural, da mostra de oficinas,

abrilhantando e renovando a esperança no Vale em forma de água. Algo importantíssimo foi a Carta dos Comunicadores do Vale, um instrumento de transformação com diretrizes onde apontamos as dificuldades, os desafios e as possíveis soluções para a comunicação da região, para servir de base para os próximos encontros.

Em 2017, na pequena cidade de Cachoeira do Pajeú entre os dias 27 a 29 de janeiro, no Baixo Jequitinhonha, aconteceu o 6º encontro de comunicadores com o tema “Comunicação, Memórias e Transformação social”, no qual tive a honra de representar a cidade de Itinga, falando um pouco da história da comunicação de nossa cidade, bem como da importância da rádio comunitária Cultura FM 87.9. Também tive o prazer de participar da oficina de Cineclubismo, de uma importância valiosa que servirá para ser aplicada em nosso cineclubes “Cinema e Artes nas Comunidades” da cidade de Itinga. Foi uma troca de experiência ímpar! O encontro aconteceu de forma muito organizada, com oficinas temáticas e pertinentes à comunicação feita em nossa região.

Percebo que o encontro cresceu muito e outros desafios são lançados a respeito de fazer comunicação no Vale, onde um deles é fazer com que os jovens que hoje fazem essa comunicação possam também participar ativamente das discussões políticas e debates dentro do encontro. É preciso repensar nosso papel nesse “fazer comunicação” de fato; que nos transforme politicamente em cidadãos mais críticos a respeito do que queremos para a sociedade em que vivemos e qual o papel dessa comunicação nesse processo.



LUCAS SILVA MARTINS

Fotógrafo, chefe de equipe na Zelo Imagens, professor de Fotografia no Lab7 – Laboratório Criativo de Imagens, produtor visual na Singular Mídia – Marketing Digital. Natural da cidade de Araçuaí. Participou do 5º e do 6º ECVJ e ministrou oficina no 7º.



Minha história no Encontro de Comunicadores começou em 2016, na cidade de Medina. Na época, eu morava em Belo Horizonte e havia acabado de me formar em fotografia, pela Escola MetrÓpole, após me desligar do curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Viçosa. Foi no início daquele ano que eu comecei a enxergar o mundo das artes e das ciências humanas. Meu coração sempre foi do Vale, mas, eu não conseguia ver sua potência comunicativa, tampouco percebia um elemento que pudesse nortear a comunicação na região. Foi através do convite de uma amiga, Joana D'Arc, para participar do 5º Encontro, que abri meus olhos para a comunicação no Vale do Jequitinhonha. Na ocasião, escolhi a oficina de Cobertura Midiática com o intuito de usar minha fotografia para produzir conteúdo fotojornalístico. Logo, apesar de muito tímido, fiquei à vontade, graças à facilidade dos oficinairos (Túlio Matos e Bárbara Pansardi) em envolver e cativar os participantes para desenvolver os trabalhos propostos. E olha que tivemos muito trabalho, não foi fácil! Montamos um *briefing* pesado, intenso, mas, no fim, deu tudo certo. Foi uma experiência ímpar. Fiz alguns amigos e até compartilhei meus sonhos com um deles (no caso, Ítalo Medina, que se tornou meu sócio no Projeto LAB7 – Laboratório Criativo de Imagem, em que ofertamos aulas de fotografia e audiovisual, com baixo-custo, a fim de estimular a criação de peças de divulgação do Vale do Jequitinhonha). Saí de Medina com um gostinho de quero mais, embora sem a certeza de que viveria aquilo novamente.

Chegando em 2017, já estava de data marcada para voltar a morar no Vale. A expectativa de ir para Cachoeira do Pajeú,

participar do 6º ECVJ, só aumentava. Apesar de ter feito alguns amigos, ainda era novato na turma e ficava receoso de ir sozinho. Foi aí que o Ítalo me apresentou à Aline, de Ponto dos Volantes. Peguei carona com a comitiva de lá e fomos rumo ao 6º ECVJ. Tímido, deslocado e ainda receoso, fui bem recebido pela turma de Ponto dos Volantes, que não me deixou ficar sozinho no alojamento. Para o 6º ECVJ me inscrevi na oficina de “Redes Sociais, Design e Conteúdo”, com o intuito de melhorar minhas redes sociais pessoais e de trabalho. A oficina foi ministrada pela Jéssica Kawaguiski, Alga Marina e Camila Barone, e, a partir dela, desenvolvi uma conexão diferenciada com a Mila Barone e nos tornamos melhores amigos ali mesmo, naquele evento. A oficina foi um sucesso, uma troca de experiências formidável dentro do grupo, entre o pessoal mais novo, bem familiarizado com as redes sociais atuais, e o pessoal mais velho, que presenciou os primeiros passos das mídias sociais.

Foi no 6º ECVJ que reforcei ainda mais os laços de amizade criados em Medina. Foi ali que tive a certeza que tinha um lugar especial pra mim dentre os comunicadores do Vale. Além disso, foi em Cachoeira que conheci a Laura Pimenta, um dos motores de ignição desse evento, pessoa que, mais tarde, tornou-se (com as palavras dela) um “espírito de luz” na minha vida, me ajudando a tomar as mais variadas decisões (inclusive revisar este texto que vocês estão lendo) sobre minha carreira e a me engajar dentro do movimento dos comunicadores do Vale. Hoje a Laura, além de amiga, é conselheira pessoal e empresarial, fazendo parte de outro projeto pessoal que, sem ela, não estaria da mesma forma. Gratidão!

Conhecendo meu trabalho e minha vontade de ingressar na rede de comunicadores do Vale do Jequitinhonha, no final de 2017, Laura me convidou para ministrar a oficina de fotografia do 7º ECVJ. A criação da comissão gestora, o começo da emancipação do ECVJ e a proposta de este ser produzido integralmente pelo Vale fez o momento ser perfeito. Até então, eu e o Ítalo já tínhamos experiências com a Lab7 de dar aula para oito, doze alunos, mas nunca havíamos pego uma turma cheia como a do ECVJ. Apesar das incertezas, o desafio foi aceito. A partir daí, começamos uma saga para construir uma oficina que contemplasse os ensinamentos técnicos sobre fotografia e, ao mesmo tempo, valorizasse a cultura do Vale do Jequitinhonha, produzindo, de alguma forma, um conteúdo que pudesse ser usado para tal fim e casasse com o tema "Comunicação e Resistência". Não foi difícil escolher Fotojornalismo/Documental como nosso tema. Somado a tudo, ainda encaixamos uma paixão tanto minha quanto do Ítalo – o fotojornalismo. Tema escolhido, material pronto, proposta enviada e aprovada, partimos para a divulgação. Então, uma surpresa! Mais de sessenta alunos inscritos, recorde de inscrições em uma oficina do ECVJ. O que fazer? Logo na primeira oficina que iria ministrar já me deparava com isso! Parecia um caos iminente. A comissão alertava e aconselhava reduzir o número de vagas pela metade, mas não aceitamos, fizemos os ajustes necessários, chamamos mais um ajudante e colocamos o pé na estrada rumo a Taiobeiras, onde aconteceria o 7º ECVJ.

Após ônibus perdidos, táxis caros, troca de ônibus e 160 km percorridos, chegamos ao destino. Sol a pino, dia claro,

cenário perfeito para fotografar. A recepção foi excelente, fizemos nosso credenciamento, preparamos o equipamento, almoçamos e fomos para o local da oficina. Chegando lá, mais uma surpresa: 67 alunos ocupavam a sala. Uma mistura de extrema felicidade com uma pitada de desespero me tomava por inteiro. 67 pessoas estavam ali para escutar o que eu ia falar – e eu nunca havia falado para um público tão grande assim. Ao fim da parte teórica da oficina, separamos os participantes em três turmas e saímos pela cidade para fotografar. No final daquele dia já começamos a escutar os *feedbacks* positivos, tanto dos próprios alunos quanto dos fotografados, o que nos deixava ainda mais ansiosos para o segundo dia. Mas, como eu bem aprendi com a Laura, no ECVJ sempre tem uma surpresa a mais. Como se já não bastasse de surpresas, durante a madrugada caiu uma tempestade daquelas de transformar as ruas em rios. No dia seguinte teve espanto até dos moradores, pois não chovia assim na cidade havia muito tempo. Viramos até culpados por levar a chuva. Com o tempo chuvoso, sabíamos que uma parte da turma não iria animar sair para fotografar, mas, pra nossa felicidade, mais da metade nos acompanhou nos trabalhos práticos e o resultado foi maravilhoso – chuva e foto são uma combinação excelente. Ao fim da oficina, criamos uma galeria digital com as fotos tiradas pelos alunos ao longo dos passeios pela cidade, desenvolvendo não só as técnicas, mas, principalmente, o olhar sobre a imagem e a importância do registro atemporal. Na mostra das oficinas foi a vez de a aflição, somada à sensação de um trabalho bem feito, tomar conta. Mais uma vez venci a timidez e falei para os quase duzentos presentes no salão sobre como foi nossa oficina e o

que nela foi produzido – e fomos muito elogiados por todos. Agora aguardamos ansiosamente por Almenara em 2019! Tem tudo para ser um dos melhores ECVJs da história. Que venha o 8º ECVJ!

E assim foi essa saga de três anos, entre um menino perdido em seu primeiro encontro até oficinairo de uma das oficinas mais importantes. Agradeço muito a todos que colaboraram para eu chegar onde estou: ao Polo Jequitinhonha, na pessoa da Laura Pimenta, por sempre lutar e acreditar no potencial dos comunicadores do Vale, à Comissão Gestora, por acreditar em nosso trabalho, e a todos os meus amigos que, de alguma forma, me ajudaram a chegar onde estou hoje. Sem o ECVJ, com certeza, eu não teria crescido, profissional e academicamente, tanto quanto eu cresci nesses últimos anos.

Não posso deixar de ressaltar o mais especial do Encontro: além da formação acadêmica/profissional diferenciada, a valorização do Vale enquanto tesouro patrimonial/cultural é o clima e o ambiente que o Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha traz. Ver pessoas vindo de tão longe para ocupar um espaço que precisa ser ocupado, acreditando que o Vale é muito mais do que a mídia conta, é mágico! Eu sempre saio renovado do ECVJ e sou muito grato pelas pessoas que lá conheci. São amigos para a vida inteira. Muito obrigado, ECVJ, muito obrigado, Vale do Jequitinhonha!



LUÍS SANTIAGO

*Historiador, escritor,
natural de Pedra Azul, foi
ministrante de oficinas e
palestrante em diversas
edições do ECVJ. Só não
participou da 3ª e 7ª.*



O primeiro título que imaginei para este texto foi “Repensar e refazer”, mas me pareceu redundante, pois todo pensar é em certa medida um repensar e todo fazer é também refazer algo que outros já fizeram, seja da mesma forma ou de maneira distinta. A ideia é clara, os Encontros de Comunicadores promovem não apenas uma reflexão teórica acerca da comunicação, como produzem muito material de cunho artístico, cultural, jornalístico, educativo e informativo. Mais ainda, esses Encontros têm formado novos comunicadores, dos quais, muitos continuam residindo na região e atuando nos setores da mídia e da comunicação.

Vou dividir o texto em três seções: 1) as preliminares, que tratam da minha atuação no setor das comunicações antes dos Encontros; 2) o depoimento no qual relembrei o que vi dos Encontros, a parte que desempenhei neles e o que mudou a partir de então na minha carreira; 3) na terceira parte mencionarei o fruto de trabalhos iniciados no Encontro de Comunicadores, ou dinamizados pelo evento, que tenho visto ou tido notícia nas cidades de Pedra Azul, Cachoeira de Pajeú, Medina, Itaobim, Padre Paraíso, Jequitinhonha, Almenara, Rubim e Salto da Divisa.

1. TRAJETÓRIA PESSOAL – PRELIMINARES

Ainda que afastado dos grandes centros, talvez por isso mesmo, o Vale do Jequitinhonha tem uma longa tradição jornalística, não apenas na Diamantina, de Joaquim Felício dos Santos, e no Serro, de Teófilo Benedito Otoni, mas

também em Pedra Azul, onde resido, que já contou com bom número de periódicos, e em Almenara, onde a tradição jornalística local é forte, situação similar à de Itabira. A centro-mineira Itabira chegou a ter vinte periódicos em circulação e hoje tem um pouco menos, enquanto Almenara, a quase 800 km da capital, conta com meia dúzia de periódicos (impressos) em circulação.

Embora há mais de trinta anos escreva com certa constância para jornais e outros tipos de publicação, não tenho graduação na área. Comecei escrevendo críticas de cinema para jornais de Belo Horizonte, onde nasci e cresci. As primeiras foram publicadas na "Seção de Cinema", página que saía às terças-feiras no *Estado de Minas*. Depois escrevi para outros jornais e tive alguma experiência com rádio e com televisão, sempre no segmento da crítica de cinema. Também fui convidado pelo Goethe Institut para fazer a apresentação e ler as legendas dos clássicos que faziam parte duma mostra de Cinema Expressionista. Tudo isso no início dos anos 80, graças à minha participação no CEC – Centro de Estudos Cinematográficos (tradição da família) e ao contato com pessoas que lá conheci. Também publiquei textos em *fanzines*, não apenas sobre cinema, mas também sobre rock, literatura e estética em sentido amplo.

Ainda nos anos 1980, estive algum tempo em São Paulo e depois fui para Pedra Azul. As contribuições jornalísticas ficaram mais esporádicas, mas não terminaram de todo. No ano de 1995 voltei a trabalhar de forma mais constante com jornalismo, inclusive audiovisual. Entre outras atividades,

dirigi um jornal em Pedra Azul, produzi vídeos em Jordânia e redigi, às vezes edições inteiras, para diferentes jornais de Almenara. Ainda em 1995, em Carbonita, redigi o boletim do Festivale, evento itinerante do movimento cultural do vale. A diagramação eletrônica (com a qual tive então meu primeiro contato) ficou a cargo de Átila Naddeo. Nessa mesma época, comecei a editar e publicar livros com certa constância, nem todos de minha autoria, e também passei a contribuir com textos para livros de outros autores e organizadores.

Continuo trabalhando com os jornais de Almenara. Há mais de um ano não redijo uma edição inteira. Meu trabalho mais recente, há um ou dois meses, foi de revisão, ou melhor, de copidesque, pois não sou professor de Português e meus conhecimentos de gramática são limitados. Redigindo para os jornais de Almenara, a partir de 1998, percebi que poderia me sustentar com o trabalho de escritor, ou pelo menos ter uma renda complementar fazendo aquilo que gosto (escrever). Nos anos seguintes, o trabalho jornalístico passou, de fato, a ser minha principal fonte de renda. Minha vida profissional tomou, contudo, novo rumo, em 2004, quando ingressei na licenciatura em História, e lecionei algum tempo em Rio do Prado, em Almenara e no distrito do Araçaji de Minas, município de Pedra Azul.

Em 2007 graduei e já no ano seguinte deixei o magistério de História no ensino Fundamental e Médio. O principal motivo, não o único, foi a dificuldade de conciliar o horário escolar com a disciplina, que tinha estabelecido, de redigir e pesquisar. O jornalismo me dava essa liberdade. Em março

de 2011, fui aprovado no processo seletivo para o mestrado em História pela Unimontes, recebendo, inclusive bolsa de estudos da Capes, que permitiu que eu me dedicasse à pesquisa que vinha projetando há anos, sobre o carisma, ou dom sobrenatural, do “corpo fechado” e a violência política nos sertões da Bahia e de Minas. Tive, contudo, que mudar para Montes Claros e parar de fazer “bicos”, dedicando-me com certa exclusividade à pesquisa e às demais atividades do mestrado.

2. O ENCONTRO DE COMUNICADORES – DEPOIMENTO

Minha primeira participação no Encontro de Comunicadores aconteceu em novembro ou dezembro de 2011, na passagem do segundo para o terceiro semestre do mestrado. Entre as atividades preparatórias para o 1º Encontro, que aconteceria em janeiro de 2012, o professor Márcio Simeone me convidou para uma conversa com a garotada de Itaobim que estava envolvida na festividade dos 50 anos de emancipação do município. A conversa aconteceu em um grande salão, no qual funcionava o Banco do Brasil (hoje ocupa um imóvel bem menor). Falei o pouco que sei acerca da história de Itaobim: sobre o povoado de São Roque, que deu origem à cidade e hoje é um subúrbio com sua igreja histórica; a chacina de retirantes, que tentaram forçar a passagem na época em que a ponte estava sendo construída e o caso das “palmeiras comunistas” (doadas por Miguel Arraes) transformado em poema por Tadeu Martins. Eles já sabiam de tudo e até me

contaram alguns novos episódios. Tinham projetado uma publicação sobre a história local, mas não sei se chegou a ser impressa.

O primeiro Encontro aconteceu em Itaobim, nos dias 27 e 28 de janeiro de 2012. Particpei de uma das mesas temáticas, sobre o “Acesso público às mídias”, e ministrei uma oficina de Redação jornalística. A mediadora da mesa foi a professora Graziela Melo, uma das organizadoras do evento, e os dois outros participantes foram Elias Santos, que falou da sua experiência à frente da Rádio UFGM, e o artista plástico Gildásio Jardim, relatando o trabalho que tem feito junto à população de Padre Paraíso. Discorri acerca do caráter revolucionário do jornalismo no vale, desde a tipografia artesanal dos primeiros jornais com tipos em pedra e prensa de madeira (1828), passando pela rebeldia política de Teófilo Otoni no Serro e de Joaquim Felício em Diamantina, pelo papel do jornalismo no processo emancipatório de Almenara, com Olindo Miranda à frente, pela produção jornalística e literária de altíssima qualidade de Batista Brasil, Nelson de Faria e J. Duarte, e pelo jornal *Geraes* até chegar aos nossos dias. Já os resultados da oficina não foram muito animadores. Todos participaram e opinaram no primeiro dia, mas na segunda etapa, que aconteceu na tarde de sábado, muitos já tinham ido embora e outros, mesmo estando na cidade, nem apareceram. Um ou outro realizou o que tinha sido pedido na véspera. Troquei algumas palavras com os que apareceram e dispensei a turma.

Particpei também do 2º Encontro de Comunicadores, que aconteceu em Capelinha do dia primeiro ao terceiro dia de março de 2013 (sexta, sábado e domingo). Capelinha também tem uma tradição toda própria na área das comunicações, com jornais, uma das primeiras rádios FMs do vale e um boom de blogs jornalísticos por volta de 2005. Foi a oportunidade de encontrar vários amigos que não via há muito tempo. Dessa vez fui convidado para dirigir um Grupo de Trabalho – GT sobre ética nas comunicações ao lado do professor Carlos d’Andrea, do departamento de Comunicação Social da UFMG. O resultado dos debates do GT foi apresentado na plenária de encerramento do Encontro.

Não participei do 3º Encontro, que aconteceu em Jequitinhonha, entre 23 e 25 de janeiro de 2014 (quinta a sábado). Poucos meses depois, contudo, era convidado para as reuniões preparatórias do 4º Encontro de Comunicadores, que teve lugar bem no quintal de casa, na querida Pedra Azul, entre sexta e domingo, 23 a 25 de janeiro do ano passado (2015). Também não tive nenhuma função oficial nesse Encontro, mas dei alguns pitacos (nem sempre felizes) na oficina de Publicações literárias independentes e na plenária de encerramento, onde pedi maior atenção, e mesmo alguma intervenção, em favor do Museu do Canjira, em Itaobim, de taxidermia e objetos curiosos, e da Casa de Cultura, em Jequitinhonha, com seu acervo de arte brasileira contemporânea.

No início deste ano de 2016, o 5º Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha também aconteceu aqui perto de

casa, em Medina, entre 22 e 24 de janeiro (sexta a domingo). Fui convidado para ministrar a oficina de Produções literárias independentes ao lado das oficinas Bruna Bezerra Lubambo Maia e Mila Barone. Medina vinha passando por uma situação dramática com muitas mortes de jovens de gangues rivais, que atuam no tráfico de drogas e no roubo de cargas. Outro problema que colocava em risco a realização do Encontro era que as chuvas até dezembro tinham sido insuficientes e havia risco de falta de água. O prefeito Robinho, contudo, garantiu que haveria abastecimento por meio de caminhões pipa no alojamento dos participantes. Algumas pancadas de chuva no início de janeiro e nos dias do evento garantiram o abastecimento. Produzimos um lindo livrinho na oficina e ainda participei da formatação de uma “Carta dos comunicadores do vale do Jequitinhonha”, que foi debatida na plenária de domingo e recebeu uma redação final.

O texto que o leitor tem nas mãos foi preparado para fazer parte do 6º Encontro de Comunicadores, que aconteceu em janeiro de 2017, também bem perto daqui, em Cachoeira de Pajeú. Parte do pouco material que guardei da oficina de Redação em Itaobim integrará uma exposição retrospectiva. Os moradores se envolveram na realização do evento e até recebi a visita de comunicadores de Cachoeira, grupo formado a partir do Encontro de Pedra Azul e da parceria com o CEDEDICA (entidade filantrópica de Pedra Azul). Filmaram um depoimento no qual falei sobre o distrito de Pingueira (antigo Catriangongo ou Cateriogongo), que foi o primeiro núcleo de colonização na região de Medina, Pedra Azul e Cachoeira.

Toda essa atividade de repensar e de refazer a prática da comunicação, alterou profundamente minha técnica não apenas jornalística, mas também de redação, de editoração e a própria maneira como encaro o ofício de comunicador no vale do Jequitinhonha. Na verdade, eu nunca havia pensado nessa influência até a Laura Pimenta, doutoranda em Comunicação e uma das organizadoras do Encontro, pedir este texto. Pensando sobre o assunto nos últimos dias, pude elencar elementos que o aprendizado dos Encontros propiciou para o meu ofício.

Em primeiro lugar, os Encontros me ajudaram a equacionar o entrelaçamento entre a produção de textos para fins jornalísticos, para fins literários e para fins acadêmicos. Essa visão "panorâmica" está ligada ao conceito de comunicador, em um sentido bastante amplo, que extrapola o trinômio Jornalismo, Publicidade, Relações públicas. Os debates, as rodas de conversa, as colocações que apresentei no Encontro permitiram essa percepção ampla, repensar a noção de "comunicador", similar, e justaposta em muitos aspectos, à ideia de "agente cultural". A articulação entre as linguagens jornalística, artística e acadêmica sob a égide do comunicador em sentido amplo neutraliza parte do conflito (interno) entre os distintos saberes (epistemologias) com suas respectivas formas de expressão (estruturas estéticas, retóricas, didáticas). A eliminação ainda que parcial dessa suposta contradição entre formas diferentes de pensar e de fazer a comunicação garante maior agilidade na formulação de conceitos.

Também não posso me esquecer do que aprendi em termos de editoração com as oficinas da Bruna Bezerra Lubambo Maia, que tiveram também a participação das socioeducadoras Sâmia Bechelane e Mila Barone. A editoração e, sobretudo, a capa dos dois últimos livros que publiquei receberam influência direta do trabalho que fizemos no grande coletivo que foram essas oficinas. Outra lição dos Encontros aprendi diretamente do professor Simeone, no café da manhã do hotel Samaive, em Medina. Ele explicou que os projetos sociais alcançam resultados surpreendentes no vale do Jequitinhonha, porém na hora de executar o “fator -1 [menos um]” é uma constante incontornável. A ideia é de que sempre falta alguma coisa, mas no fim das contas tudo acontece às mil maravilhas. Parece que tem sido assim nos Encontros.

A influência dos Encontros sobre minha trajetória profissional não pode ser separada dos outros projetos do Polo Jequitinhonha da UFMG, dos quais participo, em particular o evento Visões do Vale. Também participei de quase todas as edições do Visões do Vale, desde a primeira (7 e 8 de maio de 2009), apresentando pesquisas socioculturais, das quais duas foram publicadas nos livros que reúnem os trabalhos do evento. É difícil avaliar o que os Encontros de Comunicadores, o Visões do Vale e outras atividades do Polo Jequitinhonha representam na minha trajetória intelectual, pois não apenas valorizam, mas legitimam o trabalho que venho desenvolvendo, pois mostram a relevância dos estudos sobre a estrutura sociocultural do Vale.

3. RESULTADOS PALPÁVEIS – AVALIAÇÃO

Encerro agora, as considerações de cunho pessoal e passo aos frutos sociais dos Encontros de Comunicadores na região onde resido. Embora seja um evento acadêmico, o Encontro de Comunicadores segue, em grande medida, o modelo do Festival – Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (desde 1980, com 33 edições) e dos “Encontrões” – Encontros de Agentes Culturais do Vale do Jequitinhonha (desde 1985, com cerca de setenta edições). Os Encontrões servem para organizar e avaliar o Festival, além de discutir temas de interesse da classe cultural. O Festival, os Encontrões e o Encontro de Comunicadores são eventos itinerantes. O Festival acontece no mês de julho (o deste ano foi a exceção) e o Encontro de Comunicadores no mês de janeiro (com exceção do de Capelinha). O Festival devido ao tamanho do evento, já não pode acontecer em cidades pequenas, que não são dotadas de rede hoteleira, mas os Encontrões e o Encontro de Comunicadores podem acontecer nas menores cidades, inclusive distritos. Já participei de um Encontrão no Taquaral (distrito de Itinga, às margens do rio Jequitinhonha).

Outro ponto em comum entre o Festival e o Encontro de Comunicadores, um defeito, é que estão cada vez mais restritos ao Médio e Baixo Jequitinhonha. O evento promovido pelo Polo ainda mais restrito em termos geográficos que o Festival. Na intercessão entre o Médio e o Baixo Jequitinhonha estão as cidades nas quais os resultados do Encontro são mais evidentes: Pedra Azul (onde

resido), Cachoeira de Pajeú, Medina, Itaobim, Padre Paraíso e Jequitinhonha, além de Almenara, Rubim e Salto da Divisa em pleno Baixo Jequitinhonha.

Em Pedra Azul, o Polo tem uma antiga parceria com o CEDEDICA-Vale, entidade dedicada à formação de adolescentes e pré-adolescentes. Muitos dos meninos que participam das atividades do CEDEDICA se inscrevem nas oficinas oferecidas pelo Encontro de Comunicadores. Os educadores sociais William “Will” Nascimento e Lydiane Barbosa repassam à garotada do CEDEDICA muito do que aprenderam ou aprimoraram nos Encontros. Formado pelas oficinas do CEDEDICA e dos Encontros, o garoto Gabriel Vieira, de 16 ou 17 anos, ministrou este ano a oficina de Fotografia (subordinado ao oficinheiro oficial da mesma forma que fiquei subordinado à Bruna nas oficinas de Publicações independentes) e foi convidado para a oficina de Audiovisual (vídeo) no Encontro de Cachoeira de Pajeú. Trabalhos audiovisuais produzidos pelo CEDEDICA têm sido acessados na internet e apresentados em eventos, recebendo prêmios nacionais. Nos últimos meses foi criado um coletivo de comunicadores em Pedra Azul, chamado Dibituca, que já conta com *site* e pretende lançar uma publicação.

Não estou bem a par dos preparativos para o Encontro dos Comunicadores no mês que vem, mas sei que o evento conta com o apoio da Prefeitura de Cachoeira de Pajeú, tendo à frente o prefeito Gilão (Humberto Tolentino) recentemente reeleito. As secretarias municipais de Saúde e de Ação Social estão diretamente envolvidas. A partir do

que aprenderam nas oficinas, jovens e adolescentes têm entrevistado os moradores não apenas da cidade, mas também dos distritos, povoados e da área rural.

O principal parceiro do Polo Jequitinhonha em Medina é o Centro Arco Íris, também voltado para os adolescentes e pré-adolescentes dos bairros menos assistidos da cidade. Destaco aqui o trabalho de Jardel Mendes, do fotógrafo Reinaldo Nowblack, do palhaço Wellington e da socioeducadora Cida Queiroz. Cida atua não só em Medina, onde reside, mas também em Itaobim; parceira não apenas dos Encontros, mas também de outras empreitadas do Polo Jequitinhonha da UFMG.

Em Itaobim, o Encontro está intimamente relacionado ao desenvolvimento da produção audiovisual e da pesquisa histórica. O Polo tem produtivas parcerias com a Fundação João XXIII, com a Prefeitura e com outras entidades de Itaobim. Entre os participantes mais constantes dos Encontros de Comunicadores, cabe destaque para o agente cultural Andrette Ferraz, um dos principais organizadores do 1º Encontro, que aconteceu durante a celebração do cinquentenário da cidade (2012).

Os movimentos sociais de Padre Paraíso são parceiros de primeira hora do Polo Jequitinhonha e participam dos Encontros de Comunicadores desde a idealização do evento. Os principais representantes de Padre Paraíso na produção dos Encontros são o professor Armando Ribeiro, que dirige o grupo teatral Murion, o pintor Gildásio e o

professor Ernandes, atual diretor executivo (presidente) da Fecaje, entidade que organiza o Festivale. A delegação de Padre Paraíso está entre as maiores em todos os Encontros, mesmo na distante Capelinha.

Jequitinhonha também é uma cidade parceira de primeira hora tanto do Polo quanto dos Encontros. O Polo auxiliou no processo de institucionalização da Casa de Cultura, que têm à frente os agentes culturais Pedrito e Breno. O terceiro Encontro de Comunicadores, aconteceu nessa cidade, que antigamente era chamada de São Miguel da Sétima Divisão. Entre os frutos mais promissores dos Encontros está a TV Redondo, formada por jovens jequitinhonhenses, entre os quais Felipe Matos, que trabalha na Casa de Cultura, e seu irmão gêmeo Túlio.

O principal parceiro almenarense do Polo e dos Encontros é a Fundação Monsa, parceira também do CEDEDICA no Cachola Empreendedora, programa para jovens e adolescentes. O contato da Fundação Monsa com o Polo acontece sobretudo por intermédio da assistente social Luciana Peixoto. Em Rubim, a entidade parceira do Polo nos Encontros é a Ong Vokuim também voltada para a formação extracurricular de jovens e adolescentes. A participação nos Encontros certamente contribuiu para a publicação do livro *Folhas da cultura* (2015), organizado pela educadora Alba Dutra (supervisora da rede pública), participante assídua dos Encontros. Rubim pleiteia a realização de um Encontro na cidade, que talvez seja o de janeiro de 2018. A mesma equipe que organiza os Encontros ministrou várias oficinas em Salto

da Divisa, tanto durante a etapa preparatória para o Festival do ano passado (julho de 2015) quanto no próprio evento. A parceria para o trabalho no Salto foi celebrada entre o Polo, a Fecaje e a Prefeitura Municipal, representada pela assistente Luciana (da Monsa) e pela secretária municipal de cultura Preta Lima.

Conforme se vê, à medida, que vou me afastando de Pedra Azul, as informações vão se tornando menos detalhadas. Reconheço também que deixei de mencionar o nome de muitas pessoas que foram e continuam sendo fundamentais para a realização do Encontro. O Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha é um evento já consagrado, que nestes últimos sete anos se tornou uma tradição. Embora algumas cidades estejam pleiteando desde já a realização das próximas edições do Encontro, a continuidade do evento enfrenta algumas ameaças, entre as quais o corte de verbas públicas. A equipe do Polo, que organizava o evento, delegou a realização do Encontro para as entidades da região.

Entre os pontos frágeis que vejo na organização do Encontro de Comunicadores está uma excessiva institucionalização, que de um lado garante suporte humano e logístico, porém afasta os comunicadores enquanto classe social. Os Encontros são eventos de formação em comunicação para jovens e adolescentes, embora pessoas de outras faixas etárias também participem das oficinas. Entre os benefícios está a familiarização desses jovens com o discurso que vão encontrar nas universidades, caso consigam ingressar

no ensino superior. Embora boa parte dos jovens que aprendem técnicas de comunicação nos Encontros se mudem para os grandes centros, em busca de empregos melhores e de cursos universitários, alguns continuam na região e ingressam nos variados setores da comunicação social.

A produção desse contingente de comunicadores egresso dos Encontros apenas começou a aparecer na internet e em variados eventos artísticos, culturais, comunitários e educativos. O carro-chefe dessa nova geração de comunicadores do Médio e Baixo Jequitinhonha é a produção audiovisual. São algumas dezenas de *videomakers* entre 15 e 25 anos de idade. Devido à formação que receberam nos Encontros, ligada à área de comunicação social, a linguagem que esses jovens utilizam é demasiado jornalística e pouco artística, pelo menos do ponto de vista de um ex-crítico de cinema. Falta a muitos desses produtores audiovisuais um conhecimento mais aprofundado da história do cinema. O aperfeiçoamento é, contudo, fruto de um trabalho continuado e esses garotos e garotas têm uma longa estrada pela frente.



RAFAEL ALVES DE OLIVEIRA

Cientista Social, professor de Sociologia do ensino básico, blogueiro do Blog Pé de Taioba. Participou do ECVJ desde sua terceira edição.



“Porque a raiz da gente é que alimenta os nossos frutos, o Pensamento.”

A comunicação faz parte da natureza de todos os seres vivos, seja por gestos, seja pelo aroma, pela escrita, desenho ou som. Todos os seres, principalmente nós, seres humanos, necessitamos nos comunicarmos, como um instinto de sobrevivência. Inclusive, diante esta necessidade, evoluímos nossas formas de comunicarmos, de chegarmos ao outro, muitas vezes de forma positiva, mas também em muitas vezes, de forma negativa. A comunicação une ou desune, promove paz ou guerra, amor ou ódio, ou seja, a arte de comunicar, é uma faca de dois gumes, precisamos saber de qual lado desta faca estamos, precisamos perceber a importância de usar dos instrumentos de comunicação para defendermos o que compreendemos ser o mais certo, mas, antes, é preciso buscar compreender o que é o certo.

Em 12 de dezembro de 2012, me aventurei ao desafio de blogueiro, com dois objetivos: falar sobre minhas raízes, minha cidade de Taiobeiras-MG, e meu sertão mineiro; e desenvolver minha escrita. A partir deste *hobby*, recebi um convite: participar de um encontro cheio de comunicadores de tudo que é lado do Vale do Jequitinhonha. Era o 3º Encontro dos Comunicadores do Vale, o ano era 2014, a cidade Jequitinhonha.

Um longo caminho, saindo de Taiobeiras, passando por Salinas, Araçuaí, Itaobim, acompanhado pelo Rio Jequitinhonha, até a cidade de Jequitinhonha, terra do artesão

Léo, que destaca o povo do Vale em suas obras de barro. Terra da cachaça Jequitinhonha, da Igreja com traços da arquitetura holandesa. Da ponte estreita que ilustrou a caminhada que estava por vir rumo ao Encontro dos Comunicadores do Vale, pude começar a me indagar e buscar respostas sobre a importância e o poder da comunicação.

O primeiro encontro a gente nunca esquece. E me fez ver e sentir, no meio de tantos novos amigos, que ali começou a amizade, que eu fazia parte dos Comunicadores do Vale do Jequitinhonha. E perceber que dentro das faces que a comunicação exerce, estava diante da qual me senti melhor: a dos comunicadores que não estavam ali para reproduzir o que a grande mídia faz, e sim para trazer alternâncias, trazer o olhar, a voz e o valor dos oprimidos diante os grandes meios de comunicação. Trazer a realidade e dialogar com o povo no linguajar do próprio povo.

E inspirado em Paulo Freire, quando disse que “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática” a experiência no Encontro dos Comunicadores do Vale, promoveu não só a minha ida ao 4º Encontro, em janeiro de 2015 na cidade de Pedra Azul, mas a proliferação de mais participantes de Taiobeiras no ECVJ. E me fez cada vez mais próximo e mais à vontade na participação neste evento, que promove além de um discurso político sobre os meios de comunicação alternativos, populares e de luta, as políticas públicas para a juventude – que em massa participa do encontro, tendo a oportunidade de desenvolver com o contato

com a universidade, pela parceria da Universidade Federal de Minas Gerais, e o contato com grandes comunicadores de todas as áreas, com tantos intelectuais populares como o historiador Luís Santiago, com quem pude aprender tanto na praça onde o Bicho de Pedra Azul virou lenda. De Luís Santiago tomo os versos de sua obra Quarenta e duas peças poéticas:

*Também com as frutas, tão longo
percebem vingando os troncos
e já conta com as forças próprias,
vão aos astros rapidamente,
luzindo por si sós, sem pedir
o nosso trabalho.*

Com estes versos me refiro ao que vi e vivi no passar dos ECVJs: a evolução e o fortalecimento do grupo, sempre aparecendo mais um companheiro que busca levantar a bandeira de uma comunicação popular, uma comunicação que dialoga de fato com o povo, mesmo com a grande dificuldade enfrentada pela opressão da indústria cultural, do consumismo midiático promovido pelas grandes mídias.

O 5º Encontro, o meu terceiro, fui ainda mais fortalecido, com a juventude que me acompanhou e com meu amadurecimento político e social enquanto um comunicador do Vale. Medina marcou não só mais uma edição do ECVJ, mas um momento de reflexão com a pauta mais importante, a construção da Carta dos Comunicadores, marco político do encontro, levando

a voz dos comunicadores populares do Vale do Jequitinhonha dentro da formalidade e da relevância do Encontro.

Novamente me referindo ao pensador Paulo Freire, “ninguém liberta ninguém; as pessoas se libertam em comunhão”. E nesta comunhão criada pelo ECVJ, nos promovemos a nos libertar, a buscar sentir as correntes que nos prendem e buscar assim, caminhos de mídias populares alternativas, que dialoguem com a população e tragam ideias novas para o Vale do Jequitinhonha, tantas vezes inferiorizado pela opressão das grandes mídias de comunicação.

Relatar as experiências vividas ao longo dos Encontros dos Comunicadores do Vale destaca a importância destes momentos: Fortalece a nossa identidade enquanto comunicadores populares, voltados à realidade do meio em que vivemos, não deixando de destacar de que lado estamos diante dos meios de comunicação e o nosso papel social diante disso. Como educador e pesquisador, trago a reflexão da relevância para os comunicadores, principalmente para a juventude que participa do Encontro, do aprendizado não só das oficinas, mas dos conflitos de ideias promovidos nos debates durante o evento. E, sendo um comunicador de mídia alternativa, percebo a importância da evolução do meu trabalho diante dessas vivências.

Ser comunicador do Vale, é saber a importância do seu papel social, dos desafios e lutas a serem enfrentadas, e de levar as experiências vividas pelos caminhos que for, e sempre se identificar como agente transformador do seu meio.



BRUNA BEZERRA LUBAMBO MAIA

*Relações Públicas,
designer gráfica, membro
da Associação Imagem
Comunitária e ex-bolsista
do Programa Polo de
Integração da UFMG no
Vale do Jequitinhonha,
participou de todas as
edições do ECVJ.*



“No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.” – Manoel de Barros

Meu chamego com o Vale começou pela janela do carro. O Jequitinhonha era paisagem de beira de estrada, dessas bem Brasil Profundo. Brasil dos meus amores. Durante quase vinte anos, conheci Jequitinhonha assim só da beiradinha, beira de estrada, caminho pra Recife, Recife bom, Recife da casa do meu avô. Eram dois a três dias de viagem cortando sertões e mares, colocando a conversa em dia com a família dentro de um carro miúdo. Durante muitos anos aprendi Jequitinhonha de passagem. BR-116. – Já chegou na Bahia, painho? – Ainda não, filhinha.

Mal sabia eu que Jequitinhonha ia virar minha chegada durante tantas viagens. Sem painho, sem mainha, muitas vezes sozinha de Gontijo, outras tantas de ônibus, banana veloz ou micro-ônibus, brincando e fazendo reuniões. Descobri o que é trabalhar com o que eu gosto, descobri com o que eu gosto de trabalhar. Mal sabia eu que o convite de Bruna Acácio há sete anos – “Lubambo, você topa ir pra Padre Paraíso diagramar o jornalzinho do Festivale como voluntária do Polo?” – ia definir muito do meu rumo até aqui.

Encontro de Comunicadores. Posso dizer de boca cheia e em *Caps Lock* – EU FUI EM TODOS OS ENCONTROS DE COMUNICADORES DO VALE DO JEQUITINHONHA. Dizem por aí que apenas eu, Braulier de Itaobim e Jô de Itinga possuem essa marca. Até Simeone que é Simeone já esteve ausente em um dos encontros – estava em terra d’além mar. Depois

que saí do Polo, onde fui bolsista durante uns dois anos, o Encontro de Comunicadores foi a maneira que encontrei pro vai e vem da capital não me passar uma rasteira e me desgarrar do Jequitinhonha. É como um ritual litúrgico, que anualmente me mobiliza e me amarra. Gostei. Fui ficando. Gosto de terras de muro baixo.

Itaobim, cidade do primeiro Encontro. Terra de manga doce, doce como Elaíny e Wily (colegas itaobinhenses, um dia oficinandos, hoje oficineiros). Cheguei nesse encontro descendo de Recife, de carro, “carona” com painho e mainha. Fim de férias. Nessa época só assisti às mesas e participei da plenária. Ainda era bolsista do Polo e fazia parte da Assessoria de Comunicação Colaborativa de Itaobim 50 anos. Escutei com cuidado os comunicadores do Vale, radialistas, jornalistas, pessoal das antigas. Foi grande o alvoroço! Alguma coisa grande estava nascendo.

Capelinha, segundo encontro. Oficina de *Stop Motion*. Que saudade daquele furdunço criativo! Minha primeira oficina de *Stop Motion* como oficineira. Sâmia (*parça* de oficina), massinha, papel, arame, cola, tesoura, tecido e tudo o que há de bom. Época em que conheci Rafa de Medina: vida! Em um dia fechamos *Os jarros de Dona Maria*, quase 2 min de *Stop Motion*! Uma loucura, dessas que só dão certo no Vale. Roteiro, personagens, cenário, até efeitos especiais! Um beijo pra Janes, ex-AIC, que com sua mão frenética de atalhos ajudou eu e Sâmia a fecharmos a edição antes da Mostra das oficinas. Sucesso. *Os jarros de Dona Maria* caiu na graça do público! Os jovens comunicadores invadiram Capelinha.

O Encontro nunca mais seria o mesmo. E Capelinha, terra do CriaSom, fez história com o Sarau do sábado à noite. Que festança! De tão rochedo, dizem por aí que o forrobodó nunca terminou...

Jequitinhonha, terceira edição do Encontro. Terra de Quatro Patacas, de Felipe sensacional, do Redondo! Primeira edição do encontro puxada pelos jovens de Jequitinhonha. Que sucesso. Os mesmos jovens que há um tempo estavam construindo junto com a gente a Assessoria de Comunicação Colaborativa Jequitinhonha 200 anos. Fico lembrando das palavras bonitas que Will de Pedra Azul falou na abertura do Encontro. Foi o ano da segunda oficina de *Stop Motion* com Sâmia. Muito suor e alegrias. E saiu mais um vídeo: *História de pescador*. Psicodélico. Pense num bichinho trabalhosos!

Pedra Azul, quarto encontro. Terra de belo casario, de poetas. Terra de Will. Eu e Sâmia decidimos tirar um descanso do alvoroço das oficinas de *Stop Motion*. Primeira oficina de Fanzine Literário do Encontro de Comunicadores. Em critérios de alvoroço, trocamos seis por meia dúzia! Ao fim da oficina tínhamos uma gráfica caseira experimental (*xerocão* e serigrafia) imprimindo o Zine *Retratos imaginários*, os mais belos textos do verão pedra-azulense. No Jequitinhonha todo mundo é poeta. Teve festejos. Teve encontro. A rede estava formada, sacramentada, amarrada em nome de deus.

Medina, quinto encontro. Terra de sol, terra de chuva. Dilúvio! Terra encharcada depois de muita seca. Terra de Rafa, diva de Medina. Tá na chuva? É pra se molhar. Segunda oficina

de Fanzine Literário, primeira oficina com minha nova parça de oficina, a Camila. A publicação ficou um chamego. O zine *Era uma vez. Tomara que por muitas vezes* teve sua tiragem esgotada em poucos minutos. O Vale me fez *fanzineira!*

Cachoeira do Pajeú, sexto encontro. Terra onde tudo é perto, terra de noites frescas. Terra de Daniel – pausa para rir!
Oficina da vez: Comunicação para Mobilização Social com produção de Lambe-Lambe, porque se não for pra me melar de tinta eu nem vou! Dessa vez trabalhei com Raissa. Raissa tem o Vale tatuado no braço. Somos filhotes da extensão. Cachu do Pajeú foi bonito de ver, de estar junto, de pensar: "Cara! Que coisa massa, boy!". O Encontro de Comunicadores passou a ser também um encontro de amigos. A linha que divide oficinheiros e oficinandos nunca foi tão fraquinha, mirrada. As oficinas foram virando grupos de trabalhos. Soltamos a proposição criativa: "Vocês topam? Então bora!" E enchemos a praça de lambe-lambes. Todo mundo no Jequitinhonha também é artista gráfico.

Lembro de Ítalo de Padre Paraíso dizendo que o Encontro de Comunicadores formou ele fotógrafo. O Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha também me formou comunicóloga, Ítalo. No estágio de ser um pedaço dessa árvore, aprendi de vale, verso e viola mais que na escola.



BRUNO VIEIRA

Jornalista e mestrando em Psicologia Social pela UFMG. Integra o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Conexões de Saberes UFMG. Participou do 1º, 2º, 3º e 4º ECVJs.



Itaobim, Capelinha, Jequitinhonha e Pedra Azul. Quatro cidades com realidades diferentes, mas que se situam numa mesma região: o Vale do Jequitinhonha. Nessas quatro cidades, estive como participante das quatro primeiras edições do Encontro de Comunicadores do Vale, uma iniciativa do Polo Jequitinhonha da UFMG que foi comprada com muito afeto pela galera da região. Nos quatro encontros de que participei, me envolvi com discussões sobre comunicação comunitária, comunicação alternativa, *webativismo*, mobilização social e cultural, dentre outros diversos tópicos tangentes e/ou transversais. Fui oficinairo, palestrante, mediador, produtor, mobilizador. Um pouco Severino Quebra-Galho, talvez. Nos anos descritos neste relato, estive como oficinairo/educador pelas ONGs Oficina de Imagens e Associação Imagem Comunitária.

Lembro-me que até eu ir a Itaobim não conhecia o Vale no seu âmbito. No máximo, tinha ido até Diamantina, que está bem na ponta do Alto Jequitinhonha. A viagem na van da Oficina de Imagens durou doze horas, foram mais de seiscentos quilômetros de chão rodado, de paisagens que se modificavam na medida em que nos aproximávamos do nosso destino. Nunca tinha viajado tanto tempo assim por uma estrada, e foi dessa maneira que descobri que Minas Gerais não é um país, mas um mundo. E uma parte desse mundo é o que insistem em chamar de “vale da miséria” – expressão essa facilmente refutável.

*Gastei 600 quilômetros para chegar
e nem de Minas saí.
De Belo Horizonte rodei foi chão.
Pensei que tinha chegado no fim.
Mas era só o começo:
Itaobim.*

*(Poema escrito por mim e publicado no Facebook assim que
cheguei ao Vale.)*

No primeiro Encontro de Comunicadores, em 2012, eu tive contato com uma realidade impressionante. Senti um choque por conta do calor intenso de Itaobim – um calor que não é somente físico, mas também afetivo. Brinquei com algumas pessoas que era possível fritar um ovo no asfalto da cidade de tão quente que o clima estava. Entretanto, não afirmei isso apenas no que tange à temperatura física, mas também ao calor das polêmicas que se levantavam nos debates promovidos no evento. Um debate acalorado sobre direito à comunicação, novas mídias e a comunicação no próprio Vale tomou conta do cenário e convocou a todos para reflexões diversas.

Em meio a tanta provocação, tanta fala, tanta verborragia, o pessoal da oficina de Mídia Tática (da qual eu era um dos oficinairos) resolveu fazer uma intervenção que foi cirúrgica para o encontro. Um dos participantes pediu a palavra e, ao chegar a sua vez, levantou-se e ficou em silêncio. Por um minuto. Um longo, intenso e angustiante “minuto de silêncio” para chamar a atenção para o fato de que estávamos todos

falando muito, mas ouvindo pouco. Eu acredito que até hoje (ou pelo menos até o último encontro que acompanhei) haja ecos dessa intervenção na forma de se conduzir o evento.

O encontro em Capelinha, em 2013, foi atípico por ter acontecido no mês de março, enquanto a proposta era de que acontecesse na última semana de janeiro. Foi um evento que percebi ser um interessante ponto de inflexão para que houvesse mais mobilização das pessoas do Vale para que estas pudessem fazer do Encontro um evento delas. Foi um evento com adesão menor muito pelo fato de Capelinha ser uma cidade um pouco mais distante das cidades de atuação tanto da Oficina de Imagens quanto da Associação Imagem Comunitária e do Polo Jequitinhonha UFMG. Porém, adesão menor não significa encontro ruim: isso foi necessário para repensarmos a forma de atuação e o próprio formato do evento. No ano seguinte, em Jequitinhonha, isso ficaria mais evidente.

Cheguei a Jequitinhonha em 2014 após uma maratona de mais de uma semana visitando cidades do Alto Jequitinhonha para outro projeto. Na cidade ofereci uma oficina de Webativismo – muito em decorrência do que aconteceu em junho de 2013: toda uma mobilização social e política articulada por meio da internet. Até o momento no qual escrevo este texto, janeiro de 2017, não consegui entender as Jornadas de Junho em toda a sua magnitude e extensão, mas entendo que as passeatas dessa época foram deveras importantes, ainda que seu resultado tenha sido desgostoso. Impulsionado por essa questão, no III Encontro fizemos um

debate sobre a importância da internet e de como podemos mudar concepções (e quiçá paradigmas) com um processo comunicacional ativo na rede. Foi nesse evento que surgiu a proposta de uma *hashtag*, #esseéonossoVale, que objetivava mostrar um outro Vale do Jequitinhonha, que não fosse o da pobreza nem o da miséria. Propusemos aos participantes que tirassem fotos, fizessem vídeos, registrassem suas realidades e postassem nas mídias sociais com a *hashtag* combinada. E essa não foi uma proposta restrita aos participantes da oficina, mas abrimos tanto para as demais oficinas quanto para o evento em geral essa vontade de provocar, por meio da rede virtual, outra concepção do que é o Vale do Jequitinhonha. O resultado foi interessante e, por vários dias, ainda víamos a repercussão dessa proposta na internet.

Diga-se de passagem, esse é um dado que quero ressaltar na minha trajetória pelos Encontros de Comunicadores. Por mais que haja pobreza e vulnerabilidades diversas no Vale, sobrevalorizar isso em detrimento do seu real valor é um engodo. O Jequitinhonha é um vale de riquezas inesgotáveis, tanto no que se refere ao seu povo quanto à sua cultura, sua tradição, seus valores e sua política. Porque estamos falando de um povo muito engajado nas suas propostas – e acredito que tal engajamento foi, aos poucos, fazendo com que os participantes do Encontro o colocassem na sua agenda de eventos. Os “valeiros”, com apoio da UFMG e das diversas instituições governamentais e não governamentais apoiadoras, “cooptaram” o encontro e tomaram esse boi pelo chifre. Resultado disso foi, após o encontro de Jequitinhonha, o pessoal de Pedra Azul ter feito um processo

interessantíssimo de mobilização e articulação que me fez refletir o quão conectado esse povo está entre si e conosco, o “pessoal da capital”.

Por mais que as oficinas que eu e outros educadores ministramos focalizassem a questão da comunicação, havia sempre um viés de discussão política por trás. Em todos os encontros, pude perceber que, para além de pensar a comunicação como um instrumento de relacionamento ou a própria relação em si, havia uma comoção e um pensamento que procurava entender a comunicação como um processo político, de empoderamento popular. Essa percepção foi aumentando à medida que os Encontros aconteciam e se confirmou no IV Encontro, em Pedra Azul, em 2015. Os articuladores locais estavam muito sensíveis à questão da violência na cidade (em especial ao envolvimento de jovens numa violência letal) e levaram essa questão para o debate no encontro. Basicamente a questão era: como envolver a comunidade e sensibilizá-la para essa realidade? Esse pode ser um dos elementos para o tema do Encontro, “Estamos mesmo conectad@s”, que promoveu um debate sobre conexão midiática e conexão interpessoal.

Tal encontro, talvez, foi o mais marcante para mim. Ou pelo menos o evento no qual tive um envolvimento maior – nos outros, sempre levei propostas de oficinas no que tange à comunicação como algo para além do instrumental; neste, eu participei de uma construção que era pensar a comunicação e as conexões que estabelecemos quando atuamos em rede. Dentro da oficina de Mídia Tática, conversamos com diversas

pessoas da cidade sobre a sua cor. Esse tema foi motivado depois que apresentamos uma parte do videodocumentário *Zumbi somos nós*, da Frente Três de Fevereiro, de São Paulo/SP. E a motivação para fazer esse debate vem, como disse anteriormente, dos articuladores locais desejarem discutir a questão da violência. Realizamos entrevistas nas ruas que posteriormente se tornaram produtos audiovisuais exibidos na praça, convocando os participantes para realizarem uma reflexão sobre esse problema social. O interessante foi justamente o não descolamento da realidade local para pensar os processos de comunicação e mobilização a fim de enfrentar uma situação dada. Durante e depois da oficina, encontramos-nos num processo de debate sobre o genocídio da população negra jovem, as formas de enfrentá-lo e qual a nossa responsabilidade (individual e coletiva) nesse enfrentamento. Foi um banho de ação política que tomamos naquela cidade. Tenho convicção de que o tom político do encontro – que sempre existiu e foi tomando corpo no decorrer dos anos – ecoou em Medina e em Cachoeira de Pajeú, onde não pude me fazer presente.

Participar do Encontro de Comunicadores por quatro anos foi uma oportunidade ímpar para mim, além de terem sido eventos de formação pessoal e política – aprendi e aprendo muito com os moradores do Vale do Jequitinhonha, a troca é muito intensa. E escrever sobre minha participação, três anos depois da minha última passagem pelo Encontro, me fez refletir sobre esses elementos acima elencados: a possibilidade de construir uma comunicação para além das mídias, relacional e comunitariamente envolvente. Vida longa, ECVJ!



SÂMIA BECHELANE CORDEIRO DE MELO

Comunicadora social, membro do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação, participou da organização e concepção das cinco primeiras edições do ECVJ, através da Associação Imagem Comunitária.



Era manhã de domingo e o calor pleno de um janeiro em Itaobim. Na quadra da Escola Estadual Chaves Ribeiro, lotada de carteiras escolares organizadas em um grande círculo, a discussão seguia ainda mais quente que a temperatura. Estavam ali pessoas de várias cidades do Vale do Jequitinhonha, mulheres e homens, diferentes gerações. E também ‘forasteiros’, vindos principalmente de Belo Horizonte. Era gente poeta, gente que canta, atua e performa, quem já estava há décadas na estrada e também quem começava a buscar rumo. Profissionais atuantes em emissoras de rádio, TV e jornais, assim como jovens *experts* no manejo de seus próprios telefones celulares e câmeras fotográficas. Em que pese essa diversidade, não era uma Babel. Parecia mais uma polifonia de discursos, conectados por algo que, de alguma forma, interessava a todos ali. A preocupação central era mais ou menos essa: como comunicar o Vale do Jequitinhonha?

Não há respostas prontas e/ou simples. Aliás, era justamente isso que aquelas pessoas ali pareciam buscar. Eu também estava naquele círculo, acompanhando tudo com um misto de perplexidade e deslumbramento. Depois de alguns anos desenvolvendo atividades no Vale, era a primeira vez que eu testemunhava (e participava) de uma discussão de tal porte, envolvendo tantas pessoas, e tão diferentes. Não deixava de ser emocionante perceber ali uma certa convergência – ainda que polêmica – de gentes, trabalhos, histórias. Sinto que o que unia as pessoas ali, naquela plenária final do I Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha, em 2012, era essa necessidade tão antiga como é a nossa própria existência. No fim das contas, é de comunicar-se que se trata.

Há muitos anos, ainda recém-chegada no curso de Comunicação Social, folheava um livro que eu havia achado por acaso nas prateleiras da biblioteca. O autor era o sociólogo francês Dominique Wolton, e uma das frases “soltas” da contracapa dizia assim: comunicar é sempre apostar no outro. Nunca mais esqueci. De alguma forma, sinto que isso orienta minha intervenção no mundo. Estamos sempre fazendo apostas. Mesmo que (ou talvez por causa disso) marcada por conflitos, relações de poder e lugares de fala muito distintos, aquela discussão de domingo também era uma aposta. Na possibilidade do diálogo, na geração de consensos, em entendimentos comuns. Me lembro que o grupo conseguiu chegar a alguns deles: quais narrativas temos construído sobre nós? E quais queremos construir? Como levamos o Vale para além dele? Quem deveria ser responsável por isso: nós, a universidade, as novas gerações, todos? Quais os limites entre tutela e autonomia?

Respostas a essas questões estão longe de ser simples. Tampouco é nova essa busca: agentes socioculturais, políticos, servidores públicos, cidadãos em geral da região estão há tempos nessa estrada. Muito tem sido feito para ressignificar os estigmas associados ao Vale do Jequitinhonha, revestindo de novos sentidos uma das regiões que é – a meu ver – uma das mais potentes do estado. A criação do Festival de Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale), realizado anualmente desde 1980, permanece como um dos exemplos mais significativos. Também é válido mencionar os vários festivais de teatro, circo, música, literatura, feiras de artesanato, encontros

temáticos, as rádios livres e comunitárias, portais e blogs independentes, jornais, entre outros. Em quase dez anos de alguma convivência com o Vale e com sua gente, posso afirmar que muito do que é feito pelas pessoas em seus cotidianos, de forma deliberada ou ‘distraída’, dedica-se a fazer do Vale um lugar melhor para se viver.

Então, qual missão um encontro como o de comunicadores do Vale do Jequitinhonha vem a cumprir? Para mim ele é, em si mesmo, mais uma dessas apostas. Até agora, são sete bem-sucedidas edições, em cidades do alto, médio e baixo Jequitinhonha, com cerca de mil participantes e 57 oficinas ofertadas, além de plenárias de discussão, mostras de oficinas, saraus culturais e incontáveis encontros além-programação. Não podemos nos esquecer dos ganhos qualitativos, ainda que mais difíceis de mensurar: novos aprendizados, conexões e relacionamentos, além do fortalecimento de grupos, movimentos e coletivos. Isso nunca será pouco.

Ainda sobre a comunicação como aposta, vale a pena um destaque. Existem apostas e apostas. Algumas apenas jogamos para o alto, arriscando, sem muito lastro – claro que essas têm o seu lugar e podem mesmo deixar a vida mais interessante. Eu diria, porém, que não é este o caso do Encontro. Trata-se de uma aposta consistente, lastreada neste mesmo histórico “estampado de chita” sobre o qual falamos acima (sei que soa bastante clichê, mas minhas experiências sensoriais do Vale estão muito associadas ao colorido da chita e à cor ocre da cerâmica!). É ancorada em uma

confluência oportuna de muito do que já vinha sendo feito na região. Pelo Programa Polo Jequitinhonha, pelas instituições, grupos e movimentos, por coletivos de jovens, por pessoas “comuns”. Explico.

A comunicação sempre foi um elemento fundamental nos trabalhos do Programa Polo Jequitinhonha, em seus esforços de integrar as atividades desenvolvidas pela UFMG no Vale. Materializada, entre outras, em atividades de comunicação interna, institucional e produção de publicações. E, especialmente, em atividades formativas. Contribuir para a formação e o empoderamento de agentes comunicadores no próprio Vale é um dos objetivos do Programa. Não que esses saberes não circulem no Vale; aliás, é bem conhecido na região o longo histórico de rádios livres, a tradição dos jornais locais (incluindo o Gerais, que deu origem ao Festivale), publicações independentes e outras iniciativas de comunicação que podemos, aqui, nomear como comunitárias. Mas o Polo Jequitinhonha estava interessado em oferecer suporte a essas práticas, especialmente devido ao seu vínculo com o Departamento de Comunicação Social da UFMG.

Em parceria com diferentes organizações da sociedade civil, o Programa já vinha oferecendo formação em comunicação – especialmente junto a jovens – no contexto de diferentes eventos culturais na região. Essa tecnologia social ganhou o nome de “Assessoria de Comunicação Colaborativa”. A proposta é que, com o apoio de estudantes e profissionais de comunicação social, pessoas do Vale se apropriem do fazer

comunicativo e produzam suas próprias narrativas. Exemplos valiosos são as assessorias de comunicação no âmbito de 22º, 27º, 28º, 29º, 30º e 31º edições do Festival, além de edições do Festival de Teatro do Vale do Jequitinhonha (Festeje) e do K-iau em Cena (de Araçuaí).

Outro aspecto muito interessante do Vale e que também dá lastro a essa aposta são os fortes vínculos entre cidades da região, especialmente entre as pessoas. Sempre admirei muito isso. O sentimento de identificação e pertença dos moradores com seu lugar parece ser muito mais forte que em qualquer outra região do Estado. E é isso que faz possível a realização de um encontro de comunicadores *daquela* região. No Vale, isso não é só possível como real: prova disso são os já mencionados encontros, festivais, eventos em diferentes temas e áreas, sempre com a oferta de alojamentos gratuitos ou a baixíssimo custo, de maneira a garantir que os participantes permaneçam na cidade durante todas as atividades. Participar desses eventos é a ter a certeza de (re) encontrar amigos de várias cidades da região. São afetos, vínculos, amizades além-fronteiras, mesmo entre cidades que estão a considerável distância.

Temos aí, portanto, um terreno mais que fértil para um encontro como esse, combinado com certa ousadia do Programa Polo Jequitinhonha em lançar a proposição: e se reunimos agentes de comunicação no Vale para falar do que é comum, formar (mais) pessoas e potencializar vínculos? A aposta é também das prefeituras das cidades-sede, que se dispõem a acolher o encontro; das organizações, coletivos,

movimentos que atuam como parceiros na organização. De todas as pessoas que fazem o seu melhor nos bastidores (às vezes custoso!) da produção do evento. E uma aposta também de quem “apenas” abraça a proposta: gente que vai para rever velhas amizades e criar novos vínculos. Gente que vai para participar de oficinas e aprender algo novo. Gente interessada no tema-geral do encontro, que atuam profissionalmente com comunicação. Gente que nem faz tanta ideia do que trata essa (por vezes abstrata) “comunicação”, mas que igualmente embarca na proposta.

A primeira edição do ECVJ aconteceu em janeiro de 2012, em Itaobim. Desde então, passou por Capelinha, Jequitinhonha, Pedra Azul, Medina, Cachoeira do Pajeú e Taiobeiras. Tive o prazer de participar da concepção e execução das cinco primeiras edições, em parte devido à minha experiência com trabalhos no Jequitinhonha – que se fortaleceu com as várias participações no Encontro. Ao longo desses anos, percebo que alguns desafios permanecem. A escolha da cidade-sede é, sem dúvida, um dos mais importantes. Os municípios que desejam acolher o Encontro devem fornecer alojamento, alimentação, espaços adequados para as oficinas e as outras atividades da programação durante os três dias de evento, além de equipamentos, transporte disponível durante o Encontro e outras eventuais necessidades. Em Belo Horizonte, a equipe do Programa Polo Jequitinhonha também se esforçava bastante para fazer o evento acontecer, em contato permanente com a cidade-sede e viagens periódicas à região. É um notável e exigente esforço de produção.

A mobilização também demanda empenho: garantir que as boas novas sobre o Encontro cheguem a quem devam chegar e despertem nas pessoas o desejo de se somarem. Como comunicadores, sabemos que isso vai muito além da simples divulgação. Envolve várias reuniões presenciais ou por videoconferência entre as equipes de produção, um alto volume de telefonemas e e-mails e um permanente trabalho com mídias sociais, além do precioso “corpo a corpo” com potenciais públicos em cidades do Vale. Tudo isso a ser feito com considerável antecedência. Para que três ou quatro dias de evento transcorram normalmente, são necessários mais de seis meses de trabalho!

Também observo mudanças importantes em relação ao Encontro. Uma delas diz respeito ao perfil dos participantes. Em vez da diversidade descrita em parágrafos anteriores, me parece que hoje o público do evento é majoritariamente adolescente e jovem, muitos em busca de uma primeira aproximação “formal” com o universo da comunicação. O caráter das oficinas também mudou: talvez em consonância com os públicos juvenis, elas têm se focado especialmente em novas mídias, linguagens e processos, com destaque para a experimentação – como as oficinas de grafite, publicações literárias independentes e mobilização social com lambe-lambes.

Vejo também que o evento tem se tornado cada vez mais colaborativo. Isso me parece importante não apenas para fazer valer os princípios da extensão universitária, mas também para fortalecer a própria dimensão dialógica que

permeia nossa crença no fazer comunicativo. Mudanças na estrutura do evento têm corroborado esses esforços. As mesas-redondas que integram a programação, por exemplo, passaram a contar cada vez mais com pessoas da região e menos com representantes da UFMG, de Belo Horizonte ou de outras regiões. Também já virou regra: a maioria das oficinas tem sido conduzida por duplas compostas por pelo menos uma pessoa da região, especialmente jovens cuja formação na área tenha relação com o Encontro e muitas já são ministradas exclusivamente por pessoas do Vale. Outro ponto importante é a organização do evento, que progressivamente tem sido cada vez mais delegada aos protagonistas locais.

EM DIÁLOGO CRIATIVO

Nas cinco primeiras edições do evento, tive a alegria de atuar como educadora nas oficinas ofertadas pelo Encontro. Entre as atividades profissionais que desenvolvo, essa certamente é uma das mais gratificantes. Exige criatividade e paixão pelo fazer. Tão importante quanto o conhecimento sobre temas e conteúdo é a construção cuidadosa de métodos que facilitem a interação, a comunicação, o engajamento e o aprendizado dos sujeitos. Para mim, este é um dos maiores desafios em qualquer espaço de aprendizado. Sou dessas pessoas que sente um friozinho no estômago antes de conduzir qualquer oficina, aula ou afim, por mais preparada que eu esteja. Mas, na grande maioria das vezes, sempre finalizo as atividades me sentindo muito grata pelas trocas proporcionadas.

Como integrante da AIC, uma das ONGs parceiras do evento, participava das etapas de planejamento, execução e avaliação. A preparação das oficinas, especialmente, era sempre a tarefa mais trabalhosa. Elaborávamos uma proposta, discutíamos com a equipe organizadora, retornávamos às nossas organizações e, daí em diante, tínhamos plena liberdade para o desenvolvimento metodológico. Uma das mais marcantes foi, sem dúvida, nossa oficina de *stop motion* para iniciantes, ofertada nas 2.ª e 3.ª edições do Encontro. Da concepção ao roteiro, da produção à fotografia: tudo foi construído ali.

Na primeira vez em que ofertamos a oficina, em 2013, em Capelinha, os participantes queriam narrar algo ligado ao artesanato em barro, esse lindo ícone do Vale do Jequitinhonha. Queriam também incluir como trilha a canção "Jequitivale", de Verono (se você tem alguma proximidade com a região, com certeza já terá escutado por lá os versos do refrão: "Vale que vale cantar/ Vale que vale viver/ Vale do Jequitinhonha/ Vale, eu amo você"). Em apenas duas tardes, o resultado foi o vídeo "Os jarros de D. Maria", com a labuta cotidiana de uma artesã que modela seus vasos de barro e os coloca no forno. Um adorável filminho amador em *stop motion*, com menos de 2 minutos, que, arrisco a dizer, tornou-se um dos destaques entre as produções das oficinas.

No ano seguinte, em Jequitinhonha, a ideia veio de um dos participantes a partir da música "Onhas do Jequi", do Rubinho do Vale: "conta, conta, cantador/ conta a história que eu pedi/ dizem que o Jequi tem onha/ canta as onhas do Jequi". Na

busca por histórias de pescadores, o grupo escolheu falar do Bicho da Carneira, a famosa lenda do homem-lobisomem da cidade de Pedra Azul. Daí para o roteiro foi um pulo: de sua embarcação no Rio Jequitinhonha, um pescador pesca um contador de histórias, uma câmera fotográfica (alô, Encontro!), um boi-de-janeiro (tradicional nas festas da região) e, quem mais? O assombrado Bicho da Carneira! Mas, ufa, parece que tudo não passou de um sonho. E novamente, em duas tardes, *habemus* vídeo.

Outra experiência muito interessante foi a oficina de publicações literárias independentes (Tanto as duas oficinas de *stop motion* quanto a de publicações literárias independentes foram conduzidas junto com a talentosa designer e ilustradora Bruna Bezerra Lubambo Maia, da Associação Imagem Comunitária), em 2015, Pedra Azul. Como aquecimento, propusemos a criação de livres narrativas a partir de um conjunto de postais do fotógrafo Lori Figueiró, de Diamantina. Em seguida, dois desafios: um deles era sair às ruas e compor livres narrativas a partir de uma movimentada manhã de sábado. O segundo envolvia ilustrar o trabalho de outro participante a partir de texturas, recortes, tecidos e diversos outros materiais criativos. Ao final, com linda capa artesanal em serigrafia e encadernação manual, nascia o livreto “Retratos imaginários na terra das pedras-águas”, uma homenagem à cidade que acolhia o evento. Com ele, nasciam também novas possibilidades criativas em uma região que não se cansa de impressionar pela força e potência de suas gentes. E que não se cansa de me deixar saudades.



ÁGATHA DE SOUZA AZEVEDO

Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela UFMG, foi bolsista do Polo Jequitinhonha UFMG no primeiro semestre de 2015. Participou do 4º ECVJ.



Poder ter ido ao Vale do Jequitinhonha com o Polo me traz gratidão. Levo comigo muitos bons momentos, amizades incríveis, experiências profissionais que me mostram uma saída ao sistema capitalista e pouco criativo que vivemos, e um olhar de esperança. Na região, eu aprendi que cada cuidado e cada carinho faz toda a diferença e que o projeto desenvolvido em conjunto com os jovens do Vale é transformador, não porque levamos um pouco da Universidade para eles, mas porque eles nos dão um pedacinho de “Jequi”, e isso temos que guardar e receber com amor.

Para mim, trabalhar no Polo é ser militante por uma comunicação popular, que funcione, mobilize e gere engajamento. Mais do que uma oportunidade de estágio, é a chance de poder olhar o mundo através da mirada do outro e se permitir aprender junto, escutando e compartilhando experiências. Para mim, o projeto reflete o pilar da extensão universitária em seu sentido máximo de aporte à sociedade do que a Universidade produz, que além de dever dela, é também o que humaniza e dignifica a nossa formação.

Meu primeiro e único Encontro de Comunicadores aconteceu em 2015, na cidade de Pedra Azul. Nesta oportunidade eu pude refletir sobre o que é a realidade local e como é importante dar suporte ao desejo de falar que a juventude tem. Pude ajudar com as redes sociais, com a fotografia, com o jornal mural e com o rádio, participando um pouco de cada frente e escutando a juventude, principalmente. Como sempre, mais aprendi do que ensinei.

Antes disso, eu já tinha conhecido alguns parceiros durante oficinas que dei na região, também com o Polo, e pude reencontrá-los no Festival de 2015 que, como fruto do nosso trabalho conjunto, também contou com uma cobertura colaborativa jovem, interessada e atuante. Hoje olho para este Vale que já chamo de meu e penso que oportunidade única que a UFMG e o Programa Polo me deram quando abriram as portas para mim. São hoje parte indissociável da minha formação como jornalista e comunicadora popular.

O Encontro de Comunicadores foi uma das primeiras escolas e dos primeiros testes do que hoje vem a ser a minha vocação, a educação e o aprendizado coletivo. Aí, junto à juventude do Jequi, aflorou o meu desejo pela educomunicação. A comunicação segue unida, circulando, e em cada curva, posso me aproximar de novo do que é o trabalho lindo realizado pelos lutadores que ousam comunicar de modo diferente na região. Uma vez Vale, sempre Vale.



CRISTIANO LANDA PRADO

Graduado em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela UFMG. Foi voluntário no 5º ECVJ.



Foram mais de doze horas na estrada que me lembravam de quando eu ia pra casa da minha vó. Mas eu não *tava* indo pra lá, e isso era estranho. Aí nem quinze minutos de viagem e eu percebi que tinha deixado o fone de ouvido em casa. Vieram a ser quatro dias sem Spotify, e eu achando que isso seria impossível.

Eu ia indo pro 5º Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha, na cidade de Medina, como voluntário do Polo Jequitinhonha, projeto de extensão da UFMG. Como um péssimo voluntário, fui me inteirar das funções só lá mesmo no evento. Como parte do meu papel de Suporte, logo na primeira manhã, sexta-feira, estava eu na secretaria da Câmara Municipal realizando o credenciamento dos quase 150 inscritos.

Eram jovens de tudo quanto é cidade do Vale: Itaobim, Padre Paraíso, Salto da Divisa, Araçuaí, Cachoeira de Pajeú (cujo nome ainda nunca tinha ouvido falar e hoje já não esqueço). “Bom dia! Qual o seu nome?” E, nesse protocolo, eu ia olhando os rostos de cada um que chegava para assinar a presença e receber o crachá. Fala-se que os olhos são a janela da alma – e eu já acho que são a alma inteira. Um sintoma inegavelmente genuíno e bonito de ser humano. Os de olhos tímidos, os animados, os disfarçados, os sonolentos, os proativos. Eu odiava a burocracia de conferir lista, juntar pasta, cortar fita, entregar folha; mas já até me esquecia disso.

“Ô, Laura, você não acredita no que já aconteceu desde a outra vez que vocês vieram”. Esse era o Bruno, conhecido de

outras primaveras pelo pessoal do Polo. Queria ficar com os meus óculos. Queria ser jornalista, dizia ele. E também uma câmera pra tirar foto dos problemas da cidade e denunciar no “Medina pede ajuda”, perfil que ele administra no Facebook. *“Ô, Laura, você não acredita no que já aconteceu desde a outra vez que vocês vieram. Meu vô morreu. Não passou um ano, minha vó foi junto”.*

A cada pessoa, a todo sotaque, se desenrolava uma dose de história que absurdamente não era literária. Era só realidade mesmo.

No almoço, os pratinhos de plástico coloridos, as *colherzinhas* de plástico coloridas, as canequinhas coloridas, eu encantado. Almoçar sem cerimônia, sem pesar na balança, sem escolher se filé ou frango, sem garfo e faca e porcelana e guardanapos. A quadra da escola tinha ares de um trem simples, natural, bom de estar.

E aí na sexta à noite talvez tenha sido quando a viagem toda mais fez sentido. No ginásio, os preparativos para a abertura oficial do evento. Mesa composta, decoração ajustada, cadeiras distribuídas, gente chegando. Nas laterais, uma exposição de fotos pelas cidades da região. Tinha paisagem e tinha gente. Não eram poucas as fotos que me seguraram por minutos e me mandavam respirar fundo pra assimilar o profundo daquilo.

Os componentes da mesa começaram a falar. Nos discursos diplomáticos, tédio. Noutros *cê* via que o coração não se

continha de intervir na oratória. Isso me deixava feliz. Inclusive veio ainda uma palestra maravilhosa da Rafaela Lima, da Associação Imagem Comunitária, falando de comunicação e arte de um jeito tão maravilhoso, tão crente naquilo, que dava aquela certezazinha despreziosa de que, sim, eu amo muito tudo isso. No fundo, eu ia vendo que comunicação é só um jeito absurdamente prático e inevitável de deixar a gente cada vez mais humano – e certamente mais feliz.

Por fim, vieram as apresentações culturais. Começaram as coreografias e, antes que aquela velha opinião formada sobre tudo vestisse a carapuça dos pré-conceitos e expectativas, logo o som saía de “chuva, eu peço que caia devagar” para “Uptown Funk”. Não tente adivinhar o que o Vale quer dizer. É sempre muito, *muuuito* mais. Seguiram-se acrobacias de alguns outros meninos e a plateia tensa a cada ousado salto. Entretinha e falava um tanto.

Toda a proposta do evento e dos esforços no Polo buscavam democratizar os discursos sobre o Vale e mostrar à população dali sua possibilidade e capacidade de expressar pro mundo o que quer que eles tivessem a dizer. E aquilo ali era exatamente isso, sem tirar nem pôr. A convicção a cada passo, a alegria a cada palma, a cada riso me davam uma paz e uma agonia profundas. A paz instintivamente empática de ver gente sendo feliz, sendo verdadeira. E a agonia de talvez estar ainda longe demais de entender o que significava tudo aquilo. Sem que eu quisesse, ainda era um pouco do meu eu acadêmico da capital, achando bonita e original a arte simples, distante, popular e folclórica do Vale. Às vezes

esquecendo que era mais que isso: era personalidade, era expressão, era uma diversão, era cultura, era gente. E tinha hora que eu me culpava por quando enxergava tudo com cara de objeto de estudo. Só me aliviava quando me percebia rindo, talvez quase chorando, numa gratidão enorme por estar ali.

Era gente. E minha gratidão crescia à medida que eu via como era bonito isso. Tá tão na cara, e a gente custa muito a perceber. É tudo questão de ser humano. Tudo são pessoas, percepções, sensações, ideias, amor. Aliás, amor não me costuma parecer uma palavra fácil, mas suspeito que seja o jeito autodidata de o ser humano aprender a ser humano. Só isso. E aí eu viajava sobre como seriam as coisas se a gente não se esforçasse tanto por esconder isso.



JULIA ELIAZAR BRITO

Graduada em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela UFMG, foi bolsista do Polo Jequitinhonha UFMG de março de 2013 a agosto de 2014. Participou do 2º e do 3º ECVJ.



19 anos. cursando o 4º período de Comunicação Social na UFMG. Pouca experiência profissional, entusiasmo pelo curso e uma paixão repentina pela cartilha que me apresentou ao Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha – era tudo o que eu tinha. Esperei pelo professor Márcio Simeone ansiosamente no *hall* da FAFICH, no dia que seria a minha entrevista para fazer parte do programa. Os dias subsequentes foram de insistentes F5 no meu e-mail. Até que, por fim, fui aprovada no processo seletivo.

Fui bolsista do Polo Jequitinhonha durante um ano e meio. Nesse período, fiz parte do projeto Conexões do Vale e do Suporte de Comunicação. Isto é, o Polo fez parte de mim e da minha formação acadêmica durante três períodos da graduação, e, vale dizer, foi também inspiração para meu projeto de conclusão de curso, especialmente pelas bases teóricas fundamentadas em educomunicação e comunicação em extensão.

No meu caso, somam-se, ao todo, mais de dez viagens em que experimentei uma vivência extraordinária de tudo que a Comunicação em extensão pode proporcionar: o cerne da organização e planejamento de eventos para e com a comunidade, o planejamento e a responsabilidade de lidar com as oficinas educativas para crianças e jovens, sempre com a sensibilidade de aprender com os alunos (e quando necessário adaptar as atividades) e, claro, a necessidade do estudo e da reflexão para além do que é proporcionado em sala de aula. Como pessoa, estudante e, agora, comunicóloga, eu posso afirmar que a experiência foi ímpar. E foi assim, a cada viagem, que eu fui descobrindo formas de se fazer uma comunicação mais justa e plural.

O Encontro de Comunicadores sempre foi um importante evento dentro do Polo Jequitinhonha. Ele envolvia todas as áreas de comunicação do Polo: audiovisual, oficinas, planejamento de eventos e assessoria de imprensa. Todos os bolsistas se viam integrados em uma rede (e das mais amplas) de conexões dentro e fora da UFMG. Eu posso afirmar, com mais segurança, sobre o que senti participando da organização de um dos Encontros. Vamos lá.

Discutimos por horas o que seria a essência da edição do momento. Em uma mesa redonda, estudantes, professores e convidados externos expunham suas opiniões e impressões, com base em experiências anteriores, leituras atuais ou qualquer tipo de *insight*. As ideias fervilhavam, e o apoio de gente que acreditava no Vale do Jequitinhonha era fundamental, dava gosto de ver. Associações externas, como a ONG Associação Imagem Comunitária e a Oficina de Imagens, se colocavam de prontidão para ajudar no que fosse preciso. Ex-bolsistas procuravam pelos organizadores, ansiosos por alguma vaga na viagem, desejando fazer parte disso tudo. Aos poucos, o evento ia tomando forma.

A escolha da cidade era também uma importante etapa. A intenção era tornar as atividades o mais democráticas possível – e com isso eu quero dizer “acessíveis”. Pensávamos nos alojamentos para receber jovens e oficineiros de outras cidades, e, claro, logística era essencial. Nesse ritmo, fazíamos contatos com os líderes de referência das cidades mais próximas – o convite (de imediato) era feito assim, direto por telefone.

Tendo a base sido definida, era hora de pôr a mão na massa: cartazes de divulgação, lista de convidados e confirmações,

orçamento de materiais, levantamento de equipamentos necessários, divisão da equipe por frentes, planejamento das oficinas, reserva de ônibus, carros e hotel.

Particpei do 3º Encontro de Comunicadores no Vale do Jequitinhonha, em janeiro de 2014, na cidade de Jequitinhonha. O calor pode ter até tentado, mas não foi fator de desânimo em nenhum dia. Viajamos por doze horas cantando, contando casos e lembrando de outras viagens.

A proposta? Fazer um Encontro de Comunicadores incrível, com oficinas didáticas e atrativas, que funcionariam a todo vapor, no mínimo oito horas por dia. Ocupamos as praças e os demais espaços comuns, como a Casa de Cultura da cidade, com as atividades e exposição dos produtos. E, claro, como já era de costume, os jovens do Vale foram a “alma do negócio”: se envolveram nas atividades dando o toque de personalidade que já era conhecido.

Esperávamos viver uma semana de muito trabalho, com a gratificação de ver os produtos finalizados sempre superando as expectativas, fazendo simultaneamente uma cobertura “humanitária”, colhendo depoimentos e cobrindo as atividades para registro e divulgação posterior em diversos canais. Os oficineiros, por sua vez, mesmo que já tivessem conhecimento sobre o grande potencial dos jovens participantes, também esperavam pelo “toque surpresa”, aquele que vinha com cada viagem, que dependia da turma, do perfil dos envolvidos, da cidade, dos interesses e vontades de cada um. O resultado? Exatamente o esperado.



VIVIAN DE ALMEIDA ANDRADE

Graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela UFMG, foi bolsista do Polo Jequitinhonha UFMG no período de fevereiro de 2014 a agosto de 2015. Participou do 4º ECVJ.



A oportunidade de ir até o Vale do Jequitinhonha, vê-lo e vivê-lo, é uma joiazinha que alguns dos estudantes da UFMG podem guardar consigo por toda a vida. Quando me tornei bolsista do projeto de extensão *Vozes do Vale*, que por meio de produções radiofônicas pretende difundir as várias vozes da região, pude conhecer cidades, pessoas e realidades diversas, em um ambiente bastante diferente dos que eu havia conhecido até então. No meu primeiro semestre como bolsista viajei quase uma vez por mês, participando de oficinas e eventos como seminários, festivais e encontros. E, apesar das longas horas de viagem, eu adorava.

Durante cinco anos o Polo realizou, em parceria com cidades e organizações do Jequitinhonha, o Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha, que reúne pessoas de várias cidades para discutir as práticas de comunicação na região. Como bolsista participei de um deles, o 4º ECVJ, realizado na cidade Pedra Azul, em janeiro de 2015. Integrando o núcleo de rádio, eu e mais dois colegas de trabalho planejamos uma oficina de web rádio que seria ofertada aos participantes do evento com o objetivo de trabalhar ferramentas de áudio na internet. Em três dias de oficina foram criados programas para falar do Vale do Jequitinhonha, das notícias, das curiosidades e dos problemas locais.

Ao final desse trabalho saímos bastante satisfeitos. Embora a oficina tenha rendido bastante, com podcasts sobre assuntos diversos e uma seleção de músicas planejada de acordo com os temas abordados, nosso ganho foi muito além dos resultados obtidos em sala. Pudemos observar, nas oficinas

ministradas por outros bolsistas, nos debates e nos eventos culturais realizados à noite, a importância do trabalho coletivo e do diálogo para o aprendizado, adquirido por meio da troca que o contato com o outro nos proporciona.

A cobertura do evento foi feita de forma colaborativa, com auxílio das oficinas que trabalhavam os formatos impresso, on-line e sonoro. Na verdade, o que trouxe um resultado tão positivo para o trabalho foi o interesse dos jovens envolvidos, sempre dispostos a realizar as tarefas propostas, estar em contato com novas pessoas e a aprender e ensinar. Em ocasiões como essa percebemos a importância do protagonismo juvenil e do acesso amplo aos meios de comunicação, da manutenção de um espaço em que esses jovens possam expor sua visão sobre o contexto local e, dessa forma, participar da construção do espaço em que vivem. Quanto a nós, bolsistas, só temos a agradecer. A imersão em uma cultura diferente e a interação com outros jovens traz uma quebra de preconceitos e estereótipos essencial para nossa formação, nos proporciona ver de perto, estar em contato com o outro e em diálogo sempre, de olhos abertos para novas realidades e contextos.

Com muito carinho, essa joiazinha permanece guardada. Vale, querido, nos encontramos por aí.

EPÍLOGO

CONEXÃO OROPA FRANÇA E VALE: UM PERCURSO DE VOLTA ÀS PAISAGENS SONORAS DO VALE DO JEQUITINHONHA

Graziela Mello Vianna

Professora doutora do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Coordenadora do projeto Vozes do Vale (2009 a 2015) e do Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha (2012 a 2016).

*“Nas lonjuras dessa terra
Vi canto de roda e rua
Vi contradança e congado
Vi coisa de encabular
Eu vi Folia de Reis
Eu vi sabiá cantar
Eu vi rosa no sertão
Gravatá, mandacaru
Vi boi berrar na caatinga
Eu vi vaqueiro aboiar”*

Rubinho do Vale

Escrevo esse relato-ensaio de longe, durante o desenvolvimento da minha pesquisa de pós-doutorado na França. Um longe-perto porque, uma vez que a gente vai ao Vale do Jequitinhonha, o Vale não sai da gente, a gente carrega o Vale no coração e nos ouvidos para todos os lados. Os gauleses já me ouviram falar com saudade do Jequitinhonha. Tentam repetir um nome com uma sonoridade tão nossa que nunca dá certo. Saudade também é palavra que não existe na língua francesa. Mas eles já sabem do carinho que tenho pela região com o nome que eles não conseguem pronunciar.

Assim, é com muita alegria que, do outro lado do oceano, daqui do Velho Continente, embarco no convite do querido colega do departamento de Comunicação, Márcio Simeone, para fazer um relato sobre as experiências sonoras no Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha, que acontece desde o ano de 2012. Espero que seja com alegria também que o leitor me acompanhe nesse breve percurso de volta ao Vale que remonta às viagens que fiz (com Márcio e também com colegas queridas da UFMG como Marizinha Nogueira, Terezinha Furiati e com as equipes de bolsistas, voluntários e parceiros) e atravessa as paisagens sonoras, seguindo as vozes que registramos por lá.

Não posso negar que viagens longas são cansativas, mas as viagens da equipe do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha serviam como momentos de troca de ideias entre estudantes, funcionários, professores e parceiros do programa. O balanço do ônibus servia para embalar sonho, conversa à toa para o tempo passar e o Vale

chegar logo e novos projetos. Assim surgiu o Almanaque do Vale, o Álbum do Fórum da Mulher do Vale e as primeiras ideias do Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha: de conversas assim, ao longo da estrada que nos levava ao Vale, que seriam amadurecidas mais tarde junto com os parceiros locais e outros colegas da Universidade. O Encontro de Comunicadores ao amadurecer se tornou um projeto apoiado pela Pró-reitoria de Extensão da UFMG, pelas prefeituras e associações locais, pela FAPEMIG, pelo MEC e por parceiros como a Associação Imagem Comunitária (AIC) e a Oficina de Imagens.

No momento do período embrionário do Encontro, quando a proposta começava a florescer, eu estava na coordenação do projeto Vozes do Vale, um projeto que buscava dar voz aos jovens da região por meio de oficinas de *podcast* e *web rádio*. Nossa equipe do Vozes do Vale foi responsável também pelo núcleo de áudio da Assessoria de Comunicação Solidária dos 200 anos da cidade de Jequitinhonha e dos 50 anos da cidade de Itaobim.

Participamos dos debates sobre o direito à Comunicação e a equipe do Vozes ofertou oficinas de rádio para os comunicadores populares no 1º Encontro de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha (ECVJ), que aconteceu na cidade de Itaobim em janeiro de 2012. Além da oficina, acompanhamos os jovens do núcleo de áudio na produção do informativo sonoro sobre o evento: o programa Diz Aí, Itaobim! – o primeiro informativo está disponível em <<https://goo.gl/WDNRfN>>.

Reescutar os programas *Diz aí, Itaobim!* para escrever este relato funcionou para mim como uma *madeleine* proustiana: comecei a me lembrar da casa onde a assessoria de comunicação estava instalada, dos jovens assessores, dos dias de produção dos programas, das oficinas e dos comunicadores populares que participaram, dos debates inflamados, dos bons encontros naquele 1º ECVJ. Foi tão produtivo o Encontro que logo começamos a pensar nos seguintes.

Assim, participamos do planejamento do 2º ECVJ, realizado em 2013 em Capelinha, do 3º ECVJ na cidade de Jequitinhonha em 2014, do 4º ECVJ em 2015 em Pedra Azul e do 5º Encontro em 2016 em Medina. A organização dos primeiros Encontros ficou a cargo do Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, da Pró-reitoria de Extensão da UFMG, em parceria com a AIC e a Oficina de Imagens e apoio local das administrações e escolas municipais, organizações não governamentais, coletivos de comunicadores e artistas da região. O planejamento sempre se deu de forma partilhada entre todos os atores sociais envolvidos no Encontro, e atualmente, na sua sétima edição, a organização e a logística também são protagonizadas por tais atores.

Estive na coordenação do projeto Vozes do Vale até o 5º ECVJ (infelizmente, outras atividades presenciais na UFMG diminuiriam a minha disponibilidade para as viagens para o Vale do Jequitinhonha e, assim, tive que deixar a coordenação do projeto Vozes do Vale). Nesse período, o Vozes contribuiu

com oficinas preparatórias ofertadas para os jovens das cidades-sede do evento, meses antes de cada ECVJ, atendeu às demandas de oficinas que constituíam os ECVJ (tais como produção para rádio, radiodocumentário, radionovela, áudio drama, web rádio etc.) e deu suporte aos jovens comunicadores que faziam a assessoria de comunicação dos Encontros. As oficinas de produção sonora tiveram como produtos podcasts, programas de rádio e web rádio que apresentavam conteúdos diversos, em formatos dos mais distintos: reportagem, radiodocumentário, programa de humor, programa musical, propaganda, paisagem sonora, percursos sonoros, radionovela, áudio drama, dentre outros.

Para escrever esse relato, voltei a boa parte dessas produções que me conduziram às paisagens sonoras e multissensoriais do Vale do Jequitinhonha, por meio de algumas marcas sonoras (SCHAFER, 2001) da região. Ouvi de novo as cantigas do Boi de Janeiro e da Nega Maluca de Maria Trovão (“Lá vem o sol, lá vem a lua, lá vem Boi de Janeiro passeando pela rua...”), entoadas pelas ruas de Itaobim, fechando uma das noites do primeiro Encontro. Ouvi os passarinhos em festa na época das mangueiras carregadas e dancei mais uma vez no cortejo da serpente nas ruas de Jequitinhonha. Fui levada pelos cavalos do distrito de São Pedro. Escutei diferentes versões do bicho da Carneira, de Pedra Azul ou da Fortaleza (inclusive, uma surpreendente versão contemporânea do Bicho, segundo a qual ele foi visto de moto) contada em radionovelas e radiodocumentários produzidos nos Encontros. Senti o doce do café, dos bolos e da simpatia de cada morador que nos recebeu em sua casa para a produção

dos programas, o gelado do sorvete nos intervalos das produções e o sabor do feijão, da farofa e do macarrão nos almoços servidos nas escolas que participavam dos eventos. Senti no corpo de novo a chuva em Pedra Azul e o gosto do gole da bebida na canequinha da Terezinha para esquentar. Ouvi os tambores mágicos do mestre Antônio e os sinos das igrejas das cidades onde aconteceram os Encontros. Escutei o rio. Embarquei mais uma vez na canoa da dona Zizi, que nos contou um segredo do rio Jequitinhonha: lá, as carpas rosnam. Com os sons dos teares, vi as cores das linhas tingidas com as frutas da estação. Ouvi a poesia dos artistas no sarau do encontro de Capelinha.

Além das paisagens multissensoriais, as vozes registradas nas produções sonoras encarnam, na ausência da imagem, o corpo do dono da voz. Podemos pensar em escutar esses corpos encarnados nas vozes de diferentes maneiras. Podemos por exemplo, escutar o grão da voz, como nos sugere Roland Barthes (1990); em outras palavras, perceber a particularidade de cada voz por meio do timbre, da dicção, do tom e da musicalidade.

Portanto, coloquei os ouvidos a peneirar os grãos das vozes para pensar nos sujeitos, os donos das vozes encarnados nos programas produzidos na ocasião dos Encontros. Escutei criança, jovem e adulto, de várias idades sugeridas pela voz. Escutei sotaques de lugares diferentes. Escutei comunicadores experientes, futuras e futuros comunicadores que experimentavam pela primeira vez um microfone ou

um gravador. Escutei entoações espontâneas e textos lidos. Escutei sujeitos tristes e sujeitos entusiasmados.

Essa diversidade de vozes que escuto nos programas que resultaram dos Encontros de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha me faz acreditar que conseguimos criar espaços democráticos de debate. Estes sujeitos me falam dos mais variados assuntos: discutem o acesso a comunicação, entrevistam os participantes dos Encontros, me contam da vida cotidiana, das lendas, dos artistas e dos artesãos da região. Denunciam problemas sociais no Vale: violência contra a mulher, exploração sexual infantil, homofobia, racismo. Falam do Rio Jequitinhonha, das estradas que cortam a região. Reivindicam espaços de comunicação para as suas vozes, para questões do Vale do Jequitinhonha.

Se as temáticas dos Encontros de Comunicadores do Vale do Jequitinhonha estão centradas na comunicação, ao experimentarem estratégias de mobilização e dispositivos alternativos, os comunicadores ganham lugar de fala para tratar de temáticas mais amplas relacionadas à região.

Ainda há muito a se fazer no sentido do direito à comunicação e à visibilidade do Vale do Jequitinhonha. Mas esse breve percurso conduzido pelos grãos das vozes do Vale me leva a crer que as sementes do debate foram plantadas e florescem com os coletivos locais, com os novos comunicadores e com novos usos da comunicação.

“Ô, Manuel, Miguilim, vamos embora!” Termino aqui esse percurso e faço então a minha conexão imaginária de volta – Vale do Jequitinhonha/França-Oropa com excesso de bagagem. Bagagem cheia de bons *souvenirs* das paisagens sonoras do Vale do Jequitinhonha e da alegria de ter participado do início de um projeto que sugestivamente tinha em seu logotipo uma árvore cheia de passarinhos. O ECVJ criou raiz e asas no Vale e continua a multiplicar suas vozes mundo afora.

Observações: Uso a frase “Oropa França e Vale” parafraseando a personagem Vei do romance *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade (1928). “Ô, Manuel, Miguilim, vamos embora!” é referência ao final da canção “Assentamento” (1997), de Chico Buarque, que faz citação de um texto de Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Publicado digitalmente no
verão de 2019, em Belo
Horizonte, à espera de mais
um ECVJ, que se aproxima.

